



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO – GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS -
INHCS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA –
MESTRADO PROFISSIONAL

ARLIANA RIBEIRO

TRUNFO: uma cartada para a identificação e combate ao racismo na 1ª fase do Ensino Fundamental.

Catalão- Goiás, 2020.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros. **1. Identificação do material bibliográfico**

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Arliana Ribeiro

3. Título do trabalho

TRUNFO: uma cartada para a identificação e combate ao racismo na 1ª fase do Ensino Fundamental

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: **a)** consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luzia Márcia Resende Silva, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2020, às 20:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ARLIANA RIBEIRO, Usuário Externo**, em 13/12/2020, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [h ps://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1744345** e o código CRC **DF2F4F60**.

Referência: Processo nº 23070.051661/2020-27

SEI nº 1744345

ARLIANA RIBEIRO

TRUNFO: uma cartada para a identificação e combate ao racismo na 1ª fase do Ensino Fundamental.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Catalão-Goiás, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em História.

Orientadora Prof.^a Dra. Luzia Márcia Resende Silva

CATALÃO – GOIÁS

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro, Arliana

TRUNFO: uma cartada para identificação e combate ao racismo na 1ª Fase do Ensino Fundamental. [manuscrito] / Arliana Ribeiro. - 2020. CXXXVIII, 138 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Luzia Márcia Resende Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em História, Catalão, 2020.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Racismo. 2. Criança. 3. Escola. I. Silva, Luzia Márcia Resende, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **80** da sessão de Defesa de Dissertação de **Arliana Ribeiro**, que confere o título de Mestre(a) em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Ao/s **dez dias do mês de dezembro de dois mil e vinte**, a partir da(s) **14h30m**, remotamente, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **TRUNFO: uma cartada para a identificação e combate ao racismo na 1ª fase do Ensino Fundamental**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Luzia Márcia Resende Silva - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em transição)** “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência” com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo - (UEG)**, membro titular externo; “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”, Professor(a) Doutor(a) **Luiz Carlos do Carmo - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em transição)**, membro titular interno “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Luzia Márcia Resende Silva**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **dez dias do mês de dezembro de dois mil e vinte**. O Prof. Dr. **Paulo Cesar Inácio**, coordenador do programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional está assinando a ata pela Professor(a) Doutor(a) **Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo - (UEG)**, membro titular externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Luzia Márcia Resende Silva, Professora do Magistério Superior**, em 22/12/2020, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos Do Carmo, Professor do Magistério Superior**, em 22/12/2020, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo César Inácio, Coordenador de Pós-graduação**, em 23/12/2020, às 09:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1681227** e o código CRC **75B29787**.

Dedico a todos que acreditam que:

Os padrões de beleza são totalmente nocivos para a construção da autoestima da criança negra e, por isso, é importante outros referenciais, entender que pessoas negras também pensam o mundo e que fazem parte da construção da sociedade.
Djamila Ribeiro - Filósofa e ativista

AGRADECIMENTOS

É dado o momento de registrar, dentre tantos, alguns agradecimentos. Digo que, ao longo da elaboração desta dissertação tornei-me devedora do carinho e generosidade de muitas pessoas.

Primeiramente, agradeço a proteção espiritual que opera suas vibrações do amor e do bem em minha vida: Obrigada, meu Deus! Obrigada, meu Jesus Cristo! Obrigada, Nossa Senhora Aparecida! Obrigada, Nossa Senhora do Rosário! Obrigada, São Benedito! Obrigada, Santo Antônio!

Esta dissertação não chegaria em um porto seguro sem a chancela de minha orientadora Prof^a Dra. Luzia Márcia Resende Silva, que ao aceitar-me como orientanda foi meu apoio, minha diretriz e companheira. Obrigada, pela acolhida! Obrigada por todo empenho, paciência e parceria que sempre me ofereceu!

É, também, com muito carinho que agradeço aos demais Professores do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Catalão, que sempre me foram solícitos e prestativos nas orientações e ensinamentos nos encontros de aulas presenciais, cito: Prof^a Dra. Jeanne Silva Prof^a, Dra. Lilian Marta Grisólio, Prof. Dr. Luiz Carlos do Carmo, Prof^a Dra. Márcia Pereira dos Santos. Pessoas que deixaram algo de si em mim e, creio que mesmo por ligeiros momentos, carregaram um bocadinho de mim.

Agradeço ao Sr. Antônio Ribeiro e a Sra. Nadima Nahes Ribeiro, meus amados pais, pelo carinho e afeto que me envolvem. Ao meu irmão Aurélio, às minhas irmãs Adriana, Aliana e Arliene, gratidão sempre!

Obrigada, Nathália Rydam Pereira Silveria, amiga que o mestrado me presenteou! A cada encontro nas aulas do Mestrado demonstrava de maneira fraterna e carinhosa, a vontade de me ajudar no que fosse preciso. São tantos diálogos, risadas e brincadeiras que nem a distância física nos impede de compartilhar a vida uma com a outra.

À minha amiga Taline Souza Oliveira, companheira de trabalho, que a vida me presenteou e que tão sutilmente conheci e reconheci na minha alma. Obrigada pela amizade, principalmente no ano de 2019, me acompanhando em sala de aula, sugerindo e dialogando com a construção da pesquisa. Obrigada, por tudo!

Agradeço pela “companhia” dos autores que colaboraram com as abordagens aqui alçadas, bem como por me auxiliarem nas sistematizações estabelecidas.

A todos da Escola Instituto de Educação Matilde Margon Vaz, que direta ou indiretamente, contribuíram com a pesquisa, deixo minha gratidão. Às crianças desta escola e

suas famílias pela disponibilidade em participar desse estudo, por terem nos fornecidos dados de extrema relevância para consolidação desta pesquisa.

Estendo minha gratidão à banca examinadora de qualificação e defesa desta pesquisa, Prof^a. Dra. Marilena Julimar Fernandes e do Prof. Dr. Luiz Carlos do Carmo pelas brilhantes considerações que guiaram a composição final deste trabalho.

E, a vocês, Maurício e Dante, verdadeiras dádivas de Deus em minha vida! Que sempre aceitaram minhas ausências e sempre sorriam nos reencontros. Que sempre toleraram as crises que travavam minha produção, colocando compreensão, palavras e silêncio em momentos oportunos. Eu mereço vocês. E como mereço! Nós nos merecemos! Obrigada por compartilharem o amor, o respeito e o apoio incondicional.

Graças a cada um de vocês, sou uma pessoa privilegiada por estar compartilhando esse processo evolutivo no caminho do conhecimento e da evolução espiritual, e, sinto-me como uma criança eufórica e maravilhada que conseguiu realizar um grande feito.

Gratidão sempre!

CANTARES DA AMÉRICA
Solano Trindade (1908-1974)

Ritmos de angústia e de protestos
estão ferindo os meus ouvidos!...
São gemidos seculares da humanidade ferida
que se impregnaram nas emoções estéticas
da alma americana...
É a América que canta...

Esta rumba é um manifesto
contra os preconceitos raciais
Esta conga é um grito de revolta
contra as injustiças sociais
Este frevo é um exemplo de aproximação
e de igualdade...

Canta América
Não o canto de mentira e falsidade
que a ilusão ariana
cantou para o mundo
na conquista do ouro
nem o canto da supremacia dos derramadores de sangue
das utópicas novas ordens
de napoleônicas conquistas
mas o canto da liberdade dos povos
e do direito do trabalhador...

RESUMO

Nesta dissertação de Mestrado busquei provocar um debate que amplie a discussão de como o Racismo se configura na experiência de crianças. Fazendo ponderações a respeito da importância dos professores e das escolas se aliarem e, alinharem com uma prática pedagógica engajada com a Lei 10.639/2003 que versa pela obrigatoriedade do Ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira. Para efeito da investigação, fizemos as seguintes questões: Como nossas crianças estão se desenvolvendo sob a naturalização do racismo, que possa estar presente, na dinâmica escolar? E assim: Em quais parâmetros as crianças negras e não-negras têm se apoiado para construção e entendimento da identidade negra? A pesquisa provocou um debate que ampliou as possibilidades de abordar o tema Racismo com crianças da 1ª Fase do Ensino Fundamental em uma Escola Pública de Catalão, no Estado de Goiás. Utilizei a metodologia da pesquisa-ação e, através do Jogo de Cartas Trunfo abordei a temática de forma leve em uma turma de crianças do 4º ano. Apresento a pesquisa dividida, basicamente em três partes: a primeira tem caráter teórico e discute a categoria do Racismo, Brasil e Educação. A segunda investiga como o Racismo se configura no imaginário das crianças, tendo como recurso o Jogo de Cartas Trunfo e sua dinâmica. Finalmente, os resultados obtidos na escola apontaram que o racismo e a ideia ardilosa de raça, construída no século XIX, fazem eco nos modos de subjetivação das crianças que, já acreditam que os não-negros determinam características intelectuais e estéticas dos indivíduos, o que atinge em cheio a formação das crianças negras na luta pela autoafirmação e auto aceitação.

Palavras-chave: Racismo. Criança. Escola.

ABSTRACT

In this Master's thesis I tried to provoke a debate that broadens the discussion of how Racism is configured in the children's experience. Making considerations about the importance of teachers and schools to ally and, align with a pedagogical practice engaged with Law 10.639 / 2003 which deals with the mandatory Teaching of African History and Afro-Brazilian Culture. For the purpose of the investigation, we asked the following questions: How our children are developing under the naturalization of racism, which may be present in school dynamics? And so: On what parameters do black and non-black children rely on building and understanding black identity? The research provokes a debate that expands the possibilities of approaching the theme of Racism with children from the 1st Phase of Elementary Education in a Public School in Catalão, in the State of Goiás. I used the action research methodology and, through the Trunfo Card Game, we approached the theme lightly in a class of 4th grade children. I present the search divided, basically in three parts: the first is theoretical and discusses the category of Racism, Brazil and Education. The second investigates how Racism is configured in the children's imagination, using the Trunfo Card Game and its dynamics. Finally, the results obtained at school pointed out that racism and the artful idea of race, built in the 19th century, echo in the modes of subjectification of children, who already believe that non-blacks determine intellectual and aesthetic characteristics of individuals, which it affects the formation of black children in the struggle for self-affirmation and self-acceptance.

Keywords: Racism. Child. School.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos 1: Demonstração de privilégio de Raça/IBGE.....	33
Gráficos 2: Demonstração de representantes negros no Legislativo/IBGE.....	34
Gráficos 3: Situação escolar por raça/IBGE.	35
Gráficos 4: Auto declaração dos alunos do 4º ano da escola pesquisada.	58
Gráficos 5: Auto declaração II dos alunos do 4º ano.....	58
Gráfico 6: Consolidação de dados-VOCÊ CONHECE? PESSOAS NEGRAS.	85
Gráfico 7: Consolidação de dados-VOCÊ CONHECE? PESSOAS NÃO-NEGRAS.	85
Gráfico 8: Consolidação de valores -INTELIGÊNCIA-PESSOAS NEGRAS.	86
Gráfico 9: Consolidação de valores -INTELIGÊNCIA-PESSOAS NÃO-NEGRAS.	86
Gráfico 10: Consolidação de valores-BELEZA- PESSOAS NEGRAS.....	87
Gráfico 11: Consolidação de valores-BELEZA- PESSOAS NÃO- NEGRAS.....	88
Gráfico 12: Consolidação de valores-SIMPATIA- PESSOAS NEGRAS.	90
Gráfico 13: Consolidação de valores-SIMPATIA- PESSOAS NÃO-NEGRAS.	91
Gráfico 14: Consolidação de valores-GRAU DE IDENTIFICAÇÃO-PESSOAS NEGRAS.	94
Gráfico 15: Consol. de valores-GRAU DE IDENTIFICAÇÃO-PESSOAS NÃO- NEGRAS.	94
Gráficos 16: Análise de valores atribuídos às crianças negras.	105
Gráficos 17: Análise de valores atribuído às crianças não-negras.....	106
Gráfico 18: Análise comparativa de valores de INTELIGÊNCIA.	117
Gráficos 19: valores de INTELIGÊNCIA.	117
Gráficos 20: Análise comparativa de valores de BELEZA.	118
Gráficos 21: valores de BELEZA.	119
Gráficos 22: Análise comparativa de valores de SIMPATIA.....	119
Gráficos 23: valores de SIMPATIA.	120
Gráficos 24: Análise comparativa de valores de GRAU DE IDENTIFICAÇÃO.	120
Gráficos 25: valores de GRAU DE IDENTIFICAÇÃO.....	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação e dados dos alunos da pesquisa.....	56
Tabela 2: Currículo de referência do Estado de Goiás/2012 - 3º ano.....	60
Tabela 3: Currículo de Referência/2012- 4º ano	61
Tabela 4: Currículo de Referência de Goiás 3º ano/2020.....	62
Tabela 5: Currículo de Referência de Goiás - 4º ano/2020	63
Tabela 6: Lista de pessoas selecionadas pelos alunos como Negras	73
Tabela 7: Lista de pessoas selecionadas pelas crianças como Não-Negras.....	74
Tabela 8: Pessoas Negras - Valores Atribuídos.....	79
Tabela 9: Valores referentes às pessoas negras desconhecidas.	95
Tabela 10: Valores referente às crianças negras desconhecidas.....	96
Tabela 11: Valores referentes às crianças brancas.....	96
Tabela 12: Regras do Jogo de Cartas Trunfo.....	123

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
CRAC	Clube Recreativo Atlético Catalano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NEAB	Núcleo de Estudos da Cultura Africana e Afro-Brasileira
PA	Plano de Ação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEMI	Programa do Ensino Médio Inovador
SEDUC/GO	Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás
SIGE	Sistema Integrado de Gestão Empresarial
UFCAT/GO	Universidade Federal do Estado de Goiás
UFG	Universidade Federal do Estado de Goiás

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 O viés inconsciente	25
Figura 2: O viés inconsciente II.....	26
Figura 3: Demonstração de estereótipos.....	31
Figura 4: Demonstração de estereótipos II.	31
Figura 5: Demonstração de empoderamento	32
Figura 6: população, Raça e Privilégio.....	33
Figura 7: Modelo de Carta do Jogo Trunfo	49
Figura 8: Mapa da cidade de Catalão.	51
Figura 9: Ficha de matrícula/SEDUC-GO Fornecido pela escola pesquisada.	57
Figura 10: Lista de nomes para compor o baralho.	68
Figura 11: Sugestão de nomes para compor o baralho.....	69
Figura 12: Sugestão de nomes compor o baralho.....	69
Figura 13: Sugestão de nomes para compor o baralho.....	70
Figura 14: Sugestão de nomes para compor o baralho.....	70
Figura 15: Sugestão de nomes para compor o baralho.....	71
Figura 16: Sugestão de nomes para compor o baralho.....	72
Figura 17: Imagem para análise da Cultura do Branqueamento	75
Figura 18: Modelo de dados a serem analisados	76
Figura 19: Carta do Jogo Trunfo	77
Figura 20: Trabalho de campo/Coleta de Dados	78
Figura 21: Relação de Pessoas Negras Sugeridas pelas Crianças - 30 Cartas.....	80
Figura 22: Relação de Pessoas Não-Negras sugeridas pelas crianças - 30 cartas	82
Figuras 23: Análise de valores atribuídos para algumas pessoas negras - SIMPATIA	92
Figuras 24: Análise de valores atribuídos para algumas pessoas não-negras - SIMPATIA.	93
Figura 25: Cartas de pessoas negras desconhecidas inseridas no baralho.....	96
Figura 26: Cartas para análise comparativa - pessoas negras.....	99
Figura 27: Cartas com imagens de pessoas negras com mais idade para análise.....	99
Figura 28: Análise comparativa com pessoas negras.	100
Figura 29: Crianças negras - valores às pessoas negras desconhecidas.	100
Figura 30: Análise de valores às pessoas negras desconhecidas.	102
Figura 31: Imagens de pessoas não-negras para análise de valores.	103
Figura 32: Imagem de pessoas não-negras para análise de valores.....	104

Figura 33: imagens de crianças negras e não-negras para análise comparativa.....	105
Figura 34: Atividade para confecção de uma Capulana, um tecido carregado de história.....	108
Figura 35: Slogan dos projetos realizados na turma pesquisada/2019.	108
Figura 36: Apresentação de Capoeira, movimentos aprendidos na internet.	109
Figura 37: Bonecas Abayomi confeccionadas pelas alunas.(foto recuperada)	109
Figura 38: Desenho livre.	110
Figura 39: Mulheres Negras na Sociedade.	110
Figura 40: Mulheres Negras na Sociedade.	110
Figura 41: Ilustração e depoimento da Feira de alimentação da Cultura Afro-brasileira.....	110
Figura 42: Criando hashtag contra o Racismo.....	111
Figura 43: Criando hashtag contra o Racismo.....	111
Figura 44: Criando hashtag contra o Racismo.....	111
Figura 45: História em quadrinhos da Cultura Africana.	112
Figura 46: Análise de gráficos, situação escolar./Dados IBGE.....	112
Figura 47: Análise de gráficos, situação escolar./Dados IBGE.....	112
Figura 48: Análise de gráficos, situação escolar./Dados IBGE.....	113
Figura 49: Cartas para o Jogo aplicadas ao final do mês de agosto/2019- 30 figuras.....	114
Figuras 50: Imagens de crianças praticando o Jogo de Cartas Trunfo na escola.	123

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	16
2.	CAMINHO DA PESQUISA: O EMBASAMENTO TEÓRICO	21
3.	RACISMO, BRASIL E EDUCAÇÃO: EIS A QUESTÃO!	25
4.	TRUNFO: UMA CARTADA CONTRA O RACISMO.....	47
4.1.	Localização geográfica e aspectos sociais e culturais da cidade e do bairro.....	51
4.2.	A escola.....	53
5.	CONSTRUÇÃO DO JOGO DE CARTAS TRUNFO	65
5.1.	As listas.....	66
5.2.	O baralho.....	76
5.3.	Coleta de dados.....	77
6.	REFLEXÕES E DEDUÇÕES.....	78
7.	UM DESMEMBRAMENTO DOS RESULTADOS ATRAVÉS DE ALGUMAS IMAGENS.....	98
8.	UMA NOVA ANÁLISE	108
9.	A APLICAÇÃO DO JOGO	122
10.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
11.	BIBLIOGRAFIA	129

1. INTRODUÇÃO

Cresci em um mundo onde uma mulher que parece comigo - com meu tipo de pele e meu tipo de cabelo - nunca foi considerada bonita. E acho que está na hora de isso parar hoje. Quero que crianças olhem pra mim e vejam meu rosto e quero que vejam seus rostos refletidos no meu. Obrigada." - Zozibini Tunzi, Miss Universo 2019.

Trazer a temática do Racismo na 1ª Fase do Ensino Fundamental, de uma Escola Pública, surge da aspiração de conhecer melhor as crianças e trazer suas opiniões sobre as questões raciais. E, assim, chamar a atenção sobre os impactos do racismo na formação de uma criança. Durante esta pesquisa, adentrei no cotidiano escolar, não somente como professora, mas também como pesquisadora que busca aprender e aprofundar em reflexões que possam desvelar alguns aspectos do mundo das crianças, do dito ao não-dito, a fim de tornar mais visível os mecanismos que colocam um grupo étnico racial num local de privilégio em detrimento do outro.

A problemática, que norteia as reflexões aqui desencadeadas, está relacionada com a busca de melhor compreender e colaborar com a formação das crianças. Assim, entre tantos questionamentos, para efeito da investigação, trazemos as seguintes questões: Como nossas crianças estão se desenvolvendo sob a naturalização do racismo, que possa estar presente, na dinâmica escolar? E assim: Em quais parâmetros as crianças negras e não-negras têm se apoiado para construção e entendimento da identidade individual e coletiva? O desejo é ter as crianças como protagonistas na construção da dissertação, através de uma abordagem mais lúdica.

Para tanto trago como objetivo geral, analisar como o Racismo se constitui na escola, na perspectiva de um processo de visualização nas relações étnico-raciais entre as crianças; Proponho pensar em como a escola pode estar alinhada ou não, com a luta contra o racismo, sendo ela um espaço, por muitas vezes marcados por opressão em relação às pessoas negras. E, nesse espaço são constituídas relações e desenvolvem-se conceitos e autoconceitos, é um dos espaços sociais mais importantes da vida de crianças e adolescentes.

Como educadora curiosa e inquieta que sou, assumo que a pesquisa transita pelo campo da individualidade, já que parte de um interesse pessoal. Pois, com 22 anos de exercício pedagógico em escola pública do Estado de Goiás percebo que a escola tem se constituído a cada ano em um espaço de situações discriminatórias, práticas sociais eurocêtricas e currículo explícito ou não, que se reitera em estereótipos racistas. A escola tem modelado a vida, o corpo e os sonhos das crianças a um corpo branco como belo. A diversidade dos povos, ainda, é muito

tratada na relação de dominação dos europeus e a escravização dos povos africanos. É preciso que pautamos isso!

Mas, o foco também passa pelo coletivo, pois ao investir para desconstruir a dinâmica de racismo instaurado na escola, através, de uma nova dinâmica de ensino e aprendizagem para as crianças é almejar em alta taxa de retorno para a sociedade. Para a transformação desta realidade social que vivemos, tão enraizada em estereótipos, preconceitos, exclusão e Racismo é sabido que, a educação, educação escolar, tem um importante papel a desempenhar nesse processo. As crianças negras precisam se ver, se reconhecer e se valorizar como negra desde a tenra idade

Freire (1996), nos diz que na direção de pensar a ação pedagógica temos que considerar que a formação dos professores é permanente e que o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. Esta fala tem seu espaço aqui, pois, para abordar temáticas sociais na instituição escolar é necessário implantar essas temáticas no fazer pedagógico. E, para desconstruir uma escola Racista é necessário pensar socialmente, pensar pedagogicamente. Assim, é preciso refletir: O que tenho feito para contribuir com a construção de uma escola antirracista? E, assim, buscar inserir as crianças, as crianças negras no processo ensino e aprendizagem de forma igualitária com as demais crianças.

Vivenciando o dia a dia na escola pública, como professora da 1ª Fase do Ensino Fundamental busco exercer uma prática pedagógica pautada nas relações ético-raciais e no processo de formação da identidade das crianças. E, mesmo, por vezes, estando num diálogo só meu, ou com as crianças, com passar dos anos, tenho sentido mais necessidade de contribuir para a explicitar e combater relações preconceituosas e racistas com as crianças negras no ambiente educacional. Assim tenho investido em levar o debate para as reuniões e para conversas informais entre colegas de trabalho.

Por que a escola? A escola pública pode ser para as crianças o local onde as relações sociais são cotidianamente vividas de forma mais intensa e diversa. E, é na escola que a maioria dos comportamentos das pessoas é aprendido, ou seja, assimilado, e isso vai se formalizando ao longo das experiências de vida, levando em consideração a convivência com o outro.

Certamente é, também, na escola que as crianças negras entendem que o racismo, realmente, existe por ser um ambiente potencialmente estruturado na diversidade. Se a criança passa pela experiência de “aprendizado” do Racismo no ambiente escolar, penso que esse mesmo ambiente deve estar em constante dedicação para criar estratégias com intuito de desconstruir essa situação, que é tão dolorosa para as crianças negras, seus familiares e para sociedade.

Tratar a temática do Racismo é muito desafiante, então para que ele não “escorregasse” de nossas mãos, trago como recurso a metodologia da pesquisa-ação. O objetivo é propor

equidade e veracidade ao diálogo, através do Jogo de Cartas Trunfo, um recurso didático que visa colocar as crianças como protagonistas da pesquisa de forma lúdica. É, acima de tudo uma estratégia, para que através do jogo, as crianças negras e não-negras se posicionem direta e indiretamente, nas questões do racismo; realizei reflexões não só dialogando com as conexões objetivas, mas também as brechas subjetivas que me ajudaram a pensar as formas como se estabelecem as ideias dos pensamentos racistas e não-racistas presente no imaginário dessas crianças.

O jogo fornece por si só, dados de como a criança se reconhece e percebe o outro. Isso é uma questão fundamental nesta proposta de pesquisa, Trinidad (2011) em suas pesquisas nos diz que ainda estamos muito distantes de poder dizer que as crianças não atribuem valores superiores aos traços físicos de pessoas brancas e, inversamente, inferiores, aos dos negros. Nesta perspectiva tracei uma pesquisa que conduz a reflexões sobre a questão que direciona no local onde as crianças mais externou questões de preconceito e Racismo com as pessoas negras.

Ao longo da implementação do recurso, fiz uso de uma grelha de observação. A observação é uma prática que todo o professor desenvolve numa sala de aula, ou fora dela. É sem dúvida através da observação que muito se pode saber sobre os alunos e o modo como são ou não capazes de ativar recursos face a uma situação nova.

Assim, me tornei refém de análises e, de todo potencial que conduziu a refletir além do momento presente, o que já foi trabalhado e o que pode vir ser trabalhado. Almejando, que a escola, enquanto espaço de construção de saberes, seja o espaço onde os sujeitos possam reelaborar conceitos e abraçar a diversidade como determinante para elaboração de práticas pedagógicas. É importante que essa reflexão sensibilize e agregue mais pessoas da escola, para torná-la, o mais próximo possível, de uma escola antirracista.

Assim, realizei um estudo sobre o Racismo na 1ª fase do Ensino Fundamental através dos dados obtidos na aplicação da metodologia e do Jogo de Cartas Trunfo; bem como, proponho para escola uma reflexão dos dados obtidos através da aplicação do Jogo de Cartas Trunfo para que possamos, juntos, pensar como se estrutura as relações étnico-raciais da turma pesquisada.

Para isso, necessário é, pensar e questionar o elo das relações das crianças da turma estudada, suas vivências e a estruturação das relações sociais. Sem pretensão no entretanto, de firmar que a escola se constitui como um único lócus de estruturas e prevenção das injustiças, do preconceito, da discriminação e do Racismo. Mas, não se pode fugir do diálogo que a pesquisa nos descortina como, colocar em tese o privilégio das crianças não-negras na dinâmica escolar.

Para dar contas de nosso objetivo, temos como protagonistas desta pesquisa, crianças de uma turma de 35 aluno, do 4º ano da 1ª Fase do Ensino Fundamental. O estudo empírico foi

realizado em uma Escola Pública de Catalão - Go, o Instituto de Educação Matilde Margon Vaz, utilizamos a pesquisa teórico-metodológica para realizar a pesquisa de campo. Definimos como recorte temporal de 2004 a 2019, inicia-se um ano após a implementação da Lei 10.639/03, que embasa nossa pesquisa enquanto Legislação e na análise dos projetos políticos pedagógicos da escola nesse período.

Sou professora regente da turma pesquisada e trabalho com uma professora de Apoio Educacional no turno complementar. Estou modulada nesta escola desde 2014 atuando como professora, salvo o ano de 2017 que atuei na coordenação pedagógica. Neste ano, de 2020, estou atuando, somente, na Educação Especial como Professora de Apoio Educacional uma carga horária de 60 horas semanais.

Trago como recurso de análise para pesquisa, uma reflexão dos dados do Plano Político Pedagógico da Escola, atividades produzidas pelos alunos como: questionários, desenhos, cartuns, trabalhos de pesquisas etc. Além de consultar os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNS, a Constituição Federal de 1988, seus artigos e complementações; Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística-IBGE; Grade Curricular de Ensino da 1ª Fase do Ensino Fundamental de Goiás e a BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. De acordo com o Ministério da Educação, conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

De acordo com o texto, a 1ª Fase do Ensino Fundamental, que abrange as turmas de 1º ao 5º anos, o foco é a Alfabetização dos alunos, através de práticas diversificadas de letramento. Propõe,

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. BNCC. Texto original, pág. 57.

Em julho/ 2020 foi realizada a Banca de Qualificação desta pesquisa, ano e tempo, em que o mundo continua empreendendo esforços para conter o avanço do novo COVID-19, o Corona vírus. Este novo cenário que instalou na população, com medidas de isolamento social,

onde as escolas trabalham em busca de realizar um trabalho pedagógico de forma remota para que os estudantes não percam o ano escolar; onde, por hora, apenas serviços essenciais são autorizados a funcionar, no sentido de evitar, ainda mais, a disseminação do vírus, várias pessoas desencadeando ou agravando doenças psicológicas, milhares de milhões de pessoas vindo a óbito, essa pesquisa pós-qualificação, busca ganhar corpo e busca atender as demandas da banca e alcançar os objetivos traçados.

Uma pesquisa que nos traz um tema, que é tão dolorido para nossa sociedade, que é o Racismo com as crianças negras, me apresentou, como já é conhecido, uma relação entre a escola, a criança negra e não-negra e as práticas pedagógicas. Sim! É preciso trazer as crianças não-negras e o acesso ao conhecimento formal para o debate, pois, partimos da premissa de que o conhecimento é chave mestra para tolerância, empatia e reconhecimento das histórias de outros povos.

As crianças, desde a tenra idade, já começam a observar e conhecer seu corpo, e as diferenças e semelhanças são critérios para seleção de grupos para conviver, para brincar. Ainda, percebemos que a escola é um local de preconceitos e discriminação, e que existe dificuldades dos educadores para lidar com a diversidade. E, nessa perspectiva a criança negra tem sofrido muito preconceito racial, o preconceito racial produz também o grave estrago da exclusão educacional, que fomenta, também a exclusão social.

Trazar essa discussão sobre o Racismo com as crianças negras na 1ª Fase do Ensino Fundamental, é contribuir para que os educadores possam promover práticas promotoras de igualdade racial. Esse cenário, nos revela que é fundamental a escola pensar as questões das diferenças, pautadas em práticas pedagógicas onde as crianças negras sejam pensadas diante, também, de uma identidade deixada por seus descendentes. Pois, desde muito cedo as crianças precisam aprender a conviver com a diversidade e, as crianças negras precisam sentir-se acolhidas e respeitadas.

Na primeira parte da pesquisa trago textos que nos embasam para compreender e/ou dialogar com a parte final da pesquisa. Os resultados da pesquisa apontados ao longo dos textos revelam que os estereótipos circulam no seio da sociedade com muita constância. E, me leva a interpretar que as crianças, desde a tenra idade já percebem diferenças na aparência tendo como referência a cor de pele. E, atribui significados do belo e feio numa concepção de branquitude¹ tão disseminado na sociedade brasileira.

¹ De acordo com Bento, a branquitude pode ser definida como “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento” (BENTO, 2002, p. 29). O termo branquitude assume o objetivo de manter o

Trago um diálogo sobre o ensino e o currículo que tem sido ofertado às crianças e seus impactos na vida das crianças negras. Uma fala do Prof.º Dr. Luiz Carlos do Carmo, na banca de qualificação, representa essa dinâmica “O Jogo de Carta Trunfo é um grande diagnóstico que está atrás de práticas pedagógicas,” e nos desenha a importância de trazer o diálogo com as questões pedagógicas.

A tarefa de abordar as questões que tratam o Racismo e como ele se configura entre as crianças,, não é fácil, mas também não é impossível de ser realizada. Assim, proponho uma forma pedagógica lúdica e interativa para investigar e tratar o tema alinhado a perspectiva de que a sociedade brasileira multiétnica e pluricultural, como a brasileira (Trinidad, 2007), . Isso requer que nós professores(as) e pesquisadores(as) não façamos vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que integram o dia a dia da escola, da sociedade, do mundo.

2. CAMINHO DA PESQUISA: O EMBASAMENTO TEÓRICO

“Existe uma história do povo negro sem o Brasil. Mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro.”

Januário Garcia

As reflexões e os embasamentos teóricos aqui elencados, estão baseados, em pesquisas e estudos dedicados na formação no Mestrado Profissional em História. Na Formação Acadêmica da Pedagogia, na Especialização em Alfabetização, em vários cursos de aperfeiçoamento e extensão ao longo dos anos. Assim como no exercício da função pedagógica, atualmente 22 anos dedicados à escola pública.

Dialogando com os estudos teóricos realizados, esse trabalho está tecido partindo de inspirações de referências e abordagens de conceitos de historiadores e educadores, como: Almeida (2018), Bento 2002, Bhabha (2005), Brotto (2001), Carneiro (1999), Carone (2002), Cavalleiro (2001, 2006), Cerri (2011), Cunha (2006), Fenelon (1994), Fonseca e Fernandes (2011), Freire (1996), Gomes (2003), Lima (2003, 2004), Lopes (2007), Louro(1999), Munanga (1988, 1990, 1999, 2000, 2002, 2004, 2005, 2006, 2012,2016), Munanga e Gomes (2006), Nogueira (1985), Oliveira (2008), , Rosemberg (2008), Santos (2001, 2012), Schucman (2014), Schwarcz (1993), Trinidad (2005, 2011), Ziviani (2014).

privilegio que o branco possui nas sociedade estruturadas na hierarquia social. Aqui, as pessoas brancas se acham o ser humano ideal e cria estratégias para que seu status seja mantido na sociedade.

Busquei refletir e articular as contribuições de Petronilha Beatriz Gonçalves (2003, 2007, 2015) e também, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro (2019) que ofereceram excelentes reflexões na questão de pensar e compreender o que é Racismo.

Consultei, também a obra de Claudia Miranda, Francisco Lopes de Aguiar e Maria Clara Di Pierro (2004), que faz um levantamento geral de produções bibliográficas, referentes a esta temática da pesquisa, dispondo-as por descritores, como Relações raciais e educação, Desigualdades raciais e educação, desigualdades raciais. Foi uma leitura bastante proveitosa e significativa.

O ambiente virtual onde constam os periódicos, dissertações e teses da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), me foi muito útil. Entre outros canais, como: Portal Justificando, Revista Brasileira de Educação – Scielo, Portal Geledés, Portal LiterAfro, Revista Pensar Educação-Pensar o Brasil, Revista Quilombo Spartacus. Essas falas foram fundamentais para a pesquisa sobre o Racismo, pois me trouxe elementos precisos e extremamente ricos para construção do pensamento e do conhecimento.

Trago o discurso alinhado ao entendimento da importância da Consciência Histórica nesse trabalho, pois, proporciona pensar a temática estabelecendo assim, uma capacidade de se situar no mundo, em épocas históricas, em diferentes tempos históricos, o ser histórico desenvolvendo espaço temporais e, a capacidade de observar, pontuar; tornando algo gerador de sentido.

Os estudos em torno da Consciência Histórica implicam uma definição propositalmente da história, onde tempo não quer dizer passado:

Consciência histórica não é memória, mas a envolve: o tempo significado é a experiência pensada em função de tempo como expectativa e perspectiva, compondo um sistema dinâmico. A consciência histórica não é definida aqui como conquista particular, mas como aquisição cultural elementar e geral, na qual os sujeitos fazem suas sínteses entre o objetivo e subjetivo, empírico e normativo. (CERRI, 2011 p. 48)

Então, pensar escola é considerar que qualquer campo disciplinar é histórico, no sentido de que possui uma história. Isto implica em dizer que qualquer disciplina vai se modificando no tempo, conjuntamente com suas práticas e objetos, e que seus objetivos podem ser redefinidos de tempos em tempos. Nenhuma disciplina, e tampouco a História, escapa da própria história.

Assim, o ser humano, uma vez pertencente a um grupo social, desenvolve ao longo de sua existência, mecanismos que lhe permite se orientar no tempo e no espaço. Tal capacidade atinge patamares distintos onde o indivíduo consegue desenvolver compreensões de mundo através do conhecimento do passado com aplicabilidade no presente.

Nossa pesquisa transita pela legalidade do Ensino que versa sobre a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica. Desde, 2003, está em vigor no Brasil a Lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade do ensino de temáticas referentes à História e a Cultura Afro-brasileira.

A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas políticas educacionais, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, com a inserção e permanência das pessoas negras no Ensino Escolar.

Essa trajetória de luta encontra lugar no direito à educação no início dos anos 2000. Em 2003, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou uma lei que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Trata-se da Lei nº 10.639/2003. Foi a partir dela que o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, dispostas no Parecer CNE/CP nº 03/2004 e na Resolução CNE/CP nº 01/2004, as quais deverão orientar iniciativas de formação inicial e continuada e processos de gestão escolar. Em 2008, a LDB foi novamente alterada pela Lei nº 11.645, que introduziu, também, o estudo da história e da cultura indígenas (www.planalto.gov.br, acesso, 15 de setem. 2019).

Em 2009, o Ministério da Educação aprovou o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003, que define atribuições, metas e períodos de execução para a implementação de toda essa legislação aos sistemas de ensino, aos governos federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, aos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, aos Fóruns de Educação e Diversidade Étnico-Racial, aos níveis e modalidades de ensino e à educação em áreas remanescentes de quilombos.

Temos a lei. E agora? Agora trata-se de avançarmos na articulação da lei e seus princípios norteadores com a prática cotidiana das escolas. Como vencer as resistências dentro e fora do contexto escolar? Que abordagens fazer?

Dessa forma, é importante também salientar que tanto a Lei nº 10.639/2003, quanto os demais documentos, além de promover o devido reconhecimento dessa parcela da população para o desenvolvimento nacional, também têm entre suas metas garantir:

[...] o direito dos negros, assim como de todos os cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino de diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico raciais entre eles descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade para todos, assim como é o

reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africano (BRASIL/ CNE, 2004, p.11).

O Brasil é um país com vários marcos jurídicos de lutas da população negra. Leis e metas vem sendo criadas século a fora com o intuito de reparar a dívida que temos com os negros. Dia a dia o povo negro se depara com uma luta mais árdua, que é conquistar o reconhecimento e igualdade social. Pois, mesmo com a criação das Leis o preconceito racial se configura e, necessário se faz exercer, principalmente, na escola um diálogo, um trabalho pedagógico buscando evitar que os mecanismos que o dissimula o Racismo não seja propagado.

Considerando que a implementação da Lei Federal Nº. 10.639/03 têm por objetivo eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro, é necessário que haja na unidade de ensino uma discussão permanente sobre os temas, para que as questões étnico-raciais façam parte da prática pedagógica de nossos alunos, professores, demais funcionários e responsáveis. Isto significa o reconhecimento da importância da questão do combate ao preconceito, ao racismo e à discriminação na agenda escolar.

Podemos até pontuar, aqui, questões e suposições que a Lei 10.639/2003 não exerce um papel atuante na escola, citando várias questões como capacitação de professores e currículo escolar. Mas, salientou que a partir da promulgação dela, criou-se um leque de pesquisas acadêmicas e diálogos de pesquisadores, educadores, historiadores que estimularam a divulgação de seus pressupostos na sociedade acadêmica, quanto na sociedade em geral.

Assim, não temos apenas instrumentos de orientação para o combate à discriminação, mas uma Lei Afirmativa, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais africana que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos.

E, considerando todos autores e abordagens, declaro que tive uma influência, e uma tendência a priorizar as falas e pontuações de autores, pesquisadores, congressistas, militantes, crianças e pessoas negras para pensar e compor esta pesquisa. Assim, trago elementos que os constituem e fundamentam, não somente sob a perspectiva ideológica dominante e de exclusão, mas na perspectiva da valorização, riqueza da história e das conquistas alcançadas ao longo da vida e da História do Brasil.

3. RACISMO, BRASIL E EDUCAÇÃO: EIS A QUESTÃO!



Figura 1 O viés inconsciente
<https://afaceocultadoracismo.wordpress.com/category/atividades>

Início esse texto com uma charge que nos demonstra o viés inconsciente² de uma pessoa que se defende por não se considerar racista, porém faz uso de expressão Racista para se justificar no diálogo. Os casos de Racismo permanecem forte na sociedade, e ele tem várias formas de manifestar-se, e uma dessas é o Preconceito Velado. É muito comum ver discursos falando que não existe racismo, que os negros se vitimizam, que hoje não somos mais racistas, e até que as crianças não percebem essas questões. Não é bem assim!

Altamente, maléfico, o preconceito velado apresenta-se em pequenas doses, sustentado por paradigmas inalterados ao longo dos anos aumentando o distanciamento e o conflito entre as pessoas. Nenhuma sociedade poderá vir a ser sustentável se não existir a tolerância das diferenças, isso resume um princípio de igualdade.

Muitas vezes as pessoas são Racistas e nem notam, às vezes, as pessoas não percebem que são treinados culturalmente para serem Racistas e preconceituosas. Mas, qual interferência que esse viés tem em relação ao Racismo? Caso é que preconceito inconsciente alimenta o racismo. E, às vezes passa pelo não percebido, justamente por ser inconsciente, a pessoa

² O viés inconsciente é um conjunto de estereótipos sociais, sutis e acidentais que todas as pessoas mantêm sobre diferentes grupos de pessoas. É o olhar automático para responder a situações e contextos para os quais você é treinado culturalmente, como uma programação do cérebro. O ser humano tem a capacidade de pensar rápido ou devagar. Quando decidimos sobre a compra de uma casa, pensamos todos os lados para tomar a decisão. Ou seja, pensamos devagar. Mas, em outras situações do dia a dia, nos baseamos em julgamentos intuitivos que são processados rapidamente pelo cérebro, sem nos darmos conta. São como atalhos que a mente usa porque é mais fácil. O problema é que ele também nos prega peças. Toma decisões com base em associações com memórias antigas, noticiário, novelas, aulas, conversas com familiares e amigos. Nelas, há milhares de estereótipos. Não adianta se ofender e dizer que não é preconceituoso. Se você tem um cérebro, tem viés inconsciente. Sem que perceba, processos neurais e cognitivos tiram conclusões por você, e é aí que entra a discriminação disfarçada. revistagalileu.globo.com 2015/10

demonstra seu preconceito racial em ações ou falas, inclusive, contra suas convicções conscientes.

Nós, enquanto sujeitos sociais³ estamos cheios de informações do mundo externo, e essas informações que abastecem nossos pensamentos são de cunho moral, intelectual, religioso, cultural, dentre outros, as crianças não estão alheias a esta rede de pensamento e relacionamento. Muitas vezes, não conseguimos refletir sobre o teor dessas informações absorvendo e externando sem analisar, “sem filtros”. Isso é muito comum com de acontecer, pois, não se permite uma reflexão na óptica do outro, passando a si constituir de subjetividades desumanizadas. Isso, pode estar sendo construído desde a tenra idade.

O Professor Romeu Gomes de Miranda, em uma entrevista ao Portal Ponte (21/03/2019) nos fala do viés inconsciente *como um tipo de associação automática baseada em estereótipos sociais*. Em outras palavras é um conjunto de julgamentos intuitivos, que as pessoas fazem sem perceber que estão fazendo.

O fato de, por exemplo, ao aprender que a cor preta está relacionada com eventos negativos, como morte, tempestade, sujeira, etc., pode-se tornar suposição para que as pessoas possam emitir comportamentos relacionados a tais atributos negativos diante de pessoas negras. Quando os sujeitos internalizam esses estereótipos pressupõe um julgamento de valor, isso fundamentado em generalizações que estabelecem estereótipos acerca de determinados grupos. Fato é, que acaba favorecendo determinados grupos em detrimento de outros. Vejamos:



Figura 2: O viés inconsciente II

Fonte: <https://generoclandestino.files.wordpress.com/2016/03/tirinha-mafalda-preconceito-racial.jpg>

³ A primeira coisa a termos claro nessa questão é definirmos o que é um sujeito social, quais suas características? Grosso modo, penso que poderíamos definir um sujeito social como um grupo de seres humanos, dentro de uma sociedade dividida em classes, que por questões objetivas, concretas, tem condições de vida, relações, sofre opressões ou se beneficiam das relações de opressão, comuns. Ou seja, um grupo de seres humanos que formam uma comunidade concreta, objetiva, por conta das relações materiais a que estão submetidos. A partir dessas questões objetivas esses sujeitos sociais acabam expressando e se aproximando por interesses comuns, lutas comuns, pautas e demandas comuns, ou seja, passam a viver mais ou menos conscientemente essa sua comunidade objetiva e concreta de relações de forma subjetiva. quilombospartacus.wordpress.com › 2017/05/29 Por Santiago Marimbondo. Acesso 23/08/2020.

Nessa charge temos manifestado reação Racista, aqui em diálogo com a Mafalda, Susanita sua melhor amiga. Elas representam a formação de identidade, apesar de ambas terem 06 anos (e terem nascido nos anos 60 a 70) o diálogo é movido de pensamento e ideias distintas entre as duas, como vimos na primeira charge.

Ao trazer essas charges tenho duas intenções: a primeira é apresentar um gênero textual que circula com muita frequência em salas de aulas pois são incluídas no currículo. E, a segunda é expor discursos enrijecidos sobre coisas e pessoas. E pessoas nos interessam.

Considero que é de suma importância citar o viés inconsciente, pois, isso influencia o comportamento humano, demonstrando que determinadas pessoas agem de acordo com preferências baseadas em aspectos da identidade⁴, e a identidade é um pressuposto indispensável para desenvolver esse estudo. Pois, busco pensar como as questões raciais permeiam a vida das crianças em uma sala de aula da 1ª Fase do Ensino Fundamental, considerando seu contexto e procurando compreender como essas crianças se apropriam de alguns discursos, e produzem sentidos quanto às situações frente às relações raciais.

E assim, percebo, que o Racismo se apresenta das mais variadas formas, em palavras e gestos, em ofensas e em formas discriminatórias de tratamento. Na atualidade, através da internet e das redes sociais temos frequentes episódios de racismo circulando pelos veículos de notícias e pelas redes sociais, não permitindo que esse problema seja ignorado. Às vezes, me pego a pensar que existe uma estrutura atual e contemporânea que luta para a manutenção de uma sociedade desigual, e o Racismo evidencia isso.

Fato é que os povos negros vindos da África constituem um pilar étnico de formação social e cultural do povo brasileiro. Sua participação está diretamente relacionada na formação de nossa cultura, da religiosidade, da multiculturalidade étnica, na culinária, na musicalidade, na dança e nas demais expressões artísticas. Porém, a escravização dos povos negros, tendo como determinante do trabalho negro nos principais ciclos produtivos da história brasileira, deixou mazelas históricas.

⁴ Trago o termo em diálogo, Louro (1999) que nos diz, “Como sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa delas supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural”.

A História do Brasil é marcada por violações graves dos direitos tanto de comunidades indígenas, como dos povos negros. E, as questões do passado ainda avançam sobre o hoje. Apesar da Constituição de 1988⁵, que tornou a prática do racismo crime sujeito a pena de prisão, inafiançável e imprescritível, a população negra enfrenta o preconceito e a desigualdade social. E, fato é, que pensar, falar, pesquisar sobre o Racismo na sociedade brasileira é algo atual, é uma prática diária e difundida socialmente.

A escravidão e a sociedade escravista⁶ que dela resultou, foi marcada por um estado de permanente violência. O escravismo dos povos africanos, trazidos majoritariamente de regiões onde hoje se localizam Angola e Nigéria, no Brasil é uma ocorrência que deixou marcas em nossa memória e, que no presente ainda nos é visível as heranças social do regime escravocrata, que visava a total exploração de um povo em busca de um maior lucro econômico.

O sistema escravista foi utilizado pelos europeus, convencidos de sua superioridade utilizando-se de força bruta, como não se furtavam ao papel de “desenhar” a imagem dos negros como pessoas de pouca moral e de baixa capacidade intelectual. Essas considerações criam um viés para que possamos perceber, que o Racismo é oriundo do período da escravização das pessoas negras ao longo da história colonial e imperial do Brasil, quando os negros africanos viveram subjugados pela elite portuguesa e brasileira branca.

Munanga e Gomes (2006, pág. 175) nos apontam que “é possível compreender que as diferentes formas de discriminação racial estão intrinsecamente relacionadas às diferenças físicas

⁵ Inciso XLII do Artigo 5 da Constituição Federal de 1988. Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição Da República Federativa do Brasil.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; www.jusbrasil.com.br acesso 20/07/2020.

⁶ O modo de produção escravista pode ser considerado um tipo de economia que reduz tudo a mercadoria. Tudo passa a ser visto sob a ótica do que pode ser comercializado. Assim, as pessoas são reduzidas a objetos de mercado. São compradas e vendidas como qualquer outra mercadoria. Pode-se dizer que os escravos valem pelo corpo que têm e pela capacidade de produção. A escravidão se torna a base da economia. De acordo com Anderson (1988) o trabalho escravo da antiguidade clássica incorporava dois atributos contraditórios, que poderiam ser assim descritos: 1) a escravatura representava a mais radical degradação do trabalho rural imaginável. Essa situação indicaria a conversão dos próprios homens em meios de produção inertes através de sua privação de todos os direitos sociais e da sua assimilação jurídica a besta de carga; 2) a escravatura era simultaneamente a mais drástica comercialização urbana do trabalho que se possa conceber, ou seja, a redução da pessoa total do trabalhador a um objeto padronizado de compra e venda nos mercados metropolitanos de troca de mercadorias. Comparativamente a exploração é mais forte no modo de produção escravista do que no modo de produção tributário. Afinal, não se exploram apenas os produtos, mas também os que trabalham, transformando-os em meras mercadorias. Consequentemente, as pessoas perdem o seu valor, sua subjetividade e sua identidade própria. Vivem numa crescente instabilidade e insegurança não sendo mais sujeitos de si mesmos. COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia* 4 Jun-Dez 2005/ISSN 1676-5818 33

de cada um, nesse sentido, à cor da pele negra”. Nessa perspectiva os estereótipos, são frutos de uma construção social traduzidos em rótulos que se apresentam de maneira generalizada e simplificada pelo senso comum, que com o passar do tempo vai constituindo padrões para enxergar o outro.

No 1º Ciclo Internacional de Direitos Humanos, realizado pela Universidade Federal de Goiás-UFG, de forma remota no dia 03/09/2012, fiquei impactada com a fala da Historiadora Janira Sodré: “a experiência que nós temos das nossas insurgências cotidiana[...] faz um redesenho desse corpo que foi enquadrado no regime colonial”.

A origem de estereótipos atribuídos aos negros no Brasil tem raízes na construção discursiva da sociedade escravista. Esse discurso se fundamentou, principalmente, no corpo, e ele serviu de referência para estabelecer relações das diferenças entre o negro africano e o branco europeu.

De acordo com Homi Bhabha,

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa de uma representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do outro permite), constitui um problema para representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2005:86)

Com isso, a sociedade foi criando diversos padrões partindo da visão que se tem do outro tendo como referências o comportamento, atitudes, características físicas, o local, a cultura, entre vários outros. Bhabha (2005), ainda nos diz que os estereótipos tonificam a auto estima, e ao mesmo tempo que excluem, expõem e remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente.

E assim, vários estereótipos foram sendo criados, como: estereótipo da beleza, econômico social, de gênero, étnico, racial, cultural. Nessa pesquisa, trataremos de elucidar que os estereótipos podem fundamentar atitudes de preconceitos e atos discriminatórios que se manifestam nas relações sociais, através do Racismo gerando exclusão social refletido na dinâmica das relações entre a escola e as crianças negras.

Para Bhabha (2005), o estereótipo é uma característica do discurso colonial que apresenta conceitos fixos na construção da alteridade, ou seja, no entendimento do outro. Essa determinação está embasada em questões que remete às diferenças históricas, culturais e racial pode conotar ordem e desordem.

São construções identitárias⁷ que nos apresentam como não superadas, pois, a cor da pele constrói uma ou outra identidade racial. O brasileiro afrodescendente está submetido a ideologias que o compelem a repudiar, diariamente, sua negritude, elegendo um modo branco de ser e viver.

Bhabha, na década de 90, já nos informava sobre os possíveis sentidos de significância da cor escura:

O estereótipo é ao mesmo tempo um substituto e uma sombra (...) A cor escura significa ao mesmo tempo nascimento e morte; ela é em todos os casos um desejo de retornar à completude da mãe, um desejo por uma linha de visão e de origem ininterrupta e não diferenciada.(...) O negro é ao mesmo tempo selvagem (canibal) e ainda o mais obediente e digno dos servos (o que serve a comida); ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia, inocente como uma criança; ele é místico, primitivo, simplório e, todavia, o mais escolado e acabado dos mentirosos e manipulador de forças sociais. (BHABHA, 1990, p. 126)

Assim, podemos ver que a cor negra está ligada aos discursos deturpadores sobre o povo negro, sobre ao que está associado à africanidade. Estamos falando, então em uma identidade estereotipada atribuída ao negro; estamos acenando a alguma coisa maquinada socialmente com objetivo de inferiorizá-lo. E, isso está colocado na sociedade brasileira, desde o período colonial, com base na manutenção de um processo de exploração de um grupo ético em inferiorização de suas características físicas, onde desenha e se estrutura no corpo escravizado, negro.

Na charge, do início do texto, interpreto que a fala preconceituosa, do último quadrinho é representada sem alarde, por ambas as partes. Pode-se perceber uma sutileza na discriminação exercida através da fala. E, através da fala, o Racismo se faz presente também em piadas de preto agressivas (há, também, piadas de preto com caráter de denúncia), apelidos (saci-pererê, babuíno), frases (inveja branca; da cor do pecado, a coisa tá preta), no vocabulário brasileiro.

A questão da identidade do negro é um processo historicamente doloroso e compreender como isso, realmente, impacta a vida das pessoas negras é compreender que o racismo afeta o negro não só no mercado de trabalho e na educação, mas também em esferas pessoais. Os negros, atualmente, vêm disputando vagas, espaços e postos de poder antes não ocupados por essa população; e esse fato por si só já alimenta atitudes repugnantes de algumas pessoas que se sentem incomodadas com a perda de privilégios. Privilégios muito bem disseminado na nossa história. O racismo não tem nada de gentil. É desumano e perverso.

⁷ No que diz respeito aos Movimentos Negros estes buscam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de um grupo estigmatizado, racializado e excluído, das posições de comando na sociedade, cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membro de um grupo étnico-racial que teve sua cultura inferiorizada (MUNANGA, 1990, p. 14)

Os estereótipos circulam no seio da sociedade com muita constância, através de pessoas por meio de piadas, frases feitas, presente em diversos gêneros textuais que circulam nas escolas como contos populares, charges etc. Assim, podemos interpretar que as crianças, desde a tenra idade já tem acesso a essas falas estereotipadas de certos grupos de pessoas.

Os estereótipos e preconceitos são reproduzidos social e culturalmente podendo se expressar através de falas e atos irônicos, piadas insultos, podendo ser verbais ou não verbais. Os meios de comunicação podem desempenhar um importante papel nessa dinâmica, tanto de reforçar, como de desconstruir esses estereótipos.



Figura 3: Demonstração de estereótipos.

Publicado em no canal do youtube, Piadas de baiano, em 19/01/2012.



Figura 4: Demonstração de estereótipos II. Ilustração de estereótipos. Jornal Online. Por Carlos Lima.

26/02/2014.

Nas figuras, acima, temos o humor preconceituoso se fazendo presente tanto nas falas quanto nas imagens, apresentam o mito de que os baianos são preguiçosos, ainda remete, a informação implícita de que os baianos vivem em função do lazer. O outro personagem, é de um cidadão gaúcho, não é o caso de aprofundar o assunto aqui, mas sabemos historicamente, que a região sul do Brasil, tem um forte discurso eugenistas. Destaco, que o estado da Bahia, tem o maior percentual de população negra no Brasil, assim, podemos dizer que esse tipo de piada tem “nome e sobrenome”.



Figura 5: Demonstração de empoderamento

www.ccms.saude.gov.br

Circulam nos meios de comunicação textos que visam repudiar o Racismo e o preconceito, contra a submissão da subjetividade. Assim, realiza um enfrentamento cobertura feita pela mídia hegemônica e, é, capaz de informar sobre o cotidiano a partir de um diferente olhar, um olhar da diversidade. Vários são os canais on-line que traz a mídia negra que apresenta reflexões sobre o racismo e seus impactos na sociedade. São blogs, sites e portais antirracistas entre eles: Portal Geledés, Alma Preta, Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades –CEERT, Blogueiras Negras, Resistência Afro Literária, Revista Afirmativa.

Temos um percentual de 54% da população brasileira que é negra, de acordo com os critérios do IBGE, foi a única que cresceu em todas as regiões do país entre 2015 e 2018. Porém, os reflexos dessas vivências racistas e o impacto dessas experiências na subjetividade de pessoas negras são imensos.

É perceptível que no Brasil existe, também, a ideia de lugares adequados e inadequados para negros e o racismo fica explícito quando se observa que a população pobre é majoritariamente negra, que as seleções de emprego preferem as pessoas brancas, quando a maioria da população carcerária é negra, quando leis contra o racismo simplesmente não são aplicadas. Os exemplos não são poucos e estão também na televisão, nos livros didáticos e nos espaços subalternos, geralmente vinculados à servidão a pessoas brancas.

Fato que, a discriminação baseada em diferenças, em especial a cor da pele, é uma constatação social no Brasil: a maior parte da população carcerária é negra, em geral os negros habitam as favelas ou os subúrbios das cidades e são raros os que ocupam posições de destaque na sociedade.

Essa reprodução persiste em relação ao corpo, em critérios de oportunidades, assim como em práticas discriminatórias, pois, em nosso país a cor da pele é determinante, até para análise

de criminosos. Quanto mais escura a cor da pele, mais existe um pré-conceito de que a pessoa possa ser praticante de delitos contra a sociedade.

Para nos atermos a essas suposições, podemos problematizar questionando: Em relação a situações vividas, você já viu ou sentiu na pele um olhar diferente do segurança quando uma pessoa negra, um adolescente negro entra em um local como um Shopping? E, quando entram em grupo de adolescente negros, como é o olhar do segurança ou das pessoas não-negras ali presente? O mesmo olhar é atribuído para pessoas não-negras diante da mesma situação?

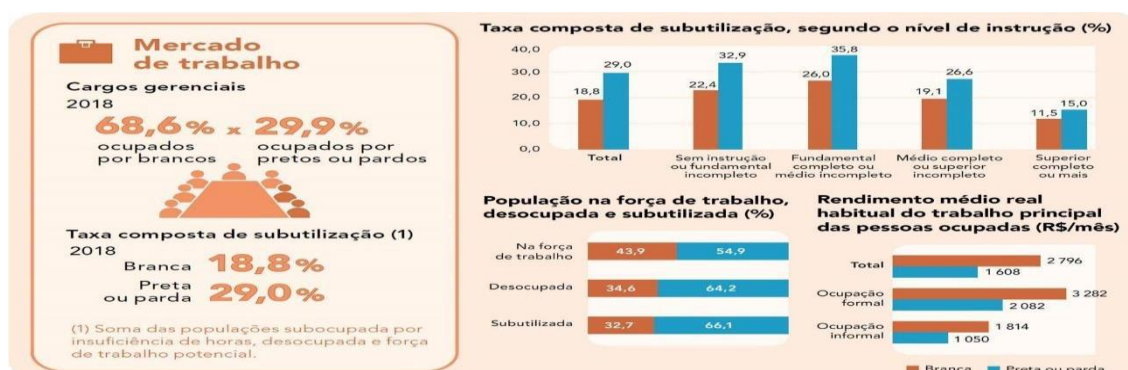
Precisamos olhar para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras e enxergar os estereótipos que estão enraizados na nossa cultura, para poder compreender que o Racismo contra as pessoas negras existem e não têm nada de sutil.

Mas, o Racismo, se reproduz, também, em uma estrutura de privilégios para as pessoas não-negras, dando continuidade na estrutura de preconceito de cor que exerce privilégios para as pessoas brancas. Os não-negros têm dificuldades de visualizar essas dinâmicas racistas, justamente por participar de uma cultura histórica de privilégios.



Figura 6: população, Raça e Privilégio
Médium.com

Gráficos 1: Demonstração de privilégio de Raça/IBGE



www.ibge.gov.br

Temos, ainda, na sociedade atual formas de trabalho comparáveis à escravidão e pessoas com direitos usurpados por uma classe dominante que favorece a exploração de povos e os negros ainda sofrem com questões como a baixa ascensão econômica, segregação social.

Se no mercado de trabalho a população preta ou parda ainda não ocupa uma posição de destaque, as pesquisas mostram que na educação esta realidade está tomando um outro rumo. O IBGE revelou que, pela primeira vez, os estudantes pretos ou pardos são a maioria nas instituições de ensino superior da rede pública, com 50,3% do total. Enquanto que nas universidades particulares, este número ainda não tenha ultrapassado os 50% (46,6%). Fato é, que podemos ver que a Política de Cotas, instituída pela Lei 12.711/2012, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, seguida pela criação da Lei 12.990/2014 que institui cotas para alunos oriundos de escolas públicas e autodeclarados negros ou pardos e indígenas, tem um efeito significativo na promoção das minorias ao acesso às Universidades Públicas.

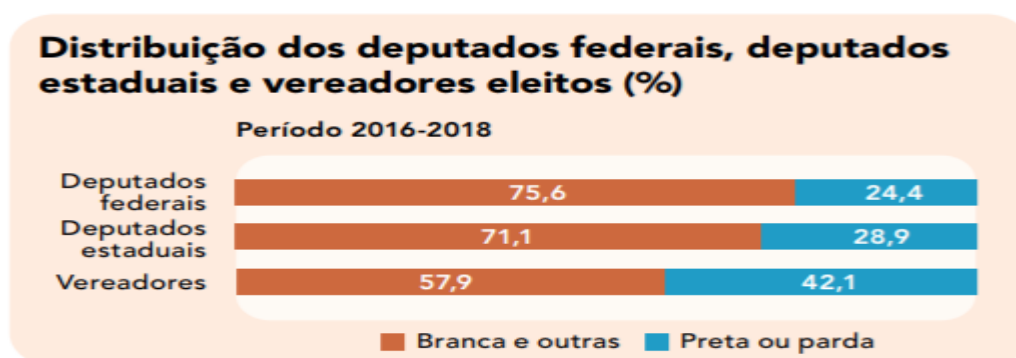
Sim! Cotas Raciais, porque o Brasil possui uma dívida histórica para com a população negra, assim:

O uso desse instrumento seria transitório, esperando o processo de amadurecimento da sociedade global na construção de sua democracia e plena cidadania. Paralelamente às cotas, outros caminhos a curto, médio e longo prazos projetados em metas poderiam ser inventados e incrementados. Tratando-se do Brasil, um país que, desde a Abolição, nunca assumiu o seu racismo, condição sine qua non para pensar em políticas de ação afirmativa, os instrumentos devem ser criados através dos caminhos próprios ou da inspiração dos caminhos trilhados por outros países em situação racial comparável. (MUNANGA, 2001, p 34).

O sistema escravista marcou e influenciou desfavoravelmente toda a estrutura da sociedade brasileira, devido ao fator principal que foi a exploração da mão de obra de negros trazidos da África uma população subjugada e desumanizada de maneira proposital e transformados em escravos no Brasil pelos europeus colonizadores. Esse fator é um traço estruturante fundamental de permanência do Racismo na sociedade brasileira.

E, na política, qual é a porcentagem de pessoas negras que compõe o legislativo?

Gráficos 2: Demonstração de representantes negros no Legislativo/IBGE

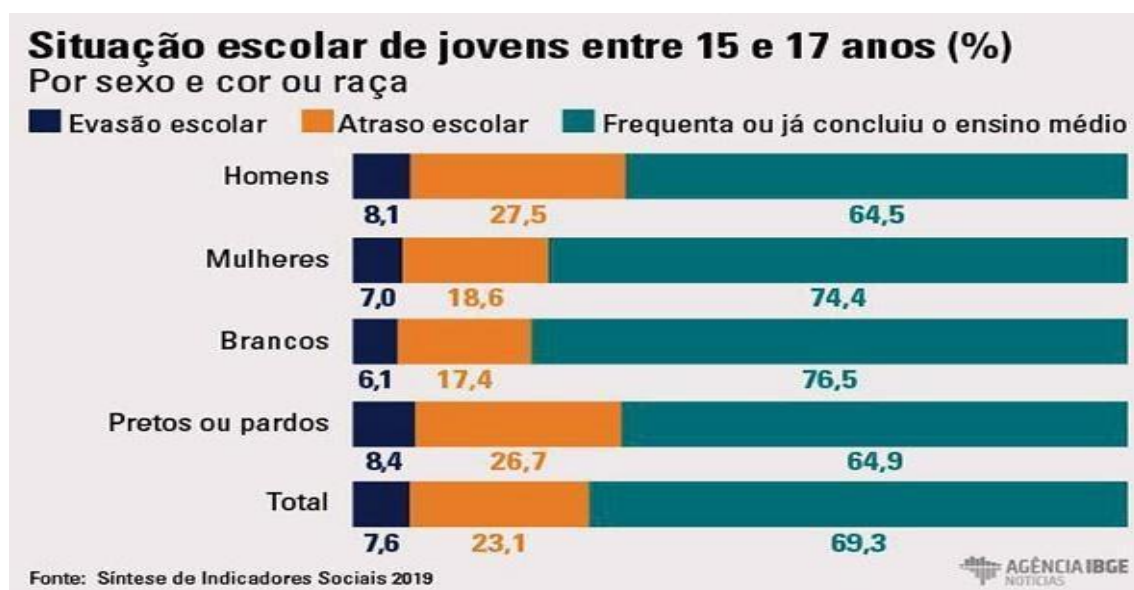


Fonte: BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *Repositório de dados eleitorais*. Brasília, DF: TSE, [2019]. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais>. Acesso em: jul. 2019.

São dados que não necessitam, no momento, de uma leitura aprofundada para interpretar que a desigualdade no Brasil é histórica, persistente e abrangente. Para compreender que o Racismo opera sua força na prática vantagens materiais e simbólicas, e esse discurso não pode cessar enquanto as populações afrodescendentes não forem inteiramente integradas, com todos os direitos, na sociedade brasileira.

Ora! Temos uma sociedade moderna racista. É isso que torna o racismo estrutural: a sua atualização como condição para o regime capitalista contemporâneo. Na educação, são os/as negros/as que ingressam mais tardiamente aos espaços escolares e são os/as que saem (“evadem”) mais precocemente. Em relação ao acesso à justiça, a desigualdade se mantém. As penas mais duras são aplicadas aos/às negros/as, mesmo quando cometem os mesmos crimes praticados por brancos/as.

Gráficos 3: Situação escolar por raça/IBGE.



www.ibge.gov.br

A demonstração desses construtores sociais, nos remete à reflexão de que esses fatos produzem sentidos e consequências, imprevisíveis da representação das pessoas negras e a construção da identidade negra no Brasil. Essas representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, na óptica do eurocentrismo, criando ideias capazes de representar um grupo social em detrimento de outros.

E, é nesta perspectiva que trazemos a reflexão da importância da escola na desconstrução de estereótipos baseados em narrativas de dominação e subordinação da população negra ao

longo dos anos. Para dar conta desse diálogo, a escola necessita criar laços com a importância da africanidade no processo de formação das pessoas negras.

O dilema entre ir ao mercado de trabalho para ajudar no orçamento da família e garantir o alimento na mesa, ou continuar a estudar e enfrentar desemprego e fome, tem sido uma das principais razões para o crescimento do abandono da escola. Aí, entra a necessidade de políticas públicas para garantia de escolaridade para as minorias.

Se assim considerarmos, deveremos considerar também que o negro no Brasil tem o seu lugar demarcado na sociedade delimitada por uma configuração social bem rígida que o colocou num cenário de exclusão,

Atentemos: hoje, os afro-brasileiros são mais da metade da população brasileira, mas se olharmos a paisagem social veremos que eles são sub representados ou praticamente invisíveis nas estruturas de poder e nos meios de comunicação. Os negros foram libertados em 1888, mas o racismo ainda distribui de forma desigual a renda e o poder, subjugando a população negra e parda à exploração. Cumpre enfatizar ainda que nessa sociedade ideologicamente racista, a subalternidade dos negros é considerada “normal” e “aceitável”, pois está dentro da “regra do jogo de opressão” que verbaliza que todos nós somos iguais e temos as mesmas condições, ponderações estas que divergem das assimetrias econômicas, sociais e políticas da sociedade brasileira. www.justificando.com / Luanda Julião, Mentres Inquietas pensam direito, 31/07/2018, acesso 02/03/2020

Nessa dinâmica conflituosa estruturada no pensamento dominante eurocêntrico, apresenta-se a identidade étnico-racial com referência para estruturação da política de opressão com a qual a população negra se depara ao longo dos tempos. O Racismo enquanto um sistema estruturante da sociedade abarca todos aspectos e as instituições sociais.

Logo, não é difícil concluir que não há qualquer forma social que não seja atravessada pela ideia de raça e sua hierarquização. Há nas famílias brasileiras aquele mesmo racismo característico da nossa sociedade: silencioso, quase imperceptível, no entanto, inaudito, que desperta sentimentos pungentes em suas vítimas.

Em outras reflexões a autora Silva (2013), apresenta uma reflexão preciso em relação ao trabalho e a educação da população negra, enfatiza que apesar de diferenças visíveis das desigualdades raciais, de 2000 a 2010, houve uma redução das disparidades fundamentadas nesse recorte racial.

Temos as lutas dos Movimentos Negros atuando para o reconhecimento das desigualdades raciais e, conseqüentemente, exercem uma pressão em relação a omissão do Estado na superação desta. Isso se dá diante de implementação de políticas afirmativas que promovam oportunidades de inserção social dos grupos em desvantagens.

É imprescindível, ao pensar Racismo, visualizar uma sociedade que produz desigualdade entre raças e etnias. O Racismo impetra a existência de hierarquia entre os grupos humanos e, é

dentro dessa estrutura que foi se constituindo durante o período escravocrata, e que se desdobra até os dias de hoje, estruturas das diversas maneiras as quais o Racismo pode se manifestar.

Ora, em consequência disso, podemos pensar que o Racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”.

O Prof. Dr. Silvio Luiz de Almeida, (2018), nos traz uma perspectiva bastante aproximada das reflexões que desencadeamos aqui a respeito do pensar e conceituar Racismo, pois trata a questão na perspectiva de recorrer à categoria de Discriminação Racial, referente às diferentes formas de tratamento de pessoas conforme o grupo racial específico. A prática dessa discriminação racial se configura em relações de poder que determinados grupos desenvolvem, usufruindo, inclusive das vantagens que sua categoria racial dispõe. Trata-se da Discriminação Racial Estruturada, o Racismo Estrutural, que envolve um processo de privilégios e se manifestam pelos espaços econômicos, políticos e institucionais, como buscamos alinhar nesse texto.

Essa dinâmica estruturada, contribui para a hegemonia de determinados grupos com o intuito de manter seus interesses sociais, políticos e econômicos, definindo regras e condutas que são naturalizadas socialmente. A partir da perspectiva de Almeida (2018) uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos.

Quanto a superação do Racismo, isso está conexo ao fato de considerá-lo estrutural dos processos de dominação na organização da sociedade. Cito, ainda, Almeida (2018) quando nos apresenta que o Sistema Capitalista é incapaz de possibilitar a integração social mediante normas estabelecidas em certos contextos históricos. O Racismo, nessa perspectiva, opera como uma normalidade o fato de jovens negros, serem associados à pobreza, serem moradores de periferia, vítimas da fome, de epidemias.

Fazer com que o Racismo perca força, não é tarefa fácil! O re/conhecimento das estruturas que estabelece as relações sociais no Brasil devem ser compreendidas. Mas é, necessário que as pessoas brancas reconheçam seus privilégios históricos diante das pessoas negras e, também dos índios. Falar, pensar, estudar as questões que giram em torno do Racismo é um caminho que conduz a questionamentos, reflexões e entendimentos da permanência dele na nossa sociedade. A escola tem um importante papel nesse debate.

Tanto os comportamentos, como os conteúdos verbais racistas decorrentes do processo de aprendizagem cultural na escola, traz implicações:

a construção de identidades como seres superiores ou inferiores e o consequente afastamento entre pessoas portadoras de diferentes fenótipos; a interiorização de modelos racistas e a sua reprodução em outros contextos sociais; contribui para o desenvolvimento de sentimentos de recusa às especificidades dos negros; contribui para a formulação do desejo de pertinência ao grupo branco, pela criança negra; contribui para a perda de um referencial a partir das próprias características e consequente construção de uma auto imagem negativa; contribui para o desenvolvimento de uma autocrítica acentuada, impedindo que a pessoa se permita falhar ou errar nas diferentes situações da vida. (CAVALLEIRO, 2001, pág. 141)

Temos, ainda hoje, uma sociedade e uma educação escolar que não se sustenta mais por subdimensionar ou mesmo deixar de lado a força positiva da contribuição dos africanos e de seus descendentes para a construção do país e da nossa identidade nacional. Os Movimentos Negros, disseminados pelo mundo abriu novas discussões e novos projetos estimulando parte da sociedade na luta contra o racismo de tal forma que hoje mudanças e/ou mobilizações podem ser percebidas, não apenas no que se refere a legislação, mas também na educação, na saúde, na mídia, por um país de educação, de direitos e igualdades.

A escola, embora diante do conflito de objetivos, deve favorecer a discussão e problematização por meio do diálogo e do questionamento das questões raciais. Torna-se um instrumento poderoso na prática educativa antirracista. Então:

tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido. (SANTOS, 2001, p. 106)

Se pensarmos que o passado é um local de referência para o desenvolvimento da sociedade, no caso do Racismo em relação às pessoas negras, ele ainda se configura em um local de permanência. Não há uma única forma de manifestação do racismo e, para estimular atitudes mais inclusivas e o respeito às diferenças reconhecimento de situações discriminatórias, é necessário trazer à sociedade a incorporação de narrativas que tragam os negros como protagonistas. Com isso reconhecer a dinâmica da sociedade brasileira, e os locais de permanência dos negros na sociedade brasileira, que é capitalista, é primordial.

No momento nos importa as enormes consequências que o Racismo impetrou no Brasil, gerando, principalmente, as desigualdades raciais e sociais. Munanga, (2005), nos diz que “A superação do racismo ainda presente em nossa sociedade é um imperativo. É uma necessidade moral e uma tarefa política de primeira grandeza. E a educação é um dos terrenos decisivos para que sejamos vitoriosos nesse esforço.”

A desigualdade social dos negros é um grave entrave que afeta o desenvolvimento do País num todo, e isso precisa ser resolvido. Deste modo, a educação escolar passa a ter um importante papel, na construção de mecanismos de transformação e na ampliação da cidadania, pelo caminho da desconstrução de qualquer situação que resulte em prática racista.

Nesse sentido, ao se abordar o problema das desigualdades raciais, está-se abordando não somente uma questão que afeta parte da população nacional, mas um problema que atinge a sociedade brasileira como um todo.

Esse novo olhar sobre a trajetória das sociedades humanas deve buscar uma perspectiva menos eurocêntrica e a inclusão de novos espaços e sujeitos no mapa da história. Reconhecer a presença africana amplia a nossa concepção de mundo e permite perceber aspectos das relações entre povos e regiões do planeta ao longo do tempo por nós ainda pouco conhecidos e compreendidos. Tal aprendizado ilumina nosso entendimento sobre processos históricos e dinâmicas sociais que a negação secular da história africana nos currículos escolares e universitários no Brasil nos levou a não perceber e, por consequência, interpretar de forma equivocada. (GELEDÉS, Por Mônica Lima e SOUZA, Date: 10/01/2014)

As escolas, que em vários aspectos se tornam os únicos espaços de produção do conhecimento sistemático para muitas pessoas, por muito tempo tem se isentado do encargo de promover um ensino pautado na busca pela superação das desigualdades. A África, ainda, é apresentada para as crianças na escola, e fora da escola a sociedade branca e parte da mídia já faz isso, como o “continente negro”, mas não “negro” no sentido da cor, mas de simbologias negativas, o termo negro, nesta perspectiva é avistado como algo que não merece destaque do ponto de vista estético, que equivale a ditados populares como “a coisa tá preta”, ou “o buraco negro”, enfim, tudo o que houvesse de negativo estaria relacionada com a cor preta, logo a África é “preta”.

Numa discussão mais ampla, de acordo com Oliveira (2008), a escola está impregnada de visões deturpadas e profundamente arraigadas sobre o negro, visões que prejudicam um olhar diferenciado para o indivíduo como pessoa.

Na escola, precisamente na educação básica, Cavalleiro (2001), Ziviani (2014) observa-se que o racismo se apresenta de diferentes formas, implícitas ou explícitas tornando a instituição um ambiente inóspito para os indivíduos negros.

O Racismo implícito é o mais comum, pois aparece sutilmente em nosso meio de maneira subjetiva. O simples fato de os livros infantis não retratarem personagens negros e/ou não fazerem nenhuma menção a personagens afros pode ser considerado um racismo camuflado. Ou o fato de as crianças negras não serem as rainhas das festas da escola é outro exemplo de “racismo

implícito”; encontra-se, também, nas associações sistemáticas da figura do negro com funções subalternas e escravidão nos livros didáticos, e por aí vai, a lista é longa.

De acordo com Guimarães (1999), o racismo é uma forma “bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”, e que, portanto, “cada racismo só pode ser compreendido a partir de sua própria história”, o conceito se estrutura nas dimensões sociais.

Assim, pensar em Racismo é pensar a sociedade! É pensar a sociedade do passado, e a atual, onde temos discursos de ódio⁸ racial relacionado às comunidades Quilombolas da atualidade, as religiões de Matriz Africana, é almejar uma visão de futuro. É refazer um caminho histórico e visualizar que no trabalho no Brasil escravista as funções eram determinadas pela cor da pele; a administração, a política e a justiça era “coisa” para branco, enquanto o trabalho braçal e mal remunerado cabia aos negros.

Nogueira (1955), nos diz que o racismo só pode ser compreendido como relação de poder, estruturado por dentro das instituições sociais, e sua superação não se faz sem a reforma destas. Racismo é uma relação que se estrutura política e economicamente. Desse modo, raça⁹ ganha centralidade como variável presente na produção e reprodução das desigualdades sociais e nos processos de exclusão social da população negra no Brasil.

O racismo tem uma grande complexidade, além de ser muito dinâmico no tempo e no espaço, Munanga (2016) nos diz que se ele é único em sua essência, em sua história, características e manifestações, ele é múltiplo e diversificado, daí a dificuldade para denotá-lo, ora através de uma única definição, ora através de uma única receita de combate.

A questão racial a partir dos arranjos e lógicas sociais de exploração, dominação e hegemonia de determinados grupos e ajuntamentos humanos em relação a outros. Ora, nos é sabido que o racismo é muito mais do que uma atitude. No Início desse texto analisamos o Racismo através da fala da personagem, porém ele é manifestado muito além disso:

⁸ “ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivadas por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência física ou mental e orientação sexual, 8 dentre outros fatores” (SARMENTO, 2006, p. 55); “o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007, p.118).

⁹ A concepção de raça aqui adotada distancia-se daquela enraizada na biologia, posto que esse termo é perigoso na prática e enganoso na teoria. Priorizaremos aqui raça com densidade histórica e política. Não se tem o interesse de recorrer à questão sanguínea, mas compreender as determinações que constituem o sistema político, econômico e sociocultural hierarquizado entre povos, garantindo privilégios de todas as ordens para povos não negros (brancos), numa perspectiva biologizante/naturalizante cujo interesse alimenta um discurso racista e segregador, enquanto seu uso em termos políticos vem como reivindicação de direitos historicamente suprimidos, como denuncia a militância negra e os cientistas sociais.

Constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele sendo negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna). LIMA & J. VALA, Estudos de Psicologia 2004, p. 402.

Com isso o racismo se manifesta de diferentes formas, desde atitudes no âmbito das relações individuais, a relações estruturais e institucionalizadas. Manifesta-se tanto em ações concretas de discriminação racial, como em atitudes de omissão frente a injustiças decorrentes da condição étnico-racial. É gerador de múltiplas violências, guerras, desigualdade racial, perseguição religiosa, extermínio. E pode estar ligado a ideias preconceituosas e a práticas de discriminação, segregação, isolamento social e aniquilamentos.

Trata-se, portanto, de compreender que

[...] no plano político, pode-se, a partir da tomada de consciência da exclusão fundamentada na discriminação racial (raça aqui entendida no sentido sociológico e político-ideológico) construir uma identidade negra mobilizadora, pelo fato de todos serem, apesar de oferecerem identidades regionais diferentes, coletivamente submetidas à dominação do segmento branco e constituírem o segmento social mais subalternizado da sociedade [...] (MUNANGA, 2000: 32-33).

O racismo que o negro sofre passa pela cor de sua pele. A cor da pele o cabelo crespo é também um determinante definidor que aparece quase sempre de forma conjunta na indicação de racismo. Retira das pessoas a dignidade, onera do acesso a bens e serviços, expõe a situações vexatórias, humilha, visibiliza, causa isolamento social.

Pensar o Racismo na escola, é acima de tudo pensar crianças/jovens se relacionando, e enxergar quando uma criança ou um jovem negro é vítima de atitude hostil realizada por alguém que não agiria assim com uma pessoa branca, ou seja, é alvo de agressões verbais e/ou físicas, apenas por sua cor da pele. Destacando que essas atitudes podem vir em forma de ironia, exclusão, olhares, gestos que consolidam em algum tipo de ofensas ao outro por ser negro.

Lopes (2007) nos apresenta que o racista se acha superior àquele a quem se compara: ele nasceu pra mandar e o outro, visto como inferior a ele, para obedecer. O racismo, então, é também uma expressão de desprezo por uma pessoa. Às vezes não por causa de suas características, mas por aquela pessoa pertencer a outro grupo.

Trata-se de uma situação concreta ou de ameaça aos direitos e à dignidade humana. Veja o que diz Estatuto da Igualdade Racial; Lei 12. 288/10:

Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento,

gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais no campo político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida privada. (Inciso I, parágrafo único do Art. 1º).

A população negra precisa e luta por muito mais: pretendem estar em espaços diferentes, de poder e influência econômica e social como na medicina, advocacia, gerência, sendo donos e chefes de grandes organizações, tendo um poder financeiro que garanta tranquilidade e satisfação para poder realizar seus sonhos. Deste modo cogitam o Empoderamento¹⁰, não só o empoderamento advindo da cultura e do corpo, mas abrangendo outras categorias, como: Empoderamento Cognitivo, Empoderamento Psicológico, Empoderamento Econômico e Empoderamento Político¹¹.

Nos últimos trinta anos as conquistas da população negra, decorrentes da luta do Movimento Negro, seja no campo jurídico-legislativo, seja na área social e as de caráter simbólico, ajudaram o Brasil a compreender que o racismo existe e que a promoção da igualdade é fundamental para seguir mudando a vida de metade da população brasileira. Porém, mesmo valorizando esses avanços e conquistas, é preciso deixar explícito que o Brasil continua sendo um país injusto, onde as desigualdades sócio raciais continuam imensas, como comprovam os indicadores, pesquisas e estudos.

No interior da escola o racismo apresenta-se na dinâmica das relações interpessoais de forma explícita ou praticado na intimidade, entre alunos e profissionais da educação. A escola não está livre do racismo, pois o ambiente escolar é um local que agrupa diversos seres humanos com as mais variadas divergências. E quando os estudantes vislumbram o outro como diferente, cria-se obstáculos e discriminam este ser, seja através de “brincadeiras”, seja através de conflitos.

Na escola é comum presenciarmos o preconceito em desentendimentos durante as interações sociais. Já presenciei insultos entre as crianças como, por exemplo: “só sendo preto”,

¹⁰ Há dois sentidos de empoderamento mais empregados no Brasil: um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc. em sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial (Gohn, 2004). Através desses processos, pessoas renunciam ao estado de tutela, de dependência, de impotência, e transformam-se em sujeitos ativos, que lutam para si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação, tomando a direção da vida nas próprias mãos (HERINGER, 2006a, p.16).

¹¹ Estas categorias foram escritas em um artigo da referida autora, Rute Vivian Baquero no ano de 2006 (Empoderamento: questões conceituais e metodológicas) com base em estudo do Instituto de psicologia da UFRJ. Um dos títulos do seu artigo é “Processos e Estratégias de Empoderamento”, onde é possível ter o entendimento que o Empoderamento é algo muito mais profundo e estrutural. O empoderamento cognitivo refere-se à conscientização que o negro tem a respeito do racismo que o afeta, entendendo seus motivos, causas, consequências e como este preconceito racial se desdobra na sociedade. Já o Empoderamento psicológico traz referência à autoestima e autoconfiança da pessoa negra. É a autovalorização da sua cor, cabelo, corpo e história. O Empoderamento econômico está relacionado à importância de o negro ocupar cargos e funções em grandes

“sai daqui vai respirar todo o ar”, “cala boca, escravo”; como por alguns apelidos pejorativos associados a cor da pele com o intuito de reprimir, subestimar a pessoa, como: ‘neguinho’, ‘pretinho’, ‘tição’, ‘negão’, ‘macaco’, ‘saci-pererê’, ‘café’, ‘Mussum’ etc.

Recentemente, ouvi o relato de uma professora de que uma criança negra, um dia a procurou para dizer que o colega (branco) o chamou de preto em um momento de conflito entre ambos. Ela disse que ficou sem ação, porque a criança, realmente era preta, era negro, que é tudo igual. Achou o fato inusitado. Por que uma pessoa negra não pode ser chamada de negra? Preto não pode ser chamado de preto, se são? E me disse, é preconceito deles com eles mesmos. Falas como essas, legitimam também a importância de trazer a temática ao diálogo, mas que fique claro que elas buscam confundir e encobrir o debate sobre a existência do Racismo.

Ou seja, a professora branca não concorda que uma característica física de uma pessoa negra quando utilizada com intuito de agredi-la é usada para atingir a sua honra subjetiva. Ou seja, a ação da criança branca contra a criança negra, não foi interpretada como uma ofensa racial. Essas pessoas não são facilmente reconhecidas como racistas. Elas são tem seus descendentes entrando no Brasil através de navios negreiros. E, isso, dificulta pensar como se estabelece o preconceito racial, a família não falou, a escola não mostrou e ela não procurou saber.

Quem sofre racismo enfrenta obstáculos concretos no acesso a bens, serviços e direitos, além de problemas psicológicos gerados por problemas de aceitação e baixa autoestima, resultante da forma como as pessoas negras são tratadas no decorrer de suas vidas. Desconstruir essas representações cristalizadas na sociedade, em algumas instituições de ensino e na prática pedagógica de alguns (mas) professores (as), não é uma tarefa fácil! Mas, podemos contribuir para uma escola mais democrática a partir do momento que levamos a discussão relacionada a temática para dentro da escola.

Como as crianças entram nesse debate? Elas estão desde o início no debate. As rédeas das discussões aqui elencadas, contribuem para se pensar como a subjetividade infantil pode ser afetada com esses discursos, percebendo as crianças como atores sociais, sujeitos de direitos, produtores e reprodutores de culturas¹².

¹² [...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas. [...] a criança é vista como agente ativo e um ávido aprendiz. Sob essa perspectiva, a criança constrói ativamente seu mundo social e seu lugar nele (CORSARO, 2011, p.15,19). [...] as teorias sociológicas da infância devem se libertar da doutrina individualista que considera o desenvolvimento social infantil unicamente como a internalização isolada dos conhecimentos e habilidades de adultos pela criança. Numa perspectiva sociológica, a socialização não é só uma questão de adaptação e internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução. (CORSARO, 2011, p.31).

A escola é o local onde as crianças passam uma grande parte de sua infância. Além de ter acesso ao “ensino formal”, a escola é um espaço de importantes descobertas, é o espaço onde com mais frequência a criança irá interagir com indivíduos que não fazem parte de seu núcleo familiar. É na escola, também, que as crianças ampliam seu círculo de amizade.

E, nós, educadores somos cientes de que

“O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.” Ou seja, o pequeno estudante não se comporta como um ser passivo que apenas absorve tudo aquilo que lhe repassam, ele também aprende através da observação, do diálogo, do jogo simbólico, construindo seu próprio mundo por meio da realidade que a sua mente consegue perceber. (FERREIRO, 1996, p.24)

As crianças como seres sociais, desde a tenra idade, já começam a entender que as relações sociais vão muito além dos limites do domicílio. Assim, a escola passa a ser pensada pelas crianças como uma referência social e afetiva, que vai muito além de aprender a “ler e escrever”. Assim, essa fase exerce muita influência sobre o desenvolvimento do indivíduo.

Mas, proponho: Feche os olhos e imagine uma sala de aula de qualquer turma da 1ª Fase do Ensino Fundamental. Onde as crianças negras se encontram? É bem possível que a resposta seja, por todos os lugares, pois a maioria das crianças são negras.

Durante o recreio, com quais grupos as crianças negras interagem? Quantas rainhas e reis de Festas Juninas negras (os) apresentamos ao longo dos anos? Nos eventos da escola, as crianças negras ocupam espaços de destaques?

Partimos, então, do pressuposto de que é preciso entender como se processam as relações dos intergrupos na escola e como esse espaço de relacionamentos mútuo debate as várias questões relacionadas ao racismo, a discriminação e preconceito com as crianças negras quando o conflito sobre as questões raciais está acentuado.

Observar as crianças nos espaços de lazer na escola me permitiu presenciar situações concretas de preconceito e discriminação entre elas. Nesse local de liberdade, longe das professoras, as crianças brancas escolhem, “incluindo e excluindo”, seus parceiros e decidem, também, por quanto tempo permaneceriam brincando com eles. As manifestações discriminatórias foram ouvidas nos momentos em que algo era disputado: poder, espaço físico ou companhia. E nos conflitos explode falas racistas e discriminatórias “Sai para lá cabelo de Bombril”; “Nós somos a polícia, vocês são os ladrões!” – meninos brancos dizendo para meninos negros.

No cotidiano das escolas por onde trabalhei, percebia crianças negras querendo os seus cabelos louros e escorridos. Isto é, buscando a ideia do belo que lhes é transmitida através de um processo excludente e preconceituoso da ideologia do branqueamento. E essas características

físicas eram, por hora, estratégia de seleção para grupos de amizade, de brincadeiras, de fazer trabalhos. Aqui temos a segregação racial, sim, praticada por criança.

Verdade é que as questões em torno da temática, Racismo envolvendo crianças em fase inicial de escolaridade, nos coloca diante a um problema denso, que se revela em diversas formas. Transita pela cor da pele, o tipo e a cor dos cabelos, formato do nariz e lábios, são parâmetros que por vezes, define a aceitação ou não, da pessoa em um grupo.

Elucidar essas questões, é antes de tudo, uma forma de proporcionar um encontro reflexivo entre a exclusão e a indignação. Indignar é necessário ao educador. Creio que quando perdemos a capacidade de nos indignar com as atrocidades cometidas contra os outros, perdemos também a nossa condição de seres humanos. Assim, imagino que seja também com o professor no exercício de seu magistério.

As crianças ao nascer não possuem sentimentos de racismo e preconceitos, elas veem os outros como iguais, mas com o passar do tempo elas aprendem com os adultos que existem pessoas superiores a outras, o que não é verdade, mas infelizmente elas aprendem isso e a solução para parar esse preconceito é ensiná-las que ninguém é melhor ou pior, pois todos têm direito de serem tratados iguais.

De forma explícita temos, por exemplo, como as crianças são apresentadas a contos infantis que sempre vão enfatizar como conteúdos elogiosos, a pele branca e os lindos cabelos lisos de meninas e meninos que os protagonizam, quando mencionada a cor negra e o cabelo crespo sempre serão em tom de escárnio ou para representar crianças e pessoas negras de forma subalterna. Isto está muito estruturado nos Contos de Fadas apresentados nas escolas brasileiras, com princesas loiras, brancas e, seus príncipes, brancos.

Como não citar a representação da Tia Nastácia, na obra de Monteiro Lobato¹³ no livro *Histórias de Tia Nastácia*. Os comentários da boneca Emília que representam estereótipos e racismo:

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. [...] — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto... [...] (p. 24).

¹³ Monteiro Lobato foi um escritor, jornalista, empresário da indústria do petróleo e editor brasileiro pré-modernista. Sobre tudo, ele ficou bem conhecido no Brasil por conta de sua maior obra de destaque “O sítio do pica-pau amarelo”, a qual é composta por 23 volumes. Acima de todo conhecimento e criatividade do literário, ele era conhecido como uma pessoa racista. Inclusive, Lobato defendia práticas de eugenia, juntamente com seus amigos médicos Renato Kehl e Arthur Neiva, os quais difundiram o conceito de eugenia no Brasil. Além do mais, ele foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo. Vale destacar, que a eugenia é uma prática de controle social, em que os médicos “melhoram” a genética das próximas pessoas. Ou seja, eliminava pessoas que eles julgavam como inferiores. Fora isso, ele defendia também a criação de uma Ku Klux Klan no Brasil. Segredosdomundo.R7.com acesso 28/08/2020.

— Bem se vê que é preta e beiçuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. [...](p. 88)

Tia Nastácia conta causos e história do folclore brasileiro. Mas, os personagens, não demonstram muito apreço pelas histórias. Fato é, que todos criticam as histórias de tia Nastácia, principalmente Emília, que as considera bobagens de negra velha. Já, D. Benta, a proprietária do sítio, mulher “estudada” conta história do “mundo”, da Europa que são muito apreciadas pelos personagens. Assim, se traça a representação do negro e do Branco, levado para sala de aula nos anos iniciais. Claro, nos instiga a pensar como essas questões são apresentadas às crianças.

Verdade é que, ainda, muitas escolas não se propõe a fazer esse alinhamento entre a literatura, o Racismo e o preconceito. E isso, vai se internalizando na cabeça das crianças sem percepção ou de forma silenciada. O silenciamento geralmente, acontece porque a escola não propõe o diálogo das práticas racistas, aula já vem direcionada, engessada.

Para legitimar sua dominação, parafraseando Karl Marx (1998), a raça branca precisa que as demais raças e grupos étnicos, inclusive os negros, assimilem seus valores e passem a se comportar, pensar, sentir e agir conforme sua ideologia racial.

Já em sala de aula, as crianças negras, raramente ocupam os lugares da frente nas filas, ou ao lado da mesa da professora. O sonho de várias crianças é sentar próximo da professora, principalmente das meninas. No primeiro dia de aula sempre observei que quanto mais branca a cor da pele, mais se ocupa as primeiras carteiras, mesmo que essas crianças sejam minoria na sala. É automático, as crianças brancas chegam e ocupam os primeiros lugares.

Quando estava na coordenação pedagógica na escola que trabalho, uma mãe branca me pediu para falar para professora mudar a filha dela de lugar porque não queria que ela ficasse próxima “daquela menininha, pretinha e piolhenta”. Entre tantas crianças, a negra foi escolhida como portadora de piolhos por aquela mãe.

O castigo é algo muito marcante também, vem agregado de isolamento ou tons exaltados dos educadores, como se a criança negra não tivesse ninguém por ela. Descrevo, um outro fato marcante em minha memória, uma professora ao fim da aula sai da sala acompanhada da “melhor” aluna da sala e sua mãe, já havia dito isso para mim, que não era negra, sorridentes passam por mim. Pouco depois a pessoa responsável por fechar as salas de aulas me chama e diz que ainda havia uma criança na sala. Um menino estava sozinho na sala copiando matéria que não concluiu no período regular; um menino vindo a pouco tempo de Alagoas; um menino negro, que ficou grande parte do ano fora da escola e a professora não autorizou que fosse embora sem terminar. O silêncio da sala, o silêncio da escola tornou o fato mais triste do que já era. Perguntei por seus irmãos, ele disse que já haviam ido embora “porque senão a mãe ia zangar”. Pedi que fosse embora, pois sua mãe iria ficar preocupada e logo iria anoitecer.

Crianças negras não recebem atenção na escola, não a atenção adequada, acostumadas a serem referenciadas historicamente como escravas ou como o ridículo- cabelo daquela marca de palha de aço, aprendem a tentar não ser vistas, mas, por outro lado, em situações de indisciplina, quando “some” um lápis, é óbvio então que sejam sempre as primeiras a serem acusadas ou tidas como suspeitas. Tem ainda o padrão de que são “mais fracas”. Receber crianças da região norte ou nordeste deixam as professoras de “cabelos em pé”.

Bourdieu (1980), nos assinala para o questionamento da diferenciação entre a “representação”, de um lado, e a “realidade”, de outro, a condição de incluir no real a representação do real, ou, mais exatamente, a luta de representações..

A reconstrução do “ser negro” passa por um processo de conscientização e valorização da negritude e pela construção política e sociocultural de sua identidade. Os critérios científicos não fazem mais que registrar o estado da luta simbólica pela legitimidade estabelecida entre as diferentes representações

A mãe de uma ex-aluna minha ao participar do projeto Educar e Aprender sem Preconceito Racial, em 2018, em uma turma de 5º ano, me confidenciou que já sofreu demais em escola por sua filha ser negra. Quando bebê nunca colocaram um prendedor nos cabelos de sua filha na creche, a fitinha que ia voltava na mochila. Nunca lavaram ou se quer molharam os cabelos dela e, que era comum não “dar tempo” de dar banho nela. E, que na alfabetização uma coleguinha pediu para sua filha sair de perto porque iria respirar todo ar daquele lugar (já tive outros relatos e já presenciei essa fala na escola). Dias depois, ela flagrou a filha tentando dormir com um prendedor de roupas no nariz. E agradeceu, por ensinar que não é por aí. E, disse, que bom que a escola estava mostrando para as crianças brancas o valor das pessoas negras.

No que tange todas essas discussões, selecionamos duas questões no presente texto de extrema relevância e de interesse que emergem neste momento. Como o Racismo se configura no pensamento das crianças na 1ª Fase do Ensino Fundamental? O que pode ser feito, tomando por base a escola e o ensino de História, para minimizar essa estratificação? Obviamente, responder essa questão é uma tarefa fácil, mas, ao longo do texto, tentar-se-á discutir e apontar, na medida do possível, tendências às quais possam nos ajudar a compreender como o Racismo está instaurado na escola e nesta fase de escolaridade.

4. TRUNFO: UMA CARTADA CONTRA O RACISMO

A escola é um ambiente fértil para conflitos em vários sentidos e, é fato que nos deparamos constantemente com situações de Racismo, discriminação, de preconceito ou

segregação racial. Uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança tende, de forma inconsciente ou não, a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes e, isso pode passar despercebido ao olhar dos adultos. Ou, quem sabe, simplesmente, deixar passar: é coisa de criança! Mas, isso tem que ser pensado, tem que ser discutido na escola, pois, traz marcas indesejáveis que podem impactar a vida das crianças negras.

Temos a diversidade como norma da espécie humana, Lima (2006), nos diz que “seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo”. O reconhecimento dessa diversidade não é uma tarefa simples, pois requer a valorização das diferentes culturas, ou seja, a compreensão dos meandros da construção cultural situados na dinâmica das relações sociais e políticas que constituem nossa sociedade.

Assim, essa pesquisa tomou forma mais prática e pedagógica. O jogo foi criado com base no jogo “Super Trunfo” já existente no mercado, da empresa GROW¹⁴. Porém, não é uma cópia, pois vários são os jogos infantis que apresentam as cartas como um produto. Após pesquisas, não foi encontrado nenhum jogo que tivesse a proposta apresentada neste trabalho. Assumimos que ele é autêntico e inovador de acordo com os objetivos a serem alcançados.

O presente material tem a finalidade de oportunizar a reflexão dos (as) educadores (as) sobre a relevância dos jogos como estratégia para estimular, motivar e mediar o aprendizado. E, fornecer dados relevantes para identificar como e a quantas encontra-se o racismo e o preconceito nas crianças na fase inicial de escolarização. Ademais, atribui significados sobre como se encontram as questões raciais nos pensamentos das crianças.

Ao inserir o Jogo de Cartas no processo de pesquisa buscamos uma possibilidade, para que através dele as crianças exponham suas ideias e convicções em relação ao outro, no que diz respeito às suas características física. Surge do entendimento que temos, de que essa proposta se constitui em um material didático que por si só, consegue ter a capacidade e o potencial informativo para conseguir a motivação, o envolvimento e a fala da criança.

O Jogo de Cartas Trunfo é um produto que conduzirá a metodologia da pesquisa-ação¹⁵ e, considero desafiador, pois, transita por compreender como o Racismo se configura nessa turma

¹⁴ Empresa fundada em 1972 com o lançamento do jogo War. Desde então vem desenvolvendo produtos para todas as idades, trazendo cultura, informação e diversão. Desenvolve bonecos com mecanismos e modelagem própria, garantindo a qualidade de acabamento. Cria jogos didáticos que reforçam os estudos para crianças em fase escolar e alunos pré-vestibulandos. Possui várias marcas de sucesso incontestável, como WAR, IMAGEM&AÇÃO, SCOTLAND YARD, CAN-CAN, PERFIL e QUEST entre tantas outras.

¹⁵ A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o

escolar do 4º ano. É, também, um produto que poderá servir a outras realidades e instituições escolares, pois, é flexível e destinado a um processo de aplicação e análises.

Esse trabalho foi realizado numa turma do 4º ano na escola pública Instituto de Educação Matilde Margon Vaz, onde sou professora regente, no ano de 2019, num total inicial de 35 alunos envolvidos com a proposta. As estratégias foram aplicadas no início do ano letivo, momento em que ainda não havia desenvolvido conteúdos que dialoguem diretamente com a temática proposta na pesquisa.

A turma investigada é bastante heterogênea, enxergo cada criança como pessoas que trazem modelos já construídos socialmente do que é ser negro, o que é ser branco, suas características e estereótipos estéticos do que é belo e bom; e há possibilidade de a criança eleger como seus os modelos e categorias sociais já existentes.

As metodologias traçadas através da dinâmica do Jogo de cartas Trunfo em sala de aula são fundamentadas basicamente em cinco caminhos a percorrer:

1º caminho: Pensar e elaborar as cartas e a dinâmica do jogo, suas etapas, regras.

Exemplo de Carta para o Jogo:

IMAGEM	Nome:
	Habilidade:
	Você conhece:
	Inteligência:
	Beleza:
	Simpatia:
	Destaque:
	Grau de identificação:

Figura 7: Modelo de Carta do Jogo Trunfo

Esse modelo de carta está, propositalmente, sem imagem porque ele é criado dentro de um contexto. Esse material tem uma flexibilidade incrível, pode ser aplicado em qualquer escola, região, estado e ainda nos proporcionar uma riqueza de reflexões capazes de redimensionar a prática dos professores, nessa perspectiva impactar positivamente por uma escola antirracista através de práticas pontuais.

2º caminho: apresentar a proposta do jogo para as crianças; propor o Para Casa para fazer as lista para compor o baralho, com sugestões de nomes de pessoas negras e não negras que se destacaram na cultura, artes, esporte, política etc.

aprendizado de seus alunos. É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementasse, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. David Tripp, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

Na sala de aula, conversei com as crianças sobre a possibilidade de a gente criar um jogo de cartas. Com aprovação unânime, falei que pensei em fazer as cartinhas com pessoas sugeridas por eles e, que poderiam ser pessoas negras e não negras. Pensando que as crianças necessitam de ajuda, achamos que seria mais rico para as reflexões que os familiares auxiliassem. Então, as crianças levaram a proposta para casa.

3º caminho: análise das listas e composição do baralho;

Com as listas em mãos, realizei uma tabela com os nomes que foram mais citados. Tive um longo caminho reflexivo, pois, esses dados já nos traziam muitas informações que dialogava com a pesquisa - as questões que giram em torno do racismo.

4º caminho: apresentei baralho pronto e realizei a coleta de valores na composição do baralho.

Essa etapa resultou em gráficos e análises escritas. As questões do Racismo entre as crianças estavam tomando forma na pesquisa.

5º caminho: apresentei as regras do jogo para as crianças onde, em pequenos grupos realizaram a brincadeira. Essa etapa configura a ação lúdica, uma fase de descontração e consolidação, associada com a proposta, pois sempre almejei tratar a temática do Racismo de forma leve, dialogada e participativa.

Durante o ano letivo, como faço há de 07 anos, trabalhei com as crianças dois projetos, um trazendo a temática “Projeto Ensinar e Aprender sem Preconceito Racial: XÔ RACISMO!” E, o projeto “Conhecendo a África”. No final do mês de agosto, mesmo diante das demandas da rotina, apliquei as cartinhas e trago, ao final do trabalho, uma reflexão dos resultados alcançados. Realizei uma reflexão, pois houve uma movimentação pequena de alunos em relação a transferências e alunos novatos, sobre como as crianças se posicionaram sobre a temática à luz de desenvolvimento de projetos pedagógicos que dialogam com a temática.

Em todas etapas me coube coordenar e apresentar as dinâmicas necessárias para alcançar o objetivo do momento. Assim, como realizar as reflexões escritas para materialização da pesquisa, num processo que traduzisse em ação-reflexão-registros.

A velha premissa de que “ninguém faz nada sozinho” ilustra com clareza a importância de instigar a participação dos atores existentes sobre o tema que se pretende investigar, abordando especificamente a dinâmica da metodologia do Jogo de Cartas trunfo e representação social em conjunto.

O jogo pode ser considerado um auxiliar educativo de grande potencial, pois, nos leva a compreender a quantas caminha o Racismo no universo infantil e, a partir disso, criar estratégias de práticas pedagógicas com intuito de trabalhar em prol da efetivação de uma escola antirracista.

Nesse prisma, a pesquisa toma forma didática pedagógica, então não se deve considerar como um divertimento ou um prazer.

4.1. Localização geográfica e aspectos sociais e culturais da cidade e do bairro

A ideia de articular um breve relato do cenário geográfico de onde a pesquisa emerge, tem o objetivo de somar com uma reflexão não só de análise de um espaço territorial, mas o que se propõe:

Recuperar a cidade do passado implica, de uma certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado pelo conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso; mas o resgate do passado implica ir além dessa instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significação que a cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizam na história. (PESAVENTO (2004a, p. 1597-8)

Trazer este relato é propor uma discussão sobre tempo e espaço e as relações sociais estruturadas, sendo esse um ponto fundamental para o ensino de História e faz parte do nosso cotidiano, contribuindo para a compreensão da realidade social da pesquisa.

Catalão é um município do Estado de Goiás, está localizada na região sudeste do estado, tem um clima predominantemente tropical de altitude. Apresenta uma extensão territorial de 3.821.642 km e, segundo dados do IBGE de 2019 possui uma população aproximada de 108.823 habitantes. Possui 116 bairros 02 distritos e 02 povoados. A história oficial da cidade tem como data 20 de agosto de 1859.



Figura 8: Mapa da cidade de Catalão.

Fonte: www.ibge.gov.br

Quando nos propomos a entender o lugar da população negra na cidade de Catalão não encontramos informações que nos trouxesse dados étnicos-raciais. Nos dados do IBGE encontramos dados quantitativos de população, alunos matriculados, homicídios, taxa de desemprego, mas nada especificando “pessoas pardas, negras, pretas”. Invisibilidade de dados que coincide com uma aparente não presença de negros na cidade de Catalão.

Catalão, originou-se da penetração das entradas das Bandeiras comandadas por Bartolomeu Bueno da Silva, compostas por homens negros escravizados, armas, cavaleiros e padres que adentravam pelos sertões em busca de riquezas minerais e captura de índios para trabalho escravo. Na história oficial, entretanto, só aparecem os nomes dos bandeirantes e padres.

A história de Catalão não foge a formação do processo de colonização do Brasil e a exploração, tanto de espaço físico como humano. Dialogando com esse fato, culturalmente, o município destaca-se no âmbito nacional, com a presença das Congadas – através da realização, anual, da Festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Momento em que a população negra ganha visibilidade. Festa, ao mesmo tempo profana e religiosa¹⁶, que é comemorada desde o ano de 1876. De acordo com a história relatada, a origem de uma tradição afro-brasileira, as congadas são heranças dos escravos alforriados que, para agradecer à santa a liberdade conquistada, deram origem à tradição que passa de pai pra filho há mais de cem anos.

Realizada no início do mês de outubro, a Congada é representada pelos grupos de ternos de Congos, cada um com seu vestuário, músicas e coreografias sendo apresentadas pelas ruas da cidade. Os cânticos trazem devoção católica, mas tem uma forte presença de letras que remonta a memória da escravização dos povos negros. As congadas ecoam o discurso étnico-racial nos espaços urbano e público de toda cidade.

A população da cidade de Catalão passou por transformações, mas demonstrou em suas práticas resquícios conservadores, como nos anos 40, 50, 60 a criação de Salões de festas apelidados Clube do Ricos e Clube dos Pobres, oficialmente, Clube CRAC- Clube Recreativo Atlético Catalano, frequentado por pessoas ricas e brancas; os negros que frequentavam, geralmente tinham ligação com o Clube de Futebol CRAC. E o Clube Treze de Maio frequentado por trabalhadores pobres e negros. A camada negra e mais pobres da sociedade enviava propostas por escrito para se associarem no Clube CRAC, mas estas não eram aceitas. Sim, a segregação

¹⁶HOORNAERT (1974) explícita, que “as formas tinham que ser católicas a todo custo”. Porém, se ouve pontos de Umbanda entoadas “Ogum olha sua bandeira, ela é branca verde e encarnada, ôoo Ogum nos campus de batalhas, ele venceu a guerra para salvar seus filhos (p. 14)

racial tem raízes estruturais de preconceito e racismo na história, no passado de Catalão, como de tantas outras cidades do Brasil afora.

Os negros e excluídos desejando frequentar também um clube tentavam encontrar um espaço onde pudesse se reunir, dançar, festejar e namorar. Assim, com recursos próprios e com a ajuda de alguns comerciantes e da sociedade, foi criado e construído o Clube Treze de Maio, representando uma forma de resistência para que pudessem ter um local para divertir.

Do trabalho, da exploração, ao lazer discriminado, a criação do Clube Treze de Maio concebe um espaço na memória da história de Catalão de um lado, resultando em benefícios materiais e simbólicos a população branca em todos os segmentos sociais e, de outro lado, a falta de oportunidades e o quadro da subalternidade sócio econômica e política da população negra.

Ora, que Catalão tem resquício do período escravista colonial brasileiro. O Racismo Estrutural, que iremos falar ao longo dos textos, está bem delineado na sociedade catalana. Meus olhos fitam os locais ocupados pelos negros no mercado de trabalho e, concluem que eles não estão em cargos melhor remunerados. Olhando a cidade é possível que não os vejamos com muita frequência caminhando pelas Universidades Particulares, nas escolas particulares, em cursinhos pagos, nas Secretarias de Educação e Cultura, na Câmara Legislativa, nos escritórios de Advocacia.

Mas, nas escolas por onde passo, olho, vivo, e/ou convivo, as crianças negras são a maioria e, isso me deixa, demasiadamente, esperançosa e feliz. De forma que, o que eu colocar no papel ou nos planos em prol de uma escola antirracista, seja objeto de luta e de realização, mesmo, que venha passo a passo.

4.2. A escola

A Escola Pública pesquisada, localiza-se no Setor Universitário, possui acesso direto a pontos importantes da cidade. É uma escola organizada e, faz um bom uso dos recursos disponíveis buscando oferecer, dentro de suas limitações, um ensino de qualidade para a comunidade. Inclusive, é uma escola bem reconhecida na cidade e no estado, com índices satisfatórios nas avaliações externas.

Em relação ao IDEB, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino, a escola superou a meta esperada no 9º e no 3º ano do Ensino médio e, aumentou 1 ponto no 5º

ano de 2017 a 2019. Isso é um excelente nível de desenvolvimento escolar referente as metas traçadas, tanto para escola, como para a região, estado e país.

Pesquisei nos projetos da escola com o objetivo de averiguar como a lei 10.639/2003 impactou a ação pedagógica de professores, através de ações propostas nos projetos que norteiam a prática escolar, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e PA (Plano de Ação). São projetos que norteiam a prática pedagógicas e, são utilizadas em sala de aula por educadores e educadoras a partir desta promulgação e de movimentos em torno do tema busquei neles encontrar práticas relativas ao cumprimento da lei.

Analisei os Projeto Político Pedagógico – PPP da escola nos anos de 2004, 2006, 2007, 2017 e 2019. Os demais não foram encontrados impressos para me fornecer a leitura. Observa-se que, além de incompletos, as referências teórico-metodológicas que orientam o ensino de História na Escola Pública, apontam para uma disciplina que passa a ser “enxergada” a partir da II Etapa do Ensino Fundamental, momento em que a mesma passa a ser ministrada por um professor licenciado em História. Nesse período não encontramos nada voltado a implementação da Lei 10.639/2003 em projetos e atividades interdisciplinares.

Porém, existem ações para investimento financeiro em compra de material, com objetivo de tornar as aulas de História mais dinâmicas, visto que está sendo considerada uma disciplina crítica. Os Projetos que desenvolvo desde 2014, Projeto Ensinar e Aprender sem Preconceito Racial: XÔ RACISMO! E, o projeto Conhecendo a África, não estavam discriminados nos projetos da escola. Mesmo já tendo, ao início do ano letivo informado os projetos que trabalharia no decorrer do ano. Levei a questão a equipe gestora e, os projetos foram incluídos. Em 2017 esses projetos não foram desenvolvidos. Pois, eu estava na coordenação pedagógica e não consegui sensibilizar os professores para o desenvolvimento dos mesmos, pois a proposta é anual e interdisciplinar e não dialoga com apenas uma disciplina, ou uma data comemorativa.

Estes projetos trazem uma discussão sobre as relações étnico-raciais das crianças na 1ª Fase do Ensino Fundamental buscando contribuir para construção da identidade da criança negra, assim como, na desconstrução de estereótipos baseados na construção de padrões estéticos.

Ao propor esses projetos, tenho como princípio fundamental despertar nas crianças que a diferença racial é um fator positivo valorizando a importância da raça no contexto histórico e social. Assim, busco propor a discussão da diversidade desde a tenra idade. Com o objetivo de promover o respeito, valorizar as diferenças raciais e promover uma discussão que versa sobre a igualdade de direitos e oportunidade de todas as crianças na instituição escolar.

É nesse contexto que percebi que encontramos ações do planejamento diário dos professores na 1ª Fase do Ensino Fundamental, voltadas apenas para comemorações de datas

como o dia da “Consciência Negra” ou “13 de Maio”; e Projetos de Ética e Cidadania, com temáticas voltadas ao uso de drogas, segurança, sexualidade, na 2ª Fase do Ensino Fundamental. Não há projetos ou citação da Lei 10.639/2003 no Projetos Pedagógicos pesquisados na escola.

Nos últimos anos o PPP da Escola passou a ser elaborado em período de triênio, iniciou com a gestão anterior e foi reelaborado na atual gestão 2018 a 2020. Nessa nova versão não temos análise das disciplinas detalhadas individualmente mais, em outra versão tinha relatório, objetivos, metodologias por disciplinas. Ele é mais sucinto e traz praticamente questões mais objetivas e funcionais do que pedagógico.

Dentre os projetos relatados, no atual PPP, existe mais investimentos no Ensino Médio, haja vista, que esse período escolar tem recurso financeiro próprio para elaboração e desenvolvimento de projetos, como o PROEMI- Programa Ensino Médio Inovador, tem o objetivo de garantir o acesso à educação de qualidade aos jovens do Ensino Médio.

Porém, como professora efetiva, desta unidade escolar, já presenciei trabalhos voltados nessa temática no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, não relacionados no PPP. Na 1ª Fase as atividades ficam mais voltadas aos desenhos xerocados e leituras com algumas produções de textos, voltados para a data do 13 de maio, a “Abolição da Escravatura” e para o Dia da Consciência Negra, no 20 de novembro.

Através da pesquisa na documentação na escola, fiquei ciente de que no Censo Escolar realizado pelo Inep- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira , as questões sobre o racismo, as desigualdades sociais e a diversidade religiosa são tratadas como temas de projetos relacionados a "fatos que afetam a segurança" nas escolas, como bullying, uso de drogas e sexualidade na adolescência. Reflito que esse discurso está atrelado ao papel marginalizado das pessoas negras na sociedade brasileira.

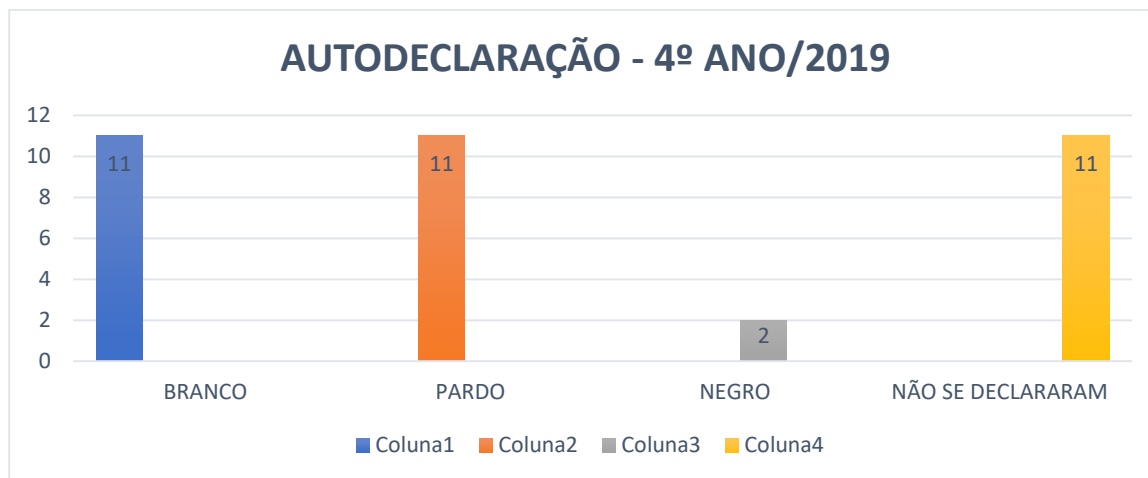
A nossa sociedade é capaz de produzir uma série de mecanismos que acobertam e garantem impunidade aos violentadores e aos agressores. E acusam os jovens negros, mesmo que eles não sejam culpados. A cor da pele, quanto mais escura, mais se torna uma marca que estigmatiza.

Sou professora dessa escola há 7 anos e sou regente da turma pesquisada. São 35 alunos que participaram da pesquisa, a faixa etária é entre 9 a 13 anos. Parte da turma é formada por antigos moradores do bairro, tenho 8 alunos vindos da região nordeste do estado – Bahia, Pará e Alagoas, um do Tocantins, uma da Venezuela, uma artista do circo que participou das aulas, por aproximadamente 40 dias. Uma criança veio de Araguari e uma do Distrito Federal.

Tabela 1: Relação e dados dos alunos da pesquisa

Quantidade	Idade	Matrícula/Renovada	Novato	Origem
1	13	X		Bahia
2	10	X		Catalão
3	10	X		Catalão
4	10	X		Catalão
5	09	X		Piauí
6	10		X	Venezuela
7	09		X	Catalão
8	09		X	Catalão
9	10	X		Catalão
10	10	X		Catalão
11	09	X		Mato Grosso
12	10		X	Piauí
13	11		X	Catalão
14	10	X		Catalão
15	10	X		Piauí
16	10	X		Catalão
17	09	X		Catalão
18	10	X		Catalão
19	10		X	Minas Gerais
20	10		X	Tocantins
21	10		X	Bahia
22	09		X	São Paulo
23	09		X	Piauí
24	12	X		Catalão
25	10	X		Catalão
26	10	X		Catalão
27	10	X		Catalão
28	10	X		Alagoas
29	10		X	Minas Gerais
30	10		X	Catalão
31	12		X	Catalão
32	12		X	DF
33	10	X		Catalão
34	10		X	Catalão
35	10		X	Catalão
36	09		X	Minas Gerais
37	10		X	Pará

Gráficos 4: Auto declaração dos alunos do 4º ano da escola pesquisada.

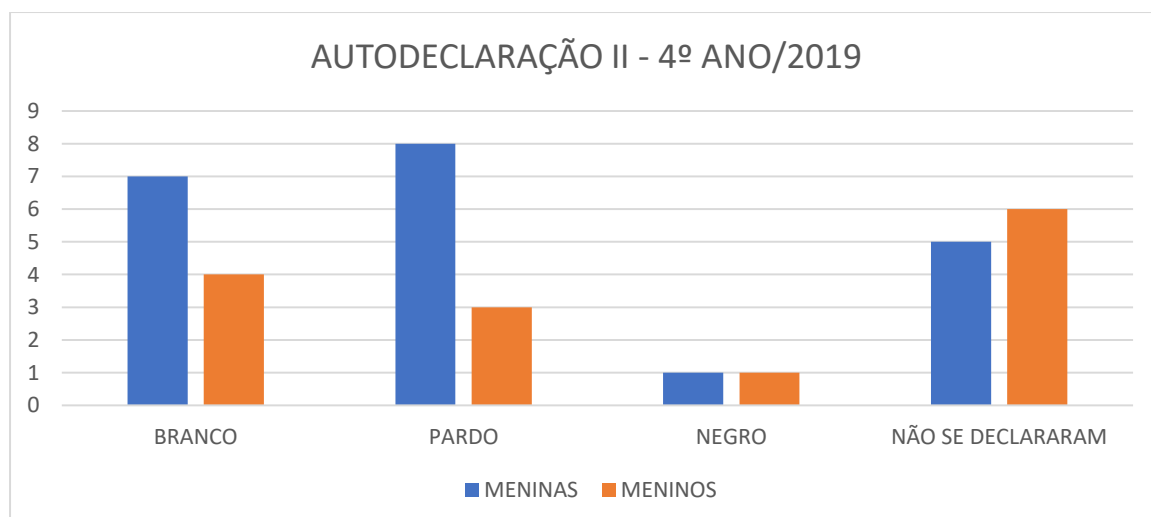


Os gráficos referentes à pesquisa serão produzidos pela pesquisadora

A turma é formada por 21 meninas e 14 meninos. Analisando o gráfico temos 7 meninas brancas, 9 negras (pardo e negro) e 5 meninas não-declaradas. Em relação aos meninos temos: 4 quatro brancos, 4 negros (pardo e negro), e 7 que não foram declarados.

O que observamos na sala de aula, é que esse quadro somente será interpretado mais próximo da realidade se os não declarados, se declararem negros. Tem uma aluna indígena, que não se auto declarou. Na verdade, a sociedade, ainda, traz muitas dúvidas em relação, principalmente, ao “pardo”: são negros ou brancos? Em caso de dúvida não marcam.

Gráficos 5: Auto declaração II dos alunos do 4º ano.



Outro dado é que na sala de aula é perceptível que a maioria dos meninos são negros, e que grande parte não foram declarados. Ou seja, os dados declarados não conferem com as características visíveis nos corpos dessas crianças. Percebemos, que a herança deixada pela ideia de embranquecimento acaba por influenciar a forma como as pessoas se autodeclaram. Definir-

se como negro (a), ou definir o outro como negro(a), tem suas dificuldades, principalmente, em nossa sociedade cuja cor da pele define hierarquia sociais, econômicas e culturais.

Com o objetivo de criar um diálogo que aproxime mais do entendimento e da linguagem da escola, utilizaremos aqui referências de identificação, negros (pardos, negros e pretos) e não-negros (brancos). Podemos observar que o formulário da escola não é baseado na forma como o IBGE, pois trabalha com seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Contudo, a herança deixada pela ideia de embranquecimento acaba por influenciar a forma como as pessoas se autodeclaram.

Durante análise, observei que uma menina negra se declarou parda. Isso pode surgir a baixa percepção dos pardos da discriminação racial. Isso pode ser presente nos pensamentos dos familiares dessas crianças, é fato, de que no Brasil apesar de haver algumas diferenças não negligenciáveis entre estes dois grupos, as distâncias que os separam são muito pequenas diante da extensão daquelas que se interpõem entre eles e os brancos.

O fato é que quem tem as características físicas de uma pessoa negra, especialmente o tom de pele escuro, tem muito mais probabilidade de sofrer racismo e ter menos oportunidades de vida por conta desse fenótipo se comparado a outras pessoas.

A escola tem um papel crucial a desempenhar no processo de sociabilidade das crianças,

Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. (PCN, 2001, p.21)

Contudo, frequentemente, vemos que a escola, quando trata da caracterização do país e do reconhecimento de sua cultura apresenta uma série de equívocos disseminando ainda mais o preconceito. Os conteúdos abordados e apresentados aos alunos privilegiam uma única forma de cultura, a forma aceitável de ser no mundo, e com isso traz traços racistas e preconceituosos.

Com o objetivo de visualizar os conteúdos que abordem a temática da implementação da Lei 10.639/2003 e o Racismo na 1ª Fase do Ensino Fundamental, analisamos as Matrizes Curriculares do Estado de Goiás que norteiam o planejamento diário dos professores na disciplina de História, no 3º ano, que antecede a turma pesquisada, e 4º ano referente a turma pesquisada em 2019, essas turmas acompanhavam o Currículo vigente desde 2012.

Então, trazer o Currículo de Referência, objetiva delinear uma reflexão de como a turma pesquisada pode estar, ou/não, informada sobre a temática do estudo da África e da Cultura Afro-brasileira.

Vejamos:

Tabela 2: Currículo de referência do Estado de Goiás/2012 - 3º ano

3º ANO			
Conteúdos	Eixos temáticos	Bimestre	Expectativas de aprendizagem
• Tempo Histórico • Tempo Cronológico • Memória • Cultura e etnia • Cidadania • Patrimônio - Escola - Bairro - Cultura indígena - Cultura afro-brasileira - Manifestações culturais - Município - Preservação de patrimônios	História local e do cotidiano	1	• Localizar a escola no tempo e no espaço • Listar os principais fatos ocorridos na escola numa sequência cronológica, utilizando a linha do tempo • Estabelecer diferenças e semelhanças, transformações e permanência em vias públicas no passado e no presente • Identificar os vários tipos de vizinhança na comunidade localizando – a no tempo • Identificar direitos e deveres do cidadão, no bairro, e sua importância na garantia de qualidade de vida dos moradores • Identificar os direitos e deveres do consumidor quanto à utilização de energia, água e esgoto
		2	• Reconhecer e identificar algumas diferenças existentes entre as pessoas pertencentes ao mesmo grupo social • Identificar aspectos referentes à cultura indígena • Localizar no dicionário, palavras de origem indígena • Conhecer as características da cultura indígena: costumes, religião, vestuário, etc. • Reconhecer a influência da cultura indígena na região onde vive • Relacionar a cultura indígena à cultura afro-brasileira • Inferir a importância do comportamento ético e do exercício da cidadania no convívio social
		3	• Reconhecer a história do bairro (origem e transformações) • Identificar problemas no bairro, especialmente relacionados à saúde, meio ambiente e cidadania • Comparar os problemas do bairro e suas consequências no presente • Conhecer as características principais da comunidade local e suas atividades (produtos e serviços) • Identificar as manifestações culturais típicas de sua região: festas folclóricas e datas comemorativas
		4	• Conhecer e identificar histórias e características de seu município • Comparar diferentes espaços, identificando permanências/mudanças • Reconhecer realidades sociais mais amplas do seu cotidiano • Identificar desigualdades e desrespeito aos direitos do cidadão • Reconhecer a comunidade como patrimônio histórico e cultural e a importância da sua preservação • Reconhecer o museu como um espaço onde se guardam diferentes registros históricos

educação.go.gov.br>matriz-curricular-seduc-Goiás

É importante compreender que o currículo é um elemento desencadeador de muitos entraves em relação a efetivação de práticas educativas voltadas para a educação das relações étnico-raciais. No gráfico, acima, do Currículo de Referência podemos observar que o espaço dedicado ao ensino da Cultura da África não é contemplado em sua amplitude aparecendo no 2º Bimestre sem muito espaço. Assim, não existe uma sequência didática que seja anual como forma de conduzir um ensino das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus e povos indígenas.

Tabela 3: Currículo de Referência/2012- 4º ano

4º ANO			
Conteúdos	Eixos temáticos	Bimestre	Expectativas de aprendizagem
• Espaço • Tempo cronológico • Memória • Fontes históricas • Religião • Poder • Escravidão moderna • Cidadania • Cultura/Patrimônio - Município - Formas de produção - Estado/Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário - Cultura e religião	História das organizações populacionais	1	• Identificar e localizar o seu município no mapa • Conhecer a história do município onde mora, valorizando e respeitando a memória local • Conhecer e identificar diferentes documentos/fontes históricas, reconhecendo sua importância para o estudo da história • Demonstrar gosto/hábito pela investigação e leitura de diferentes documentos • Identificar fontes históricas do município • Comparar as diversas formas de produção de bens de consumo no campo e na cidade • Identificar diferentes formas de organização do trabalho em seu município
		2	• Identificar e localizar o seu Estado no mapa • Conhecer a história do Estado onde mora, valorizando e respeitando a cultura • Identificar os dados históricos do Estado (coletados e registrados por meio de diferentes recursos e linguagens) • Reconhecer fontes históricas do Estado • Identificar a organização dos poderes no âmbito municipal e estadual (executivo, legislativo e judiciário), bem como a forma como são escolhidos os representantes desses poderes • Inferir sobre as noções de décadas, século e milênio • Conhecer um arquivo e uma biblioteca identificando suas funções • Inferir a importância do comportamento ético e do exercício da cidadania no convívio social
		3	• Reconhecer e caracterizar aspectos gerais do modo de ser, viver e trabalhar das sociedades indígenas brasileira • Conhecer alguns problemas que índio brasileiro enfrenta atualmente relacionados à questão da terra e à preservação de sua cultura • Relacionar presente/passado no modo de vida dos primeiros habitantes do Brasil • Demonstrar sentimentos de respeito e valorização pela cultura indígena • Conhecer características da sociedade portuguesa no período das grandes navegações • Identificar elementos que constituíram a colonização Portuguesa no Brasil, reconhecendo seus efeitos sobre a sociedade indígena • Inferir sobre as relações de domínio dos brancos sobre os índios a partir da imposição do trabalho escravo e da aculturação provocada pela catequese
		4	• Reconhecer os traços culturais portugueses que permanecem nos costumes do dia-a-dia; • Comparar alguns elementos atuais entre Portugal e Brasil • Conhecer que a ocupação das terras e o desenvolvimento de atividade econômica visavam garantir a posse das terras e lucro para a coroa Portuguesa • Conhecer a história dos escravos africanos e seus descendentes no Brasil, a exploração de seu trabalho, a violência que sofreram, assim como suas formas de organização para resistir à escravidão • Reconhecer que a escravidão africana foi a principal fonte de lucro no tráfico negreiro no Brasil • Interpretar mapas históricos e criar hipóteses explicativas para a ocupação territorial • Inferir sobre o conceito de liberdade na época da escravidão e nos dias atuais

educação.go.gov.br>matriz-curricular-seduc-Goiás

A apresentação dos conteúdos está, em larga medida, relacionada as formas pelas quais a Lei 10.639/2003 não está presente no Currículo Escolar das turmas analisadas, consequentemente, não estará devidamente relacionado no planejamento de aula. Isso pode ser notado no que tange às temáticas do Ensino da África e afro-brasileiras, essas questões surgem apertadas entre os conteúdos propostos. Assim, pensamos que, a implementação da Lei 10.639/2003, está atrelada ao interesse, a curiosidade e a empatia do professor que pensa e investe numa educação antirracista. Ou seja, parte do pessoal para o coletivo, e isso tem sido realizado em muitas escolas, Brasil afora.

O momento da leitura dessa pesquisa por outras pessoas que não estão no processo de construção será a partir do ano de 2020. Assim, optamos por trazer um recorte da parte em que cita a temática em análise, do Novo Currículo Ampliado de Goiás. Temos:

Tabela 4: Currículo de Referência de Goiás 3º ano/2020

História – 3º ano		
Unidades Temáticas	Objetos de conhecimento/Conteúdos	Habilidades
As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município.	O “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive: Ocupação do território goiano Surgimento de cidades e sua relação com a natureza, economia e transporte Diversidade étnico-cultural na história das cidades e os municípios.	(GO-EF03HI01-C) Compreender as relações estabelecidas entre os diversos grupos étnicos que forma o seu município como: migrantes, imigrantes, afrodescendentes, indígenas, ciganos, conhecendo e respeitando suas culturas e religiões. (EF03HI02) Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive. (GO-EF03HI02-A) Conhecer e perceber e os diferentes sujeitos que participaram da construção de sua cidade, vila e ou povoado ou comunidades remanescentes, por meio de diversas fontes históricas como: relatos de pioneiros, depoimentos e narrativas orais, bem como, registros escritos, imagéticos e objetos materiais. (EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. (GO-EF03HI03-A) Reconhecer a descendência das pessoas que pertencem a sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes. Contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos regionais e nacionais.

Tabela 5: Currículo de Referência de Goiás - 4º ano/2020

História – 4º ano		
Unidades Temáticas	Objetos de conhecimento/Conteúdos	Habilidades
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras: Rotas migratórias; ocupação e deslocamentos Agrupamentos humanos e diversidade étnica-racial Choque de culturas: conflitos e relação de poder.	(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo. (GO-EF04HI01-A) Identificar e compreender as rotas migratórias dos primeiros agrupamentos humanos que chegaram ao continente americano. (GO-EF04HI01-B) Conhecer os povos originários do Brasil, identificando os povos oriundos do território goiano e suas diferenças étnicas e culturais. (EF04HI02) Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria, etc.). (GO-EF04HI02-A) Refletir sobre o encontro entre dois mundos: Europa, América/Brasil, identificando as relações desiguais de poder e cultura estabelecidas a partir desse momento. (GO-EF04HI02-B) Perceber os conflitos, lutas e resistências dos povos indígenas com a chegada dos brancos portugueses e negros africanos escravizados, no Brasil e em Goiás, bem como, por seus descendentes no passado e no presente.

educação.go.gov.br>matriz-curricular-seduc-Goiás

Esta nova versão não está bimestralmente separada, mas pode-se considerar que houve maior contemplação de citações. Porém, faltam informações importantes para dialogar com a implementação da Lei 10.639/2003. Como lembra Pereira,

No que tange às culturas afrodescendentes, Pereira (2007) diz que é importante aprendê-las dentro do princípio da diversidade, já que, em função dos diferentes grupos culturais africanos que aportaram no território brasileiro, se desenharam modelos diferenciados de culturas afrodescendentes.

É importante que ao abordar as questões determinadas na temática na escola, não caia na redundância de trabalhar como assuntos rotineiro, ou um mero conteúdo de caráter burocrático. A falta de informação, de estratégias bem definidas são um risco, como por exemplo, de limitar o estudo dos povos negros no Brasil ligado, somente, ao período escravagista, deixando a mercê o legado cultural, por exemplo.

A nova BNCC, assim, como a antiga, que não tem proposta consistente para realizar uma leitura sobre a África, sobre História dos povos negros na construção do Brasil; suas contribuições; suas lutas; suas conquistas; modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que acabaram por influenciar na construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino. Não tem uma orientação sobre um ensino das conquistas dos povos negros e sua cultura na contemporaneidade. Depois de tanto tempo, após o fim da escravidão, a educação escolar, ainda, não se reformulou na inserção dos povos negros no currículo e na prática escolar.

Nesse período de pesquisa realizei um diálogo com os educadores da escola pesquisada, quando apresentamos essa proposta de pesquisa em uma reunião de Trabalho Coletivo. Na ocasião propomos a apresentação da Lei 10.639/03, numa perspectiva de interpretação e compreensão para uma possibilidade de reconhecimento das questões que dialogam com a legislação: que inclui no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade do ensino de temáticas referentes à História e a Cultura Afro-brasileira.

Foi uma tarde de diálogo produtivo, apresentamos a Lei e suas propostas e articulações; apresentamos textos que citavam a obrigatoriedade de desenvolver ações na escola que dialoguem com a referida Lei; foi criado em grupos, sugestões de ações para serem desenvolvidas na escola ao longo do ano que atenda às exigências da Lei.

Algumas companheiras de trabalho me declararam desconhecer a Lei e sua proposta. Defendo que, a formação continuada é uma possibilidade de discutir temas que dão oportunidade para refletirem sobre questões que dizem respeito às relações étnico-raciais e seus desdobramentos e, sobretudo, como meio de capacitá-los a transmitir aos seus futuros alunos uma atitude de respeito para com diferenças raciais e culturais.

Isso nos traz o cenário de como o Estado se posiciona diante das Legislações, sem comprometimento! Em relação a Lei 10.639/2003, o estado tem uma grande responsabilidade

em seu descumprimento: não capacitou professores, não levou a proposta para ser dialogada nas reuniões pedagógicas, não efetivou propostas de implementação dela no currículo escolar. Ainda, devemos, considerar que a Lei já está aprovada e obrigatória há mais de 15 anos e ainda existem professores que a desconhecem.

Contudo, foi um momento de extrema relevância, para mim, enquanto pesquisadora poder conversar com os educadores sobre uma questão fundamental de minha pesquisa. Espero ter contribuído na divulgação da Lei e na reflexão de seus pressupostos.

A pesquisa na Escola revela entraves em relação a propostas bem delineadas em relação ao desenvolvimento de um processo educativo voltado para a educação das relações étnico-raciais. Digo isso, pensando nas leituras realizadas nos projetos da escola, que propõe uma educação voltada para a convivência democrática, com respeito a diversidade. Contudo, na parte destinada às ações isso não está estruturado, considerando a temática do Racismo e da Lei 10.639/2003.

Esse trabalho vai muito além, do que projetar a implementação da Lei Federal 10.639/2003, busca promover interpretações, discussões, reflexões para que os professores possam estabelecer uma análise sobre a existência do Racismo com as crianças negras, com o intuito de implementar na prática pedagógica abordagens que proporcionem a construção de identidade e valores nas crianças negras, com o viés do reconhecimento da História da África e da Cultura Afro-brasileira pelas crianças negras e não-negras.

5. CONSTRUÇÃO DO JOGO DE CARTAS TRUNFO

Como não encontrei na escola pesquisada, projetos e/ou ações que alinhasse um diálogo com a temática na 1ª Fase do Ensino Fundamental, o jogo de Cartas Trunfo surge com o intuito de nos levar a perceber como o Racismo se configura na cabecinha das crianças. E, a partir da dinâmica do jogo, desenvolvi ações pedagógicas com a turma onde analisei o posicionamento das crianças diante da proposta, pós o trabalho de pesquisa-ação utilizada no jogo.

Para construção deste jogo, fiz uso de material humano, onde cito reuniões e diálogos com minha orientadora, planejamento, tivemos as crianças e suas famílias como parceiros; Utilizamos material de consumo como papéis; e material de custeio como serviço de impressão. Todo material utilizado, para que as atividades fossem realizadas foi basicamente, folhas de papel sulfite, com pouco gastos, somente as cartinhas que foram imprimidas coloridas.

As cartas do jogo, assim como todo processo de criação e arte eu fiz. Realizei a pesquisa de campo na escola, analisando seus projetos e documentos em busca de dados que trouxessem

a presença das questões raciais em sua estrutura. Como professora de escola pública já estou bastante adaptada com essa parte da prática de produção de material; O material pode ser todo produzido utilizando as ferramentas do Word. É um material de fácil aplicabilidade, construção e baixo custo, pensado para realidade da escola pública.

Algumas escritas, dos trabalhos das crianças não vão ficar de fácil leitura, porque, no 4º ano as crianças não usam canetas para escrever, então a reprodução fica um pouco comprometida. Como as crianças estão em processo de alfabetização, não realizei reescrita, prefiro a versão escrita por elas para dar continuidade na proposta de originalidade da pesquisa. A dinâmica desenvolvida no Jogo está estruturada entre as páginas 44 e 48 dessa pesquisa. Agora, já trataremos as ações desenvolvidas no Jogo pós-pesquisa realizada na escola.

Nesta pesquisa, negras são denominadas aqui as pessoas classificadas como pretas e pardas, pois,

Indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. (...) ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. (...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum (SANTOS, 2001: 13).

Mas, ao utilizar, na pesquisa, pretos e pardos no mesmo grupo, não quer dizer que a pesquisadora os isentam de ter um local de representatividade distintos na sociedade, sob a perspectiva de que quanto mais escura a cor da pele, mais discriminado a pessoas possa vir a ser. Assim, caminhei para realizar um trabalho que identifique e nos faça sentir na escola pública, em meio às crianças, onde emerge harmonia e conflitos. É um local por si só, encantador!

5.1. As listas

A coleta de dados foi realizada com as crianças e passou por duas etapas, com uma proposta para ser realizada em casa, que é sugestões de nomes de pessoas negras e não-negras para compor a lista e a outra foi transformar estas listas em sugestões de nomes para comporem as cartinhas do jogo.

As listas, é uma parte fundamental da pesquisa, sem elas não temos análise e nem o jogo. Elas são as sugestões que os alunos elaboraram em casa, de pessoas negras e não-negras, para

compor o baralho de Jogo de Cartas Trunfo. Um aspecto merecedor de referência é o fato da participação efetiva dos alunos nessa “tarefa de casa”. Isso já nos demonstrou que é extremamente salutar saber que os alunos concordaram em participar de nossa proposta.

As lista das crianças foram compostas por pessoas que hora ou outra, estão nas mídias. Pois, o critério elencado eram pessoas que se destacaram nas artes, música, esporte, política etc. Das 35 crianças, que levaram a atividade proposta para casa, 3 (três) crianças não fizeram. Duas crianças não selecionaram as pessoas conforme critério solicitado, assim, trabalhei com 30 listas. E, coincidentemente, elaborei 30 cartas para o Jogo de pessoas negras e 30 cartas de pessoas não-negras.

O universo da criança é muito frutífero, até as questões de não realização de atividades pode nos trazer dados para compreender aspectos sociais onde a criança está inserida. Uma criança que não levou a tarefa disse que não fez porque o dedo estava machucado. As outras duas as mães não pode ajudar. São verdades e, devem ser respeitadas.

Realizar a seleção dos nomes pode estar atrelado ao fato de reconhecer-se numa identidade, num local. Supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência não é uma tarefa fácil.

Não posso me furtar de trazer a questão de nomear, identificar ou falar sobre pessoas negras pode vir através de reações diversas, pois, remete ao termo “raça”, que remete muito ao racismo, a ferida da escravidão e, claro às questões que foram sendo construídas sobre o “ser negro” e “ser branco” em nossa sociedade.

Mas, nos traz outras leituras também, a mãe que trabalha e não pode ajudar os filhos nas tarefas de casa (são várias questões “sociais” que giram em torno disso, não nos cabe problematizar ou criticar), a família que encontrou dificuldades para realização da pesquisa, é um assunto que pode trazer silenciamento dentro da própria família. Expor essas questões é mais uma forma de demonstrar a transparência da pesquisa trazendo situações que dialogam, não somente com a pesquisa, mas com a própria escola, com a sociedade.

Porém, a família foi, e é imprescindível para o sucesso da composição das listas, nos trouxe uma riqueza de dados que nos traz várias linguagens e um forte traço cultural. Em anexo as listas trazidas de casa serão expostas, porém, algumas precisam ser trazidas ao debate devido a qualidade da seleção dos nomes, a dificuldade em selecionar quanto ao critério negros, brancos e pardos.

Todas as listas nos apresentaram uma imensidão de significados, desde, aspectos sociais, culturais e até político. Temos registros de pessoas que figuram não só o cenário brasileiro, mas

mundial. As listas são extremamente ricas e sugestivas, nos traz um perfil de crianças que fazem um trabalho extremamente criterioso e pensado. Podemos pontuar:

- Não são repetitivas.
- Não retrata somente a atualidade. Exemplo na música, temos: Anita, Milton Nascimento, Roberto Carlos.
- Foram manuscritas pelos próprios alunos. Os pais dos alunos podem ter ajudado, mas não escreveram para eles.
- Demonstram questões que precisam ser exploradas, como a interpretação da negritude.

Algumas crianças associaram Pardas e Brancas como pertencente ao mesmo grupo. O que nos reporta a reflexão realizada sobre a auto declaração. Essa é uma questão relevante que nos levou a utilizar como seleção as palavras negro e não-negros, para melhor interpretação das crianças.

Aqui, as leituras das listas podem estar um pouco difícil de compreensão, pois, são originais e a maioria das crianças, ainda escrevem usando lápis e/ou lapiseira com grafite o que compromete a reprodução.

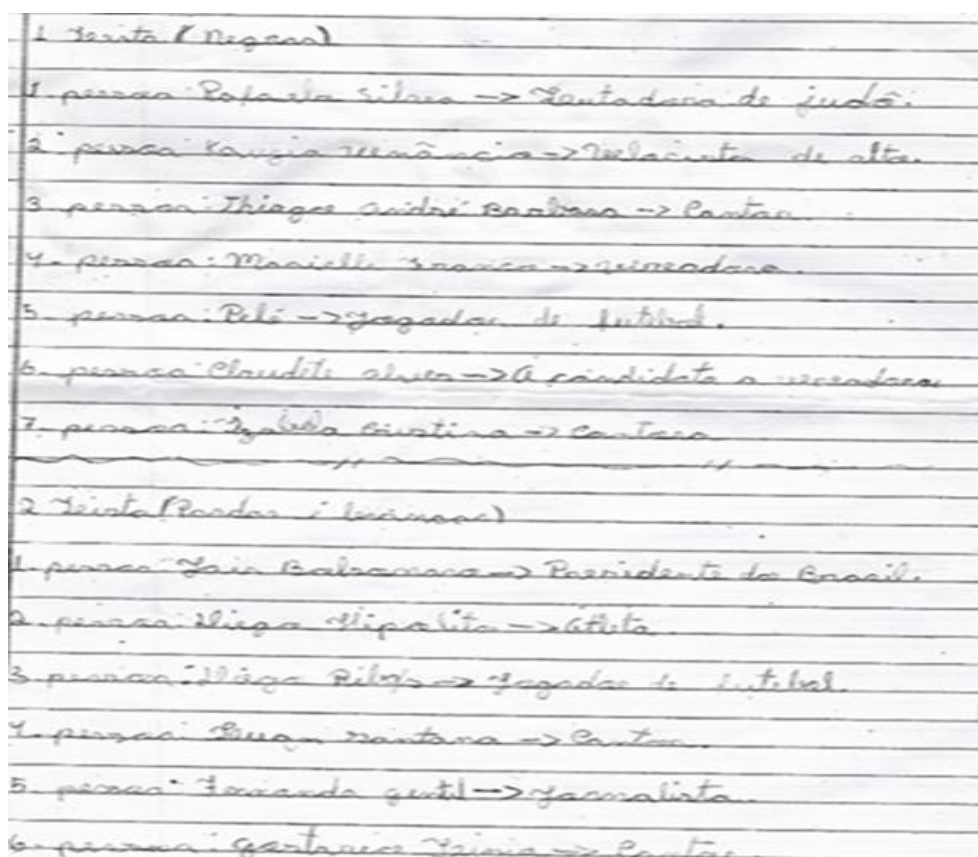


Figura 10: Lista de nomes para compor o baralho.

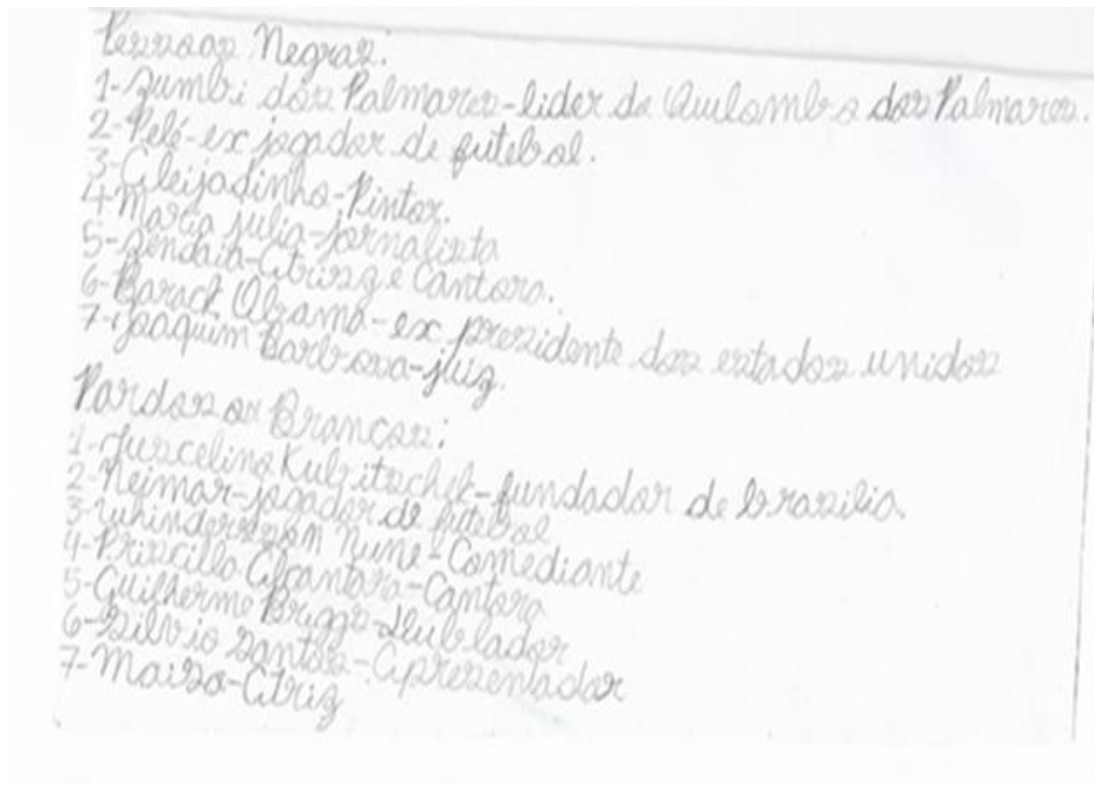


Figura 11: Sugestão de nomes para compor o baralho.

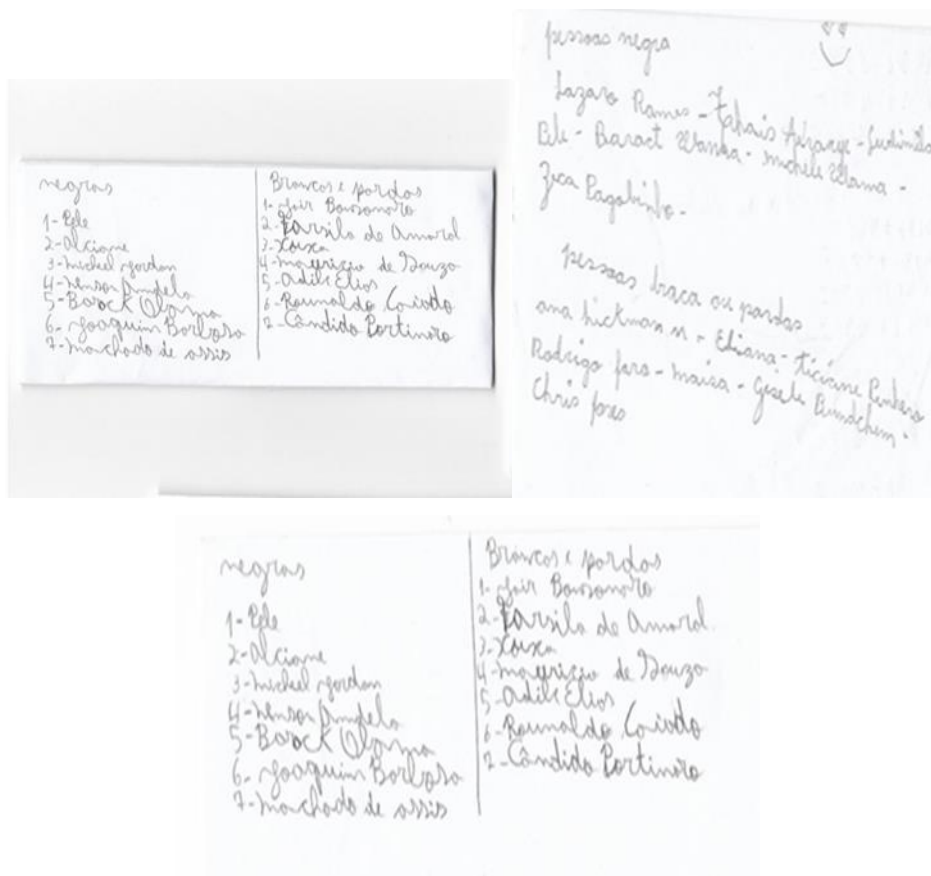


Figura 12: Sugestão de nomes compor o baralho

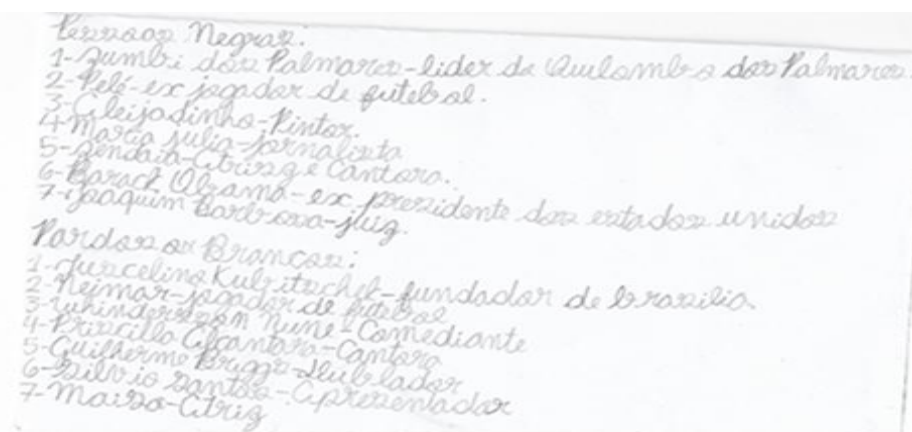
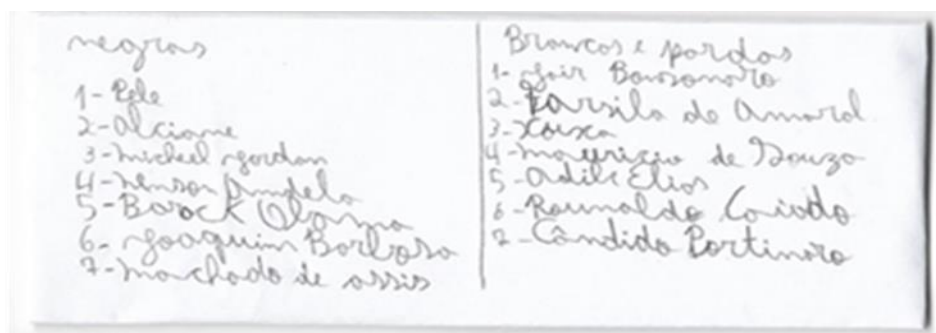


Figura 13: Sugestão de nomes para compor o baralho.

Temos Zumbi dos Palmares sendo reconhecido como Líder do Quilombo dos Palmares. O que isso representa numa seleção de escolha de crianças, que estão iniciando o 4º ano escolar? Como vimos, o currículo do 3º ano é muito “estrito” e não traz esse diálogo. A temática Racial se faz presente por interpretar que existem educadores que entendem a necessidade e relevância do assunto.

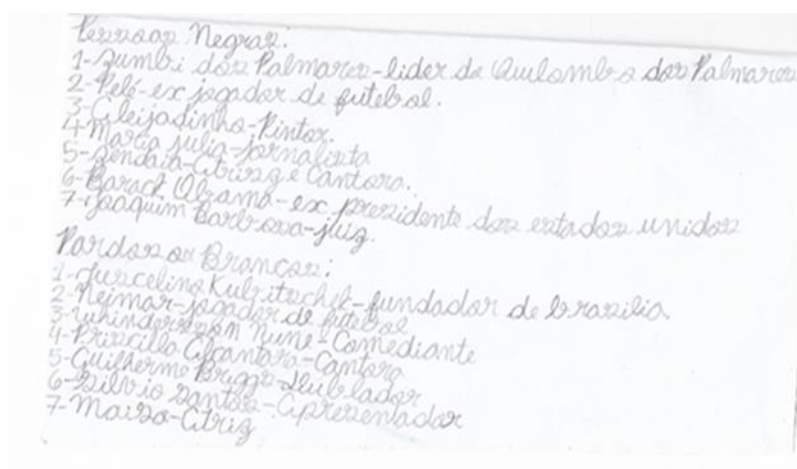


Figura 14: Sugestão de nomes para compor o baralho

Ao trazer essas cartas e pensar na auto declaração da turma, não me furtei a uma reflexão que por hora pode ser só minha por ser regente da turma e conhecer parte da realidade familiar

das crianças da turma. Vamos, lá! Percebi que já na ficha de matrícula apresenta dimensões sociais de desigualdade, como de distanciamento e aproximação. Assim, observei que a criança parda que o pai trabalha numa empresa, por exemplo, foi declarado como branco. E, algumas crianças brancas, onde a família passa por desemprego e, estão inseridas em programas do governo, si declararam como pardas.

Apresento uma leitura, também, quando as listas foram feitas com a ajuda dos pais, de que negros são pretos, e pardos e brancos são pessoas “de pele clara”. Nesta perspectiva, a dimensão socioeconômica demonstra estar presente para que se possa compreender de forma mais ampla os padrões identitários e as relações sociais. E, nos conduz às reflexões trazidas no início dessa pesquisa, que é onde os negros são enxergados na sociedade racista.

Mas, as listas temos Machado de Assis na lista de negros, sendo que essa é uma discussão contemporânea, tendo em vista a insistência sobre o embranquecimento de Machado de Assis que não nada é recente. Ou seja, podemos, pensar que houve pesquisa por parte dos alunos para construir as listas. Isso demonstra que o trabalho de pesquisa aqui proposto já começou a desenvolver sua função social, à medida que coloca a criança e a família pensar pessoas pela cor da pele, dentro de um exercício na sociedade.

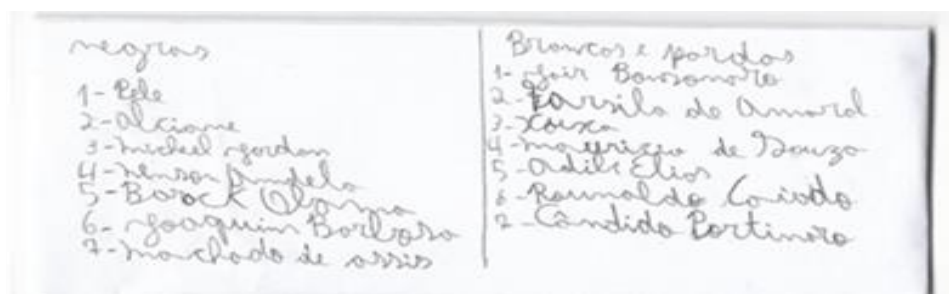


Figura 15: Sugestão de nomes para compor o baralho

Encontrei dificuldade em selecionar as pessoas para composição de lista, tendo em vista a complexidade das classificações de cor no Brasil. Vale ressaltar que, é necessário compreender e alinhar uma interpretação de raças, que nos traz a compreensão de que são construções sociais, políticas e culturais estabelecidas através das relações sociais, como também nas relações de poder. É no pensar e viver o contexto da cultura que enxergamos as raças. Trago alguns textos escritos pelas crianças para que possa ser observado, algumas confusões na realização da atividade. Todas as listas serão apresentadas em anexo.

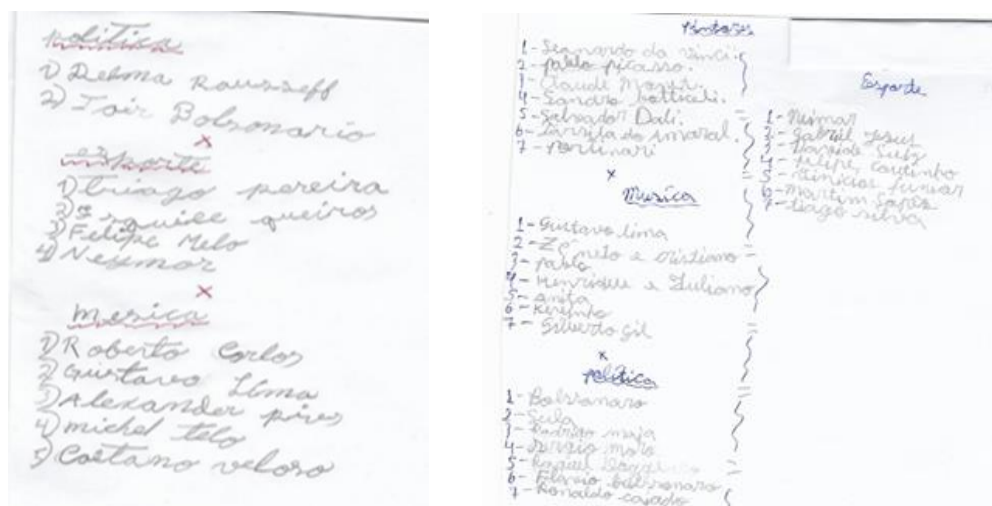


Figura 16: Sugestão de nomes para compor o baralho.

É fato que existe uma falsa ideologia que por anos se propaga no Brasil que é a existência de uma democracia racial, amplamente divulgada pós-escravidão. Pois, por muito tempo foi disseminada histórias de igualdade, de respeito; fala-se, de miscigenação e foi-se criando termos para embranquecer a pessoa, tem o negro, o mestiço, o mulato, o moreno...afinal a história do Brasil contada na escola, ainda, é bastante associada aos diferentes povos que constituíram nossa nação. Assim, não somos preconceituosos!

Quando isso chega na criança, e ela não é levada a análise, ao conhecimento crítico, isso pode ser absorvido e acompanha-lo até na vida adulta. As listas, acima, me levam a refletir a falsa ideologia de existência de democracia racial na sociedade, na escola. A criança, a família pode pensar “os negros estão em todas as partes, ocupam cargos, não vou classificar por cor.” Isso, também, ajuda a pensar o Racismo atual.

A elaboração da lista feita por mim, não é uma opinião de especialista. Aliás, pensamos na cor da pele, nas características físicas, no fenótipo. A identidade racial é um assunto amplo que necessita do olhar do especialista, nesse momento realizar a lista entre negros e não-negros tem um intuito de atender os objetivos que dão continuidade a essa pesquisa, que transita pela questão de como as crianças se identificam e como isso pode ser interpretado como Racismo. Ou seja, se o Racismo entre as crianças existe, se sim, onde ele está?

Assim, as listas das crianças, através de critérios selecionados, se transformaram nas seguintes listas resumidas:

Tabela 6: Lista de pessoas seleccionadas pelos alunos como Negras

NUMERAÇÃO	NOME	PROFISSÃO
01	ALCIONE	CANTORA
02	ALEXANDRE PIRES	CANTOR
03	ANITA	CANTORA
04	BARACK OBAMA	EX PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS
05	GILBERTO GIL	CANTOR
06	GLÓRIA MARIA	REPÓRTER
07	GUSTTAVO LIMA	CANTOR
08	IZABELA CRISTINA	CANTORA
09	JOAQUIM BARBOSA	JUDICIÁRIO
10	LÁZARO RAMOS	ATOR
11	LUDMILA	CANTORA
12	LUIZ GONZAGA	CANTOR
13	LULA	EX PRESIDENTE DO BRASIL
14	MACHADO DE ASSIS	ESCRITOR
15	MARIA JÚLIA	REPÓRTER E APRESENTADORA
16	MARIELLE FRANCO	VEREADORA
17	MARTINHO DA VILA	CANTOR
18	MICHAEL JORDAN	JOGADOR DE BASQUETE
19	MC BRUNINHO	CANTOR
20	MC BRUNINHO	CANTOR
21	MC KEVINHO	CANTOR
22	MC RUANZINHO	CANTOR
23	MICHAEL JORDAN	JOGADOR DE BASQUETE
24	MICHELLE OBAMA	ESPOSA DE EX PRESIDENTE DOS EUA
25	MILTON NASCIMENTO	ATOR
26	MILTON SANTOS	ATOR
27	MUMUZINHO	ATOR
28	MUSSUN	COMEDIANTE
29	NELSON MANDELA	EX PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL
30	NÊGO DO BOREL	CANTOR
31	PELÉ	JOGADOR DE FUTEBOL
32	RAFAELA SILVA	LUTADORA DE JUDÔ
33	SANDRA DE SÁ	CANTORA
34	SHERON MENEZES	ATRIZ
35	THAÍS ARAÚJO	ATRIZ
36	THIAGO SILVA	JOGADOR DE FUTEBOL
37	THIAGUINHO	CANTOR
38	TIM MAIA	CANTOR
39	WILLIAN	JOGADOR DE FUTEBOL
40	ZECA PAGODINHO	CANTOR
41	ZUMBI DOS PALMARES	LÍDER DE QUILOMBO

Tabela 7: Lista de pessoas selecionadas pelas crianças como Não-Negras

NUMERAÇÃO	NOME	PROFISSÃO
1.	ANA HICKMANN	MODELO E APRESENTADORA
2.	CÉSAR CIELO	ESPORTISTA
3.	CLÁUDIA LEITE	CANTORA
4.	CRISTIANO RONALDO	JOGADOR DE FUTEBOL
5.	DÉBORA NASCIMENTO	ATRIZ
6.	DIEGO HYPÓLITO	ATLETA
7.	DIEGO RIBAS	JOGADOR DE FUTEBOL
8.	DILMA VANA	EX PRESIDENTA DO BRASIL
9.	ELIANA	APRESENTADORA DE TV
10.	FERNANDA GENTIL	JORNALISTA
11.	FILIPE COUTINHO	JOGADOR DE FUTEBOL
12.	GABRIEL JESUS	JOGADOR DE FUTEBOL
13.	GISELE BUNDCHEM	MODELO
14.	GUSTAVO LIMA	CANTOR
15.	JAIR BOLSONARO	PRESIDENTE DO BRASIL
16.	JORGE	CANTOR SERTANEJO
17.	JULIANA PAZ	ATRIZ
18.	LARISSA MANOELA	ATRIZ
19.	LUAN SANTANA	CANTOR
20.	LUCAS LUCCO	CANTOR
21.	MAIARA	CANTORA
22.	MAÍSA	ATRIZ E APRESENTADORA
23.	MARAÍSA	CANTORA
24.	MARÍLIA MENDONÇA	CANTORA
25.	MATHEUS	CANTOR SERTANEJO
26.	MESSI	JOGADOR DE FUTEBOL
27.	MICHEL TELÓ	CANTOR
28.	NAIARA AZEVEDO	CANTORA
29.	NEYMAR JR	JOGADOR DE FUTEBOL
30.	PABLO VITTAR	CANTOR
31.	PAOLA OLIVEIRA	ATRIZ
32.	PRISCILLA ALCÂNTARA	CANTORA GÓSPEL
33.	RATINHO	APRESENTADOR
34.	RAUL GIL	APRESENTADOR
35.	REINALDO GIANECCHINI	ATOR
36.	SILVIO SANTOS	APRESENTADOR
37.	SIMÁRIA	CANTORA
38.	TICIANE PINHEIRO	APRESENTADORA DE TV
39.	VERA FISCHER	ATRIZ
40.	XUXA	APRESENTADORA
41.	ZEZÉ DI CAMARGO	CANTOR

Sempre acreditei que a escola pública tem futuro! Essas listas se estivessem fora do contexto da pesquisa, creio que por muitos, principalmente àqueles que não conhecem a escola pública, jamais as atribuiriam às crianças do ensino fundamental de uma escola pública, com crianças entre 9 a 13 anos.

A reflexão nesta fase da pesquisa estava mais centrada na questão do reconhecimento da raça, como conceito sociológico, pelas crianças, o que não é um exercício fácil. Além de toda complexa dinâmica para identificar e selecionar às pessoas em critérios de raça ou etnia, as crianças (como nós adultos) tiveram que, intuitivamente, interpretar às mudanças que os artistas fazem no corpo. Pois, para atender o padrão de beleza europeu muitas pessoas que estão na mídia, e nas listas, consequentemente nas cartas do jogo, recorreram a tratamento estéticos para serem aceitos pela sociedade e alcançar a fama, melhorar sua condição de vida, de sobrevivência.

Encontramos nas listas dos(as) alunos(as) Neymar, Anita, Gustavo Lima como negros e não-negros. O clareamento da pele, as cirurgias plásticas podem ser fatores determinantes para os alunos realizarem as listas de acordo com os critérios sugeridos.

Vejam imagens do antes e depois da fama dessas pessoas:



Figura 17: Imagem para análise da Cultura do Branqueamento

Pode-se observar que a cor da pele está mais clara, os cabelos lisos e o nariz afilado nas imagens após a fama. Uma imagem/figura pública tem um impacto que se reflete nas formas de pensar ou estar do público e, as crianças não ficam fora. A beleza e a capacidade de identificar-se com essas pessoas caminham juntos e reflete o padrão de beleza associado aos traços de pessoas de pele clara.

No próximo passo, com as listas em mãos, realizei uma análise para selecionar as pessoas que irão compor o baralho e, utilizei como critério principal nomes que se repetem. Esse material, vinculado a questão de ser ou não negro, procedeu em uma análise extremamente complicada, pois fui instigada a realizar uma imersão sobre os estudos acerca da identidade e cruzar a minha voz a diversas outras vozes que me encaminharam pela compressão das semelhanças e diferenças.

A análise dos dados coletados nas listas mostrou que os discursos de identidade negra são construídos de modos diferenciados, mesmo que a comunidade invoque certa homogeneidade.

Após esse primeiro contato com as crianças, construímos as cartinhas com as imagens baseadas nas listas das crianças, e outras inseridas por mim de pessoas desconhecidas. Assim, apresentamos as cartas para as crianças atribuírem valores, com as devidas orientações, como por exemplo, utilizar valores em porcentagem de 0 a 100.

Portanto, este estudo tem tomado forma através de um trabalho minuciosamente, pensado e, estrategicamente, elaborado para poder “captar as vozes”, em referência ao Racismo, silenciadas das crianças.

5.2. O baralho

O baralho foi composto por imagens de 60 pessoas trazidas pelas crianças, 30 negras e 30 não-negras, e inserimos outras figuras com pessoas fora da mídia e crianças, para que proporcionasse um diálogo mais amplo. Destas cartas, fizemos três jogos de baralho com 28 cartas cada, no total 84 cartas foram distribuídas aleatoriamente para as crianças. Cada criança recebeu no mínimo duas cartas para avaliar, uma com pessoa negra e outra com pessoa não-negra. Algumas crianças receberam três cartas.

Optei em formar três baralhos pois, 84 cartas já nos traz uma gama de informações amplas para serem contextualizadas, tendo em vista que cada baralho nos traz dados de 5 tópicos para análises, como podemos ver na imagem abaixo.

	Nome: GILBERTO GIL
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: Não
	Inteligência: 90%
	Beleza: 80%
	Simpatia: 100%
Grau de identificação: não 10%	

Figura 18: Modelo de dados a serem analisados

Sendo que nessa versão usamos os seguintes critérios para seleção:

- 30 fichas de pessoas negras
- 30 fichas de pessoas não-negras selecionadas pelas crianças;
- 03 fichas de pessoas mais velhas negras (lista das crianças)
- 09 fichas de crianças (imagens de livre acesso no google)
- 12 fichas de pessoas negras desconhecidas (livre acesso no google)

Quanto as imagens procurei selecionar pessoas que mais foram citadas nas listas, o baralho ficou formado considerando as seguintes questões:

1º Sugestão dos alunos.

2º Inserir pessoas negras desconhecidas.

3º Inserir crianças negras e não - negras desconhecidas;

Nessa exploração, inserir pessoas desconhecidas caminha pela perspectiva de análise de como as crianças iriam atribuir valores de aceitação e/ou rejeição ao novo, ao desconhecido da mídia. É uma abertura para mais uma investigação que oriente a pesquisa.

Busquei, aqui, selecionar as imagens de forma estratégica, para fosse oferecido um material que propusesse a melhor forma possível de colher as informações. Que proporcionasse às crianças externar suas ideias e, que fosse um material rico para análises. Assim, foi realizado.

5.3. Coleta de dados

Chegar nesta etapa demandou um período aproximado de 40 dias, pois, fui absorvida de reflexões diversas, seleção e a preocupação de que a seleção das imagens fizesse as crianças refletirem pra atribuírem valores.

Conversamos com antecedência com as crianças dizendo que as cartas estavam prontas e que no próximo dia elas iriam atribuir os valores, neste dia estavam presentes 32 alunos. Isso foi importante para manter a frequência e incentivá-los, dos 35 alunos da turma, participaram 30, 03 alunos estavam faltando porque estavam gripados. Retomei o trabalho em sala de aula com a proposta de apresentar as cartas para as crianças e propor atribuição de valores de 0 a 100%. Em relação “Você conhece” orientei por responder SIM ou NÃO.

Nessa etapa, o pesquisador passa a ser observador, pois a interferência poderá influenciar na reflexão e atribuição de valores dados pelas crianças. Ansiosa, e com certo receio de que os valores que seriam atribuídos às pessoas das listas, poderiam sofrer influência por serem, de certa forma, conhecidos publicamente, inseri na análise pessoas desconhecidas, adultos e crianças. Exemplo de carta do jogo:

	Nome: LUAN SANTANA		Nome: THIAGUINHO
	Habilidade: Cantor		Habilidade: Cantor
	Você conhece: SIM		Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 70 %		Inteligência: 90%
	Beleza: 100 %		Beleza: 40%
	Simpatia: 90%		Simpatia: 100%
Grau de identificação: Não 10%		Grau de identificação: 60%	

Figura 19: Carta do Jogo Trunfo

Crianças atribuindo valores nas fichas



Figura 20: Trabalho de campo/Coleta de Dados

Não foi observada resistência para realização da atividade. A professora de apoio ajudou na leitura com 04 alunos. Tivemos 100% de aproveitamento das fichas e, durante o preenchimento somente 5 fichas foram substituídas a pedido das crianças (leveei um pouco de reserva), pois, preencheram a caneta e queriam corrigir.

O desenvolvimento destas atividades tornou o processo de coleta de dados mais interessante e até divertido; estimulou a participação, a análise, a curiosidade, a concentração, o interesse e a atenção dos alunos.

Para mim, a professora, a proposta de investigação foi muito além dela, pois, as crianças tornaram os momentos ricos em aprendizagem e, sem perceber, promoveu a interação social, lá no início, quando as crianças trouxeram as listas, conversaram, trocaram ideias com as listas nas mãos, foi muito bacana. Além de tudo isso, as crianças perceberam que o jogo dependia delas, que eram protagonistas.

Não existe um único caminho para promover o conhecimento, se arriscar nas diversas possibilidades de trabalho em sala de aula é de suma importância para construção da prática, mesmo que a temática seja tão delicada como o Racismo e crianças.

6. REFLEXÕES E DEDUÇÕES

Sinto que cheguei na parte crucial do trabalho, pois, através das análises iremos ver se o Racismo existe no imaginário das crianças e onde ele se encontra. É o momento de identificação e levantamento de hipóteses partindo dos dados que as crianças apresentaram. As cartas do jogo

buscam esquadrihar dados expressos caracterizando pessoas negras e não-negras em valores demonstrados quanto a inteligência, beleza, simpatia e grau de identificação.

Realizei uma tabela de consolidação dos valores atribuídos pelas crianças nas cartinhas para ter um olhar global dos valores atribuídos.

Tabela 8: Pessoas Negras - Valores Atribuídos

CRIANÇAS	VOCÊ CONHECE?	INTELIGÊNCIA	BELEZA	SIMPATIA	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO
01	NÃO	10%	30%	20%	40%
02	NÃO	50%	40%	20%	20%
03	SIM	80%	30%	70%	20%
04	NÃO	50%	10%	70%	20%
05	SIM	90%	80%	90%	30%
06	SIM	70%	80%	80%	100%
07	NÃO	50%	70%	50%	30%
08	NÃO	50%	70%	30%	30%
09	SIM	90%	40%	90%	30%
10	NÃO	10%	10%	50%	10%
11	NÃO	40%	20%	40%	10%
12	SIM	80%	70%	90%	100%
13	NÃO	70%	20%	80%	90%
14	SIM	90%	100%	100%	50%
15	SIM	100%	50%	50%	20%
16	SIM	90%	60%	80%	90%
17	SIM	100%	50%	80%	30%
18	NÃO	20%	40%	30%	50%
19	SIM	50%	60%	70%	40%
20	NÃO	70%	60%	40%	10%
21	SIM	70%	90%	80%	50%
22	NÃO	60%	50%	70%	10%
23	SIM	80%	60%	100%	50%
24	SIM	90%	40%	100%	60%
25	SIM	70%	50%	20%	10%
26	NÃO	90%	50%	90%	70%
27	SIM	90%	60%	80%	100%
28	NÃO	50%	10%	30%	20%
29	SIM	40%	30%	30%	10%
30	NÃO	20%	50%	10%	30%

As primeiras análises foram realizadas partindo das cartas originárias das listas sugeridas pelas crianças. As cartas referentes os valores acima, são as seguintes:

Figura 21: Relação de Pessoas Negras Sugeridas pelas Crianças - 30 Cartas

	Nome: MARIELLE FRANCO Habilidade: Vereadora Você conhece: Não Inteligência: 50% Beleza: 10% Simpatia: 30% Grau de identificação: 20%
	Nome: THIAGUINHO Habilidade: Cantor Você conhece: Sim Inteligência: 40% Beleza: 50% Simpatia: 20% Grau de identificação: 10%
	Nome: LUDMILA Habilidade: Cantora Você conhece: Sim Inteligência: 90% Beleza: 60% Simpatia: 80% Grau de identificação: 100%
	Nome: THIAGUINHO Habilidade: Cantor Você conhece: Sim Inteligência: 90% Beleza: 40% Simpatia: 100% Grau de identificação: 60%
	Nome: LÁZARO RAMOS Habilidade: Ator e Apresentador Você conhece: Não Inteligência: 40% Beleza: 50% Simpatia: 90% Grau de identificação: 20%
	Nome: NÉGO DO BOREL Habilidade: Cantor Você conhece: Sim Inteligência: 80% Beleza: 60% Simpatia: 100% Grau de identificação: 50%
	Nome: MILTON NASCIMENTO Habilidade: Cantor Você conhece: Não Inteligência: 50% Beleza: 40% Simpatia: 20% Grau de identificação: 20%
	Nome: ANITA Habilidade: Cantora Você conhece: Sim Inteligência: 50% Beleza: 70% Simpatia: 50% Grau de identificação: 50%
	Nome: LUDMILA Habilidade: Cantora Você conhece: SIM Inteligência: 90% Beleza: 80% Simpatia: 90% Grau de identificação: 30%
	Nome: MILTON NASCIMENTO Habilidade: Cantor Você conhece: Não Inteligência: 50% Beleza: 70% Simpatia: 30% Grau de identificação: 30%
	Nome: GABRIEL JESUS Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: Sim Inteligência: 70% Beleza: 80% Simpatia: 80% Grau de identificação: 100%
	Nome: GILBERTO GIL Habilidade: Cantor Você conhece: Sim Inteligência: 90% Beleza: 40% Simpatia: 90% Grau de identificação: 30%

	Nome: MC RUANZINHO
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>não</i>
	Inteligência: 10%
	Beleza: 10%
	Simpatia: 50%
Grau de identificação: 10%	

	Nome: GILBERTO GIL
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>não</i>
	Inteligência: 70%
	Beleza: 20%
	Simpatia: 80%
Grau de identificação: 70%	

	Nome: JOAQUIM BARBOSA
	Habilidade: Ex Ministro do STF
	Você conhece: <i>não</i>
	Inteligência: 40%
	Beleza: 20%
	Simpatia: 40%
Grau de identificação: 10%	

	Nome: THAÍS ARAÚJO
	Habilidade: Atriz
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 90%
	Beleza: 100%
	Simpatia: 100%
Grau de identificação: 50%	

	Nome: GUSTAVO LIMA
	Habilidade: CANTOR
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 80%
	Beleza: 70%
	Simpatia: 90%
Grau de identificação: 100%	

	Nome: LÁZARO RAMOS
	Habilidade: Ator e Apresentador
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 90%
	Beleza: 60%
	Simpatia: 80%
Grau de identificação: 90%	

	Nome: ALCIONE
	Habilidade: Cantora
	Você conhece: <i>Não</i>
	Inteligência: 10%
	Beleza: 30%
	Simpatia: 20%
Grau de identificação: 40%	

	Nome: FILIPE COUTINHO
	Habilidade: Jogador de futebol
	Você conhece: <i>não</i>
	Inteligência: 20%
	Beleza: 50%
	Simpatia: 10%
Grau de identificação: 30%	

	Nome: Barack Obama
	Habilidade: EX PRESIDENTE DOS EUA
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 90%
	Beleza: 30%
	Simpatia: 70%
Grau de identificação: 20%	

	Nome: ANITA
	Habilidade: Cantora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 100%
	Beleza: 50%
	Simpatia: 80%
Grau de identificação: 20%	

	Nome: THIAGUINHO
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 50%
	Beleza: 15%
	Simpatia: 70%
Grau de identificação: 10%	

	Nome: NEYMAR JR
	Habilidade: Jogador de futebol
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: 40%
	Beleza: 80%
	Simpatia: 90%
Grau de identificação: 10%	

	Nome: LUDMILA Habilidade: Cantora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>60%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>70%</i> Grau de identificação: <i>70%</i>
	Nome: THAÍS ARAÚJO Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>70%</i> Beleza: <i>90%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>50%</i>
	Nome: MARIELLE FRANCO Habilidade: Vereadora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>70%</i> Beleza: <i>60%</i> Simpatia: <i>40%</i> Grau de identificação: <i>100%</i>
	Nome: ANITA Habilidade: Cantora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>50%</i> Beleza: <i>60%</i> Simpatia: <i>70%</i> Grau de identificação: <i>40%</i>
	Nome: MARIELLE FRANCO Habilidade: Vereadora Você conhece: <i>Não</i> Inteligência: <i>— 20%</i> Beleza: <i>40%</i> Simpatia: <i>— 30%</i> Grau de identificação: <i>50%</i>
	Nome: GABRIEL JESUS Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>100%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>30%</i>

Figura 22: Relação de Pessoas Não-Negras sugeridas pelas crianças - 30 cartas

	Nome: PAOLA OLIVEIRA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>90%</i> Simpatia: <i>70%</i> Grau de identificação: <i>60%</i>
	Nome: MARINA RUY BARBOSA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>100%</i> Beleza: <i>70%</i> Simpatia: <i>100%</i> Grau de identificação: <i>80%</i>
	Nome: GISELE BÜNDCHEN Habilidade: Modelo Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>40%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>70%</i> Grau de identificação: <i>100%</i>
	Nome: MARINA RUY BARBOSA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>100%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>100%</i> Grau de identificação: <i>100%</i>
	Nome: GISELE BÜNDCHEN Habilidade: Modelo Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>30%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>100%</i>
	Nome: MARINA RUY BARBOSA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>50%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>

	Nome: PAOLA OLIVEIRA
	Habilidade: Atriz
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>90%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>60%</i>
Grau de identificação: <i>90%</i>	

	Nome: TICIANE PINHEIRO
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>80</i>
	Beleza: <i>100</i>
	Simpatia: <i>90</i>
Grau de identificação: <i>100</i>	

	Nome: CRISTIANO RONALDO
	Habilidade: Jogador de futebol
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>40%</i>
	Beleza: <i>20%</i>
	Simpatia: <i>20%</i>
Grau de identificação: <i>30%</i>	

	Nome: MICHEL TELÓ
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>sim</i>
	Inteligência: <i>20%</i>
	Beleza: <i>90%</i>
	Simpatia: <i>20%</i>
Grau de identificação: <i>40%</i>	

	Nome: VERA FISHER
	Habilidade: Atriz
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>100</i>
	Beleza: <i>30</i>
	Simpatia: <i>40</i>
Grau de identificação: <i>60</i>	

	Nome: LARISSA MANOELA
	Habilidade: Atriz e Apresentadora
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>60%</i>
	Beleza: <i>80%</i>
	Simpatia: <i>90%</i>
Grau de identificação: <i>70%</i>	

	Nome: MARINA RUY BARBOSA
	Habilidade: Atriz
	Você conhece: <i>sim</i>
	Inteligência: <i>100%</i>
	Beleza: <i>90%</i>
	Simpatia: <i>20%</i>
Grau de identificação: <i>85%</i>	

	Nome: XUXA
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>45%</i>
	Beleza: <i>30%</i>
	Simpatia: <i>80%</i>
Grau de identificação: <i>85%</i>	

	Nome: LUAN SANTANA
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>sim</i>
	Inteligência: <i>70%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>90%</i>
Grau de identificação: <i>100%</i>	

	Nome: ANA HICKMAM
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>nao</i>
	Inteligência: <i>80%</i>
	Beleza: <i>90%</i>
	Simpatia: <i>30%</i>
Grau de identificação: <i>20%</i>	

	Nome: LUAN SANTANA
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>sim</i>
	Inteligência: <i>75%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>90%</i>
Grau de identificação: <i>55%</i>	

	Nome: XUXA
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>sim</i>
	Inteligência: <i>60%</i>
	Beleza: <i>50%</i>
	Simpatia: <i>10%</i>
Grau de identificação: <i>20%</i>	

	Nome: GISELE BUNDCHEM
	Habilidade: Modelo
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>100%</i>
	Beleza: <i>75%</i>
	Simpatia: <i>75%</i>
Grau de identificação: <i>75%</i>	

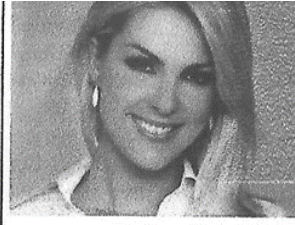
	Nome: TICIANE PINHEIRO
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>67%</i>
	Beleza: <i>78%</i>
	Simpatia: <i>45%</i>
Grau de identificação: <i>40%</i>	

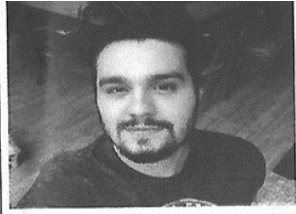
	Nome: PAOLA OLIVEIRA
	Habilidade: Atriz
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>75%</i>
	Beleza: <i>60%</i>
	Simpatia: <i>50%</i>
Grau de identificação: <i>50%</i>	

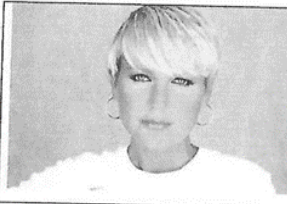
	Nome: MICHEL TELÓ
	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>70%</i>
	Beleza: <i>95%</i>
	Simpatia: <i>85%</i>
Grau de identificação: <i>97%</i>	

	Nome: PAOLA OLIVEIRA
	Habilidade: Atriz
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>90%</i>
	Beleza: <i>70%</i>
	Simpatia: <i>80%</i>
Grau de identificação: <i>80%</i>	

	Nome: TICIANE PINHEIRO
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>90%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>95%</i>
Grau de identificação: <i>80%</i>	

	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>50%</i>
	Beleza: <i>80%</i>
	Simpatia: <i>70%</i>
	Grau de identificação: <i>100%</i>

	Habilidade: Cantor
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>90%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>97%</i>
	Grau de identificação: <i>98%</i>

	Nome: XUXA
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>70%</i>
	Beleza: <i>80%</i>
	Simpatia: <i>70%</i>
Grau de identificação: <i>100%</i>	

	Nome: XUXA
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>70%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>90%</i>
Grau de identificação: <i>50%</i>	

	Nome: LARISSA MANOELA
	Habilidade: Atriz e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>80%</i>
	Beleza: <i>100%</i>
	Simpatia: <i>50%</i>
Grau de identificação: <i>100%</i>	

	Nome: TICIANE PINHEIRO
	Habilidade: Modelo e Apresentadora
	Você conhece: <i>Sim</i>
	Inteligência: <i>81%</i>
	Beleza: <i>87%</i>
	Simpatia: <i>88%</i>
Grau de identificação: <i>90%</i>	

Segue as análises dos dados das cartinhas separados por critérios, onde busquei demonstrar como cada criança se posicionou e o que os valores refletem tanto em aspectos educacionais como sociais.

O total geral, de Sim ou Não, das tabelas estão representados nos gráficos abaixo:

Gráfico 6: Consolidação de dados-VOCÊ CONHECE? PESSOAS NEGRAS.



Gráfico 7: Consolidação de dados-VOCÊ CONHECE? PESSOAS NÃO-NEGRAS.



Aqui, as crianças já sinalizam que a representatividade das pessoas negras na mídia é menor e, expressam isso através das fichas que estão expostas tanto nas tabelas, quanto nos gráficos. Mas, já está existindo uma mudança tanto quantitativa como qualitativa na imagem das pessoas negras na mídia brasileira. E, esse percentual de 10% a menos em reconhecer as pessoas negras pode ser devido as imagens apresentarem Gilberto Gil, Joaquim Barbosa, Alcione, Mariele Franco, Milton Nascimento artista que não fazem parte do repertório de conhecimento das crianças por serem de outras gerações. Mas, Mariele Franco foi e, ainda, estava sendo, amplamente, divulgada na mídia em virtude de seu assassinato em março de 2018.

As listas nos reportam, também, ao fato de serem produzidas com auxílio dos pais, as escolhas dos nomes sofreram interferências de adultos. Ainda, refletimos que se as crianças não conhecem os artistas citados nas listas dos negros, os pais podem ter tido dificuldades em fazer essa lista com artistas mais contemporâneos. Com as pessoas brancas isso não foi tão perceptível.

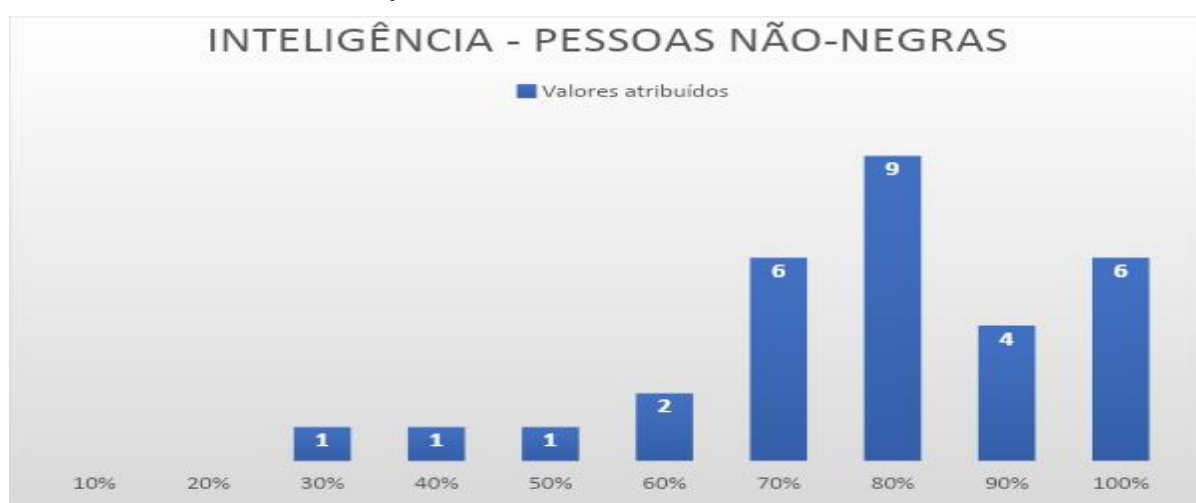
A falta de representatividade das pessoas negras na mídia é algo, ainda, muito forte no Brasil, os adultos e as crianças reconhecem isso. Mas, já temos um avanço, dado às reivindicações, principalmente, dos Movimentos Negros. Como isso é interpretado? A criança negra que não se sente representada na mídia, que é a grande porta de diálogo para o mundo, corre o risco de ter insegurança para sua formação social e para sua luta na conquista de espaço na sociedade.

Em gráficos temos uma visão bastante interessante sobre o que as crianças nos apresentam:

Gráfico 8: Consolidação de valores -INTELIGÊNCIA-PESSOAS NEGRAS.



Gráfico 9: Consolidação de valores -INTELIGÊNCIA-PESSOAS NÃO-NEGRAS.



Se consolidar os valores, tendo como referências de 10% a 50% valores insatisfatórios e de 60% a 100% valores satisfatórios, trazemos o total de:

- 16 pessoas receberam valores insatisfatório em inteligência; 10 pessoas negras; enquanto, apenas 3 pessoas não – negras apresentam esses valores.

- 43 pessoas receberam valores satisfatórios em inteligência, enquanto, 17 são negras; 27 não-negras.

Mas, os dados nos trazem uma oscilação favorável às pessoas negras, pois entre o valores mais altos temos a diferença de apenas uma pessoa: 9 negros e 10 não-negros. Enquanto que na coluna de 50% temos a predominância negra, podemos levantar hipóteses de insegurança das crianças em relação a atribuição de valores.

Considerando que as crianças que nos forneceram os dados são em sua maioria negras, percebo que atribuíram valores baseados em imagens socialmente construídas, isso poderá estar diretamente associado ao fato dos negros ocuparem vagas inferiores de trabalho. As crianças observam que existem poucos negros médicos, funcionários de banco, professores, donos de comércio e, assim podem associar que são menos inteligentes, ou que tiveram menos acesso aos estudos que os não- negros. Isso é muito sofrido!

Pensem em uma criança negra que nunca foi atendida por uma médica negra! As coisas estão mudando, paulatinamente, e as políticas públicas têm contribuído com isso, como medidas de ação contra a desigualdade e acessibilidade, como a política de cotas raciais.

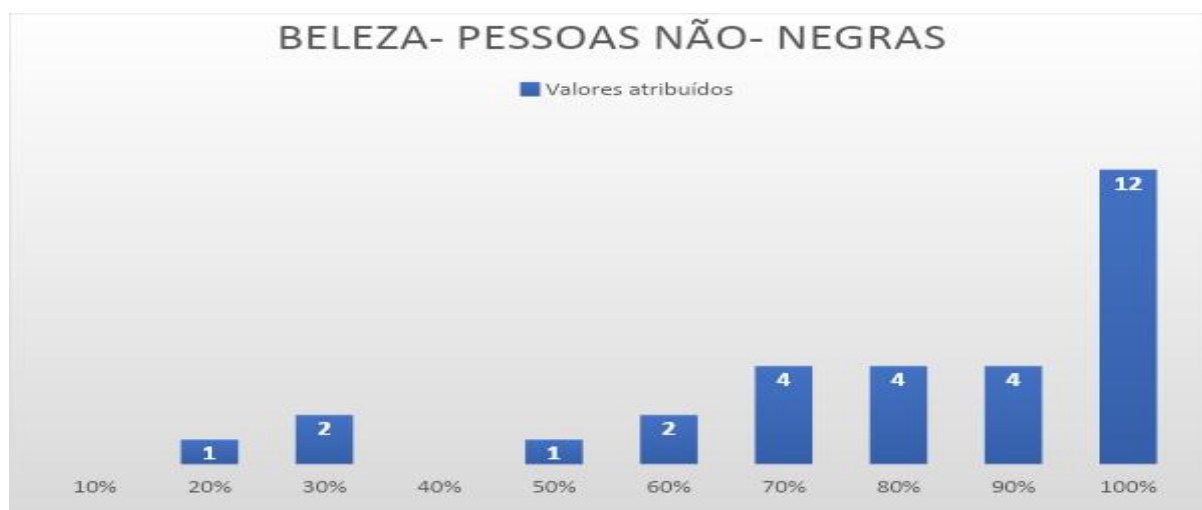
As crianças começam a nos mostrar, que mesmo não se absorvendo de conceitos, reconhecem os estereótipos socialmente construídos, perpetuados na sociedade onde, não só para os adultos inseridos como para as crianças também, através da leitura de mundo¹⁷ que o preconceito tem cor e classe bem definidos na sociedade em que vivemos.

Gráfico 10: Consolidação de valores-BELEZA- PESSOAS NEGRAS.



¹⁷ “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, afirmou Paulo Freire na obra intitulada A Importância do Ato de Ler (1988). Com essa afirmação, Freire revela que o mundo que se movimenta para o sujeito em seu contexto pode ser diferente do mundo da escolarização. Dessa forma, a leitura das palavras na escolarização, ou de sua escrita, de nada implicaria na leitura da realidade.

Gráfico 11: Consolidação de valores-BELEZA- PESSOAS NÃO- NEGRAS.



Esses gráficos nos fazem refletir que as crianças, ainda, não aprenderam a reconhecer a beleza das pessoas negras. Temos 86% de preferência de beleza das pessoas não-negras e 40% de preferência por pessoas negras, transitando nas colunas de 60% a 100%.

Em relação aos dois gráficos temos a interpretação de que quanto mais clara a cor da pele, mais afinados os traços dos rostos, mais lisos os cabelos as crianças os reconhecem como mais belos.

Me recorro a Bhabha (2005), destacando que faz parte do mecanismo de "introjeção" do discurso colonizador nas subjetividades dos sujeitos, criar imagens positivas das relações de exploração presentes nas hierarquias capitalistas e construindo corpos: invólucros de músculos, gorduras e ossos que passam a assumir ornamentos sociais com a finalidade de construção do indivíduo moderno, com uma nacionalidade, um gênero, uma sexualidade, uma raça e uma única cultura.

O entendimento que Bhabha (2005) nos traz é de que a luta identitária deve ser percebida como algo fluído, em construção permanente. As crianças desde a tenra idade, conforme a pesquisa realizada nos evidencia, não são passivas nesses processos de discurso e imagens colonizadoras, desejando as diferentes determinações normativas para a construção de suas vidas, criam e absorvem modelos para sua existência, seus gostos e preferências baseado nos modelos vigentes. Terão como referência para suas produções culturais e suas preferências partindo das relações construídas dentro do grupo com outras crianças e nas relações com os adultos, como na mídia e no que lhe é ensinado na escola.

Devemos compreender, urgentemente, que as crianças são sujeitos ativos, atuando diretamente nas relações sociais. As crianças estabelecem vinculações diretas entre os diferentes sujeitos, adultos ou não adultos, que as rodeiam, produzindo culturas e ressignificando símbolos

sociais. Parafraseando Paulo Freire (1988), que considero o mentor da educação para consciência, digo que a escola deve ensinar o aluno a ler o mundo para transformá-lo. E, isso significa levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação.

Digo que, as crianças negras e não-negras, estão submetidas ao referencial de branqueamento. Mas, elas são capazes de inovar a partir de construções de conhecimentos, através da informação e a escola, a educação escolar tem um forte potencial para isso. Faz-se necessário discutir, também, o fenômeno do branqueamento¹⁸, o qual se refere, fartá-los de conhecimentos que possibilitem a compreensão do processo opressor da ideologia de valorização social do grupo dominante, que, nesse caso, é representado pelo grupo branco. E, assim, cumprir os propósitos da Lei 10639/03 no processo educacional, na rotina pedagógica.

Trago essa reflexão em textos aqui nessa dissertação, a escola: destrinchando o diálogo com a lei 10.639/2003 “racismo, brasil e educação: eis a questão!”, onde além de refletir o local do ensino das temáticas no currículo escolar e, também digo que, aspectos como a cor da pele negra, cor e formato dos olhos, estilo de cabelo são exemplos de marcas físicas genéticas geradoras de racismo, um grupo alvo de racismo na nossa sociedade é o grupo dos negros. Por que, então, em uma sala majoritariamente formada por negros o padrão de beleza é branco. Controverso? As crianças abstraem como suas, as preferências que a sociedade impõe, pois, a própria família pode estar absorvendo essas referências. Quem determina padrões de beleza é a sociedade, e esse padrão, ainda, é o da branquitude.

E assim, coloco questões que só as pessoas livres de preconceito racial e os negros podem refletir: O que você faria se todos os dias visse um mundo completamente branco na televisão e nos telejornais? O que fazer se o mundo mostra que seu cabelo crespo, seu nariz largo não estampa capas ou o interior de revistas de moda no país que você vive? Como você se vê numa sociedade onde os “seus” são assassinados, condenados, julgados, subjugados, subalternizados, muitas vezes por ter a pele negra?

¹⁸ No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais. Na descrição desse processo o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, encarados como não tão humanos. Na verdade, quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais. Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

O que você faria se fosse considerado suspeito, ou com atitude suspeita quando caminha pela rua? Infelizmente, um branco não tem respostas, pois, ele jamais vestirá a pele negra. Mas, o discurso da branquitude é sempre o mesmo, desnuda e acusa o negro. O branco pode usar cortes e penteados de origem africana, pois é “bacana mudar”; mas o negro não pode alisar ou pintar os cabelos, serão considerados racistas com eles mesmos, como se não se amassem. Ou seja, o branco pode ser o que quiser o negro não! Pensem as crianças vivendo isso.

A criança negra passa a dialogar com a imposição do que é belo através do viés da branquitude muito precocemente, e assim, como os dados apontam, tomam como seus o padrão de beleza estruturados socialmente, e já começam a ser apontadas por isso, dentro da própria escola.

Assim, inicia o processo sofrido da criança negra em se reconhecer. E ela entende que se a criança branca fazer cachos no cabelo ela fica “mais bonita”, mas se ela soltar seus cachos terá a referência do “descabelado”.

A escola precisa ensinar às crianças negras a gostarem da sua cor, de seu fenótipo, isso aumentará sua autoestima e seu apetite pelo saber aumentará. A ação dos docentes é fundamental nesse processo.

Seguindo as análises em gráficos, vamos ver que a questão da simpatia foi a que as pessoas negra e não-negras tiveram valores mais aproximados.

Gráfico 12: Consolidação de valores-SIMPATIA- PESSOAS NEGRAS.

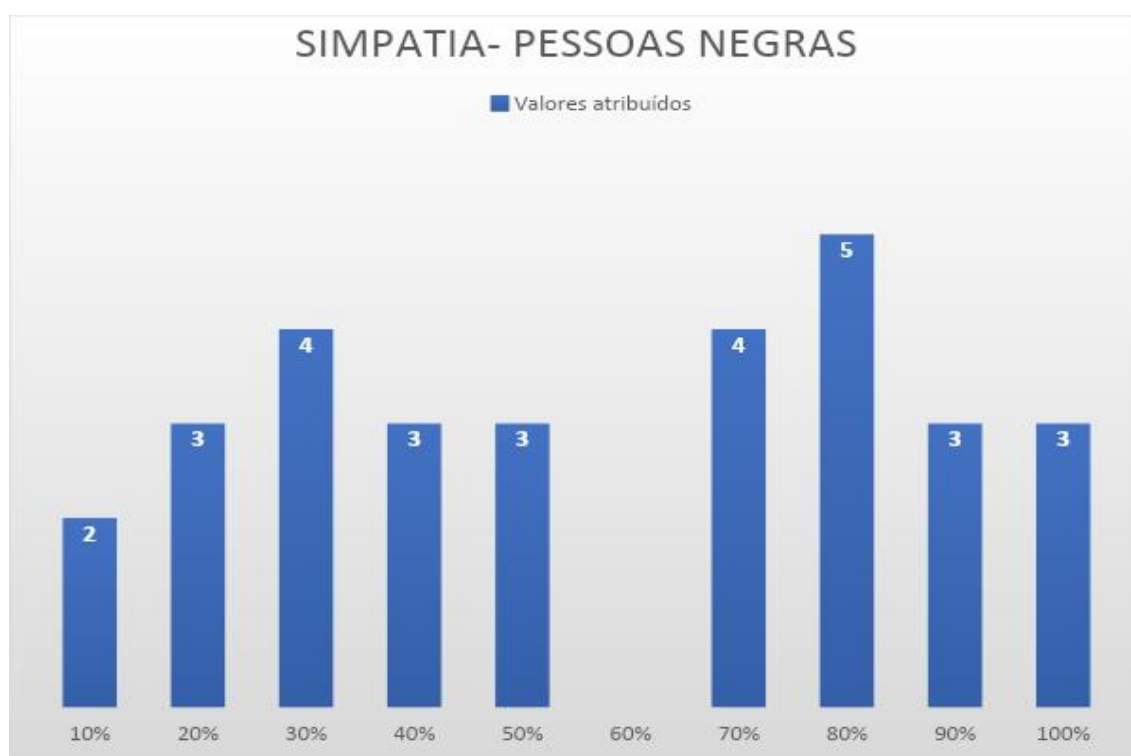
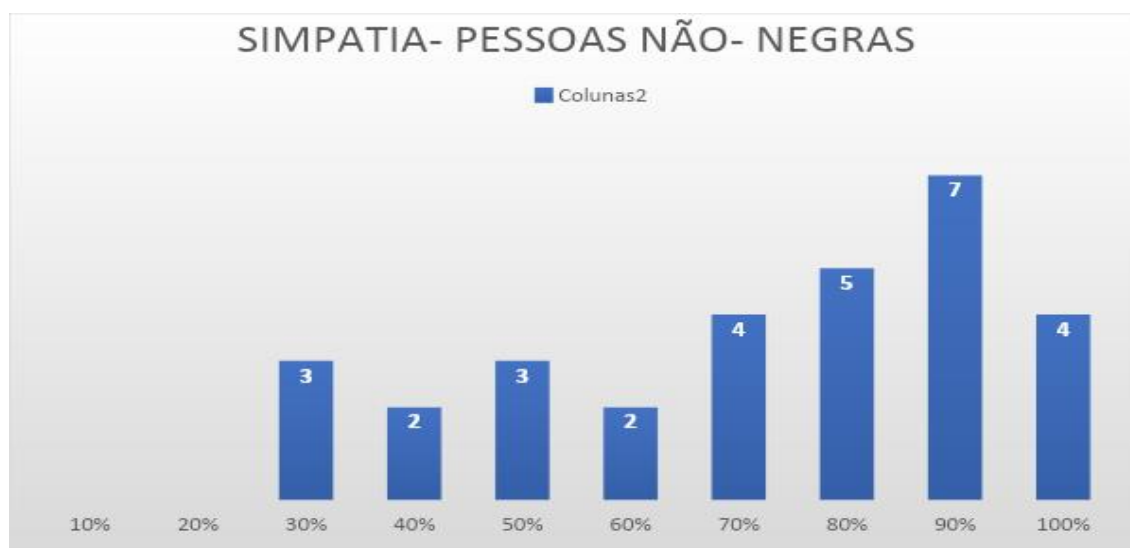


Gráfico 13: Consolidação de valores-SIMPATIA- PESSOAS NÃO-NEGRAS.



Em relação aos valores que as crianças atribuíram em Simpatia podemos inferir que a cor da pele também foi um referencial, assim como nos demais. Porém, a Simpatia foi o quesito que mais apresentou equidade. A simpatia é uma qualidade natural da pessoa uma vez que ela institui elemento norteador para um bom convívio social.

Porém, não é uma palavra é presente no vocabulário das crianças, nos foi necessário, inclusive, falar um pouco sobre simpatia com as crianças. Observamos, através dos rostinhos delas, que definir valores desse critério foi um exercício complexo. A criança avalia muito e tende a tirar conclusões pelo comportamento, atitudes e acima de tudo numa análise entre ela e o outro. A Simpatia é entendida em um contexto de relação e interpretação de relação, de convívio, de ação comportamental para criança; como essa relação não existiu, foi um exercício difícil.

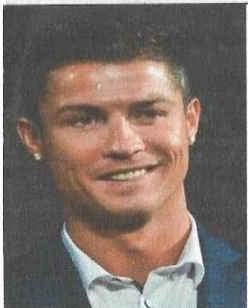
Analisando os valores de Simpatia e as imagem em análises das cartinhas, observamos, por exemplo, que: em relação às pessoas negras os menores valores foram atribuídos às pessoas que não estavam sorrindo; e, os valores mais altos foram atribuídos às pessoas que estavam sorrindo, não só como expressão facial mas com os dentes à mostra. Assim, necessário se faz trazer algumas imagens para ilustrar o que foi discorrido.

	Nome: JOAQUIM BARBOSA Habilidade: Ex Ministro do STF Você conhece: não Inteligência: 40% Beleza: 20% Simpatia: 40% Grau de identificação: 10%
	Nome: ANITA Habilidade: Cantora Você conhece: sim Inteligência: 50% Beleza: 70% Simpatia: 50% Grau de identificação: 30%
	Nome: MARIELLE FRANCO Habilidade: Vereadora Você conhece: não Inteligência: 50% Beleza: 10% Simpatia: 30% Grau de identificação: 20%
	Nome: NEYMAR JR Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: sim Inteligência: 40% Beleza: 30% Simpatia: 30% Grau de identificação: 10%
	Nome: THIAGUINHO Habilidade: Cantor Você conhece: sim Inteligência: 90% Beleza: 40% Simpatia: 100% Grau de identificação: 60%
	Nome: NÊGO DO BOREL Habilidade: Cantor Você conhece: sim Inteligência: 80% Beleza: 60% Simpatia: 100% Grau de identificação: 50%
	Nome: GILBERTO GIL Habilidade: Cantor Você conhece: não Inteligência: 70% Beleza: 20% Simpatia: 80% Grau de identificação: 90%
	Nome: GABRIEL JESUS Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: sim Inteligência: 100% Beleza: 50% Simpatia: 80% Grau de identificação: 30%

Figuras 23: Análise de valores atribuídos para algumas pessoas negras - SIMPATIA

As crianças gostam da alegria, a alegria é representada na face, no sorriso. Assim, para as crianças, simpático é àquele que sorri “abertamente”. Vejam, só como isso é interessante. O sorriso é acolhedor e aproxima até o “desconhecido”.

Já em relação às pessoas não-negras os critérios foram outros: os valores mais baixos de Simpatia estão coincidindo com o fato de não se identificarem com as pessoas em análise;

	Nome: ANA HICKMAM Habilidade: Modelo e Apresentadora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>90%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>
	Nome: MARINA RUY BARBOSA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>50%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>
	Nome: CRISTIANO RONALDO Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>40%</i> Beleza: <i>20%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de identificação: <i>50%</i>
	Nome: VERA FISHER Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>100</i> Beleza: <i>30</i> Simpatia: <i>40</i> Grau de identificação: <i>60</i>

Figuras 24: Análise de valores atribuídos para algumas pessoas não-negras - SIMPATIA.

Nas demais cartas, como os gráficos nos mostram há um equilíbrio em atribuir altos valores às pessoas não-negras. Ou seja, as pessoas não-negras ocupam a preferência das crianças, pois, foram menos criteriosas para atribuírem valores.

A criança é o ser humano mais versátil e autêntico que existe. Elas são capazes de criar, sonhar e ao mesmo tempo manifestar o que imaginam de uma maneira muito singular. E isso traz muita autenticidade. Elas têm um poder de reivindicação no olhar, no comportamento, na fala, nos desenhos que se fossem interpretados com a devida atenção pelos adultos teríamos um país menos Racista, menos violento e mais justo.

Gráfico 14: Consolidação de valores-GRAU DE IDENTIFICAÇÃO-PESSOAS NEGRAS.

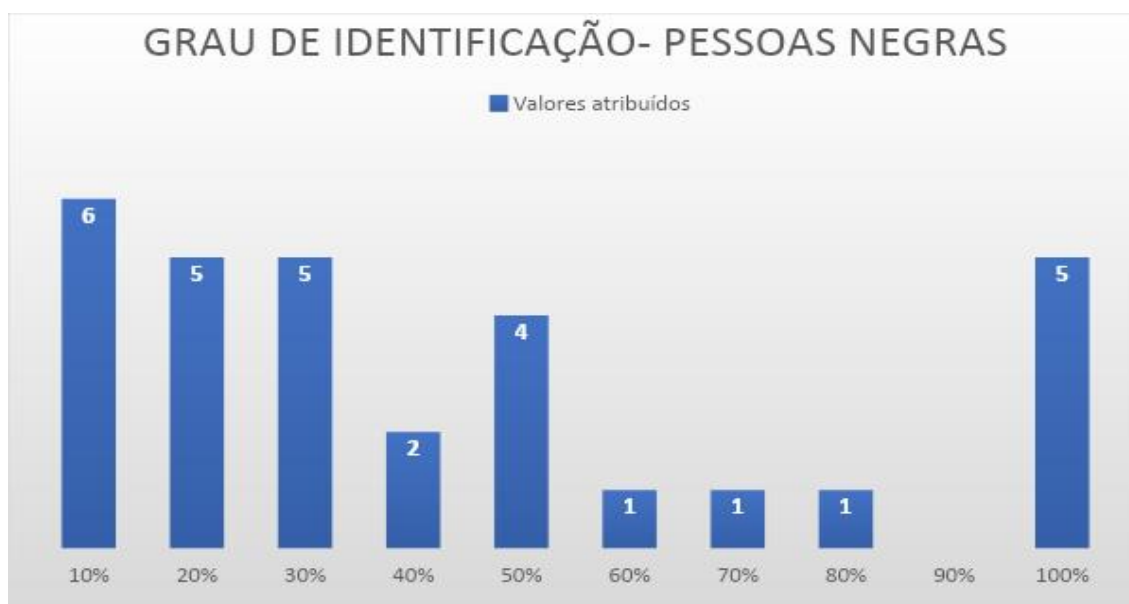
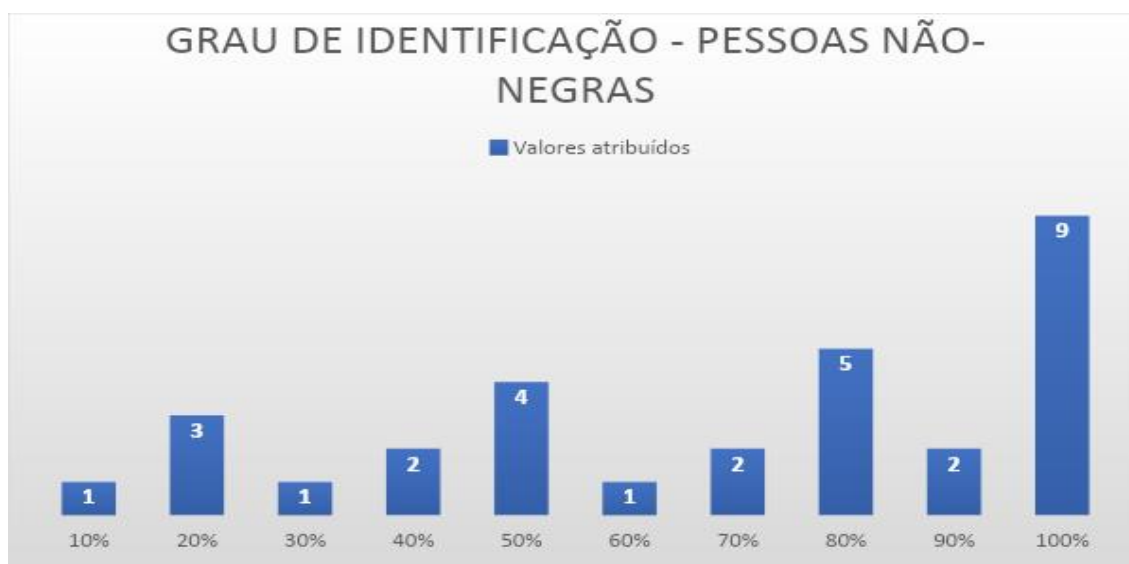


Gráfico 15: Consolidação de valores-GRAU DE IDENTIFICAÇÃO-PESSOAS NÃO- NEGRAS.



O que nos chama atenção nesses dados é, justamente, o fato de que a criança negra não se identificar com as pessoas negras da foto. Há, inevitavelmente, uma ausência de referências em relação ao grupo de pertencimento, e isso é preponderante em todas situações analisadas. Porém, ao analisar o gráfico das pessoas não-negras temos clara a instabilidade nos valores. Assim, podemos pensar que as crianças demonstram dúvidas também, em declarar que se identificam com as pessoas não-negras. É necessário pensar sobre isso, é urgente a escola criar mecanismos para combater isso.

Munanga (2004), já apontava que discriminação racial precisa ser urgentemente enfrentada: Nós, negros, também temos problemas de alienação de nossa personalidade. Muitas vezes trabalhamos o problema na ponta do iceberg que é visível. Mas a base desse iceberg deixa

de ser trabalhada. Muito cedo as crianças percebem as diferenças/desigualdades raciais e, ao percebê-las, interpreta e hierarquiza, a escola precisa reconhecer isso. A escola necessita reconhecer que o preconceito vai além do plano verbal. O resultado do Jogo de Cartas Trunfo, aqui aplicado, nos mostra isso.

Problematizo: Será que ninguém ensina as crianças negras a se amarem, a se reconhecerem? Em, “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, (Cavalleiro 2006) pôde constatar após um período de observação em uma escola infantil, pública, com crianças de 4 a 6 anos, que já nesta idade as crianças negras apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico de que fazem parte. A autora pontuou que as famílias esperam que a escola trabalhe de forma a conduzir a criança a se perceber e se aceitar como pessoa negra, motivando e demonstrando que suas potencialidades são iguais às do branco.

Tabela 9: Valores referentes às pessoas negras desconhecidas.

CRIANÇA	INTELIGÊNCIA	BELEZ A	SIMPATI A	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO
1	40%	60%	10%	10%
2	60%	80%	90%	10%
3	60%	50%	70%	10%
4	50%	40%	80%	70%
5	40%	30%	10%	20%
6	60%	40%	80%	20%
7	50%	40%	60%	30%
8	90%	80%	20%	30%
9	100%	90%	90%	10%
10	100%	90%	80%	10%
11	50%	80%	90%	10%
12	30%	40%	50%	80%

Tabela 10: Valores referente às crianças negras desconhecidas.

CRIANÇA	INTELIGÊNCIA	BELEZA	SIMPATIA	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO
1	40%	20%	60%	10%
2	20%	60%	20%	40%
3	50%	40%	80%	20%
4	40%	50%	90%	10%
5	40%	40%	80%	20%
6	100%	50%	100%	10%

Tabela 11: Valores referentes às crianças brancas.

CRIANÇA	INTELIGÊNCIA	BELEZA	SIMPATIA	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO
1	80%	60%	70%	10%
2	50%	70%	40%	80%
3	50%	100%	20%	100%

Figura 25: Cartas de pessoas negras desconhecidas inseridas no baralho.



	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 80% BELEZA: 50% SIMPATIA: 70% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 100%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 100% BELEZA: 90% SIMPATIA: 80% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 10%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 70% INTELIGÊNCIA: 50% BELEZA: 70% SIMPATIA: 40% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 80%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 50% BELEZA: 40% SIMPATIA: 60% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 30%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 50% BELEZA: 40% SIMPATIA: 80% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 90%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 40% BELEZA: 60% SIMPATIA: 70% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 10%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 50% BELEZA: 40% SIMPATIA: 20% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 100%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 40% BELEZA: 40% SIMPATIA: 20% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 20%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: NÃO INTELIGÊNCIA: 80% BELEZA: 60% SIMPATIA: 90% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 10%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 90% BELEZA: 80% SIMPATIA: 80% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 30%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: 100% INTELIGÊNCIA: 100% BELEZA: 80% SIMPATIA: 90% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 90%
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: NÃO INTELIGÊNCIA: 100% BELEZA: 90% SIMPATIA: 90% GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 10%

As crianças da turma pesquisada não foram identificadas, assim, a criança número 01, de uma tabela, não é a mesma da outra tabela porque as cartas foram entregues aleatoriamente. Porém, cada criança pegou uma carta de uma pessoa negra e uma não-negra sugeridos das listas trazidas de casa. Algumas crianças ficaram com duas cartas e outras com três cartas.

Como regente da sala, prefiro não identificar as crianças, principalmente, para mim, para que meu “olhar” da professora que já tem um conhecimento sobre algumas crianças, não interferisse nas reflexões. Pois, busquei trabalhar a percepção, como um momento fecundo do pensamento tematizado pelo exercício da reflexão, assim, esquadrinhou a construção do texto resultante da pesquisa.

Os gráficos, nos trazem a análise dos dados produzidos pelas crianças no jogo de Cartas Trunfo: uma cartada para identificação e combate ao Racismo na 1ª Fase do Ensino Fundamental, sobre a ótica se as crianças apresentam, ou não, traços Racistas em relação às pessoas negras. Não deixa de ser uma análise comparativa entre como as crianças “enxergam as pessoas negras e as pessoas não-negras.

Mas, como é um trabalho de pesquisa-ação realizada na escola, os dados nos reportam a pensar como a escola tem trabalhado as temáticas relacionadas ao Racismo com as pessoas negras. E, partindo disso, pensar e realizar uma prática pedagógica que contemple a temática destacadas na Lei 10.639/2003, voltado ao ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Com os resultados dos estudos realizados, observou-se valores menores de Beleza e Grau de Identificação são significativos para efeito da cor obtendo a confirmação da beleza nas pessoas através do viés do branqueamento. Em relação a Beleza os resultados reforçam que as crianças não reconhecem beleza em traços e características das pessoas negras.

Sim, as crianças demonstraram ter traços Racistas. As representações que as crianças apresentam têm origem em um processo cultural, histórico, político, econômico, social e ideológico construído nas sociedades. Evidencia-se, então, a precocidade das relações que se processam no interior da sociedade.

7. UM DESMEMBRAMENTO DOS RESULTADOS ATRAVÉS DE ALGUMAS IMAGENS

Às vezes é de difícil percepção o que o preconceito introduz na cabeça das crianças. Porém, através das análises dos dados que foram atribuídos, podemos considerar que ele está no íntimo de cada um. Alguns entendem sua perversidade, mas a maioria não! Crianças, mesmo as mais novas, demonstraram preconceito e dificuldade para aceitar as diferenças. E isso fica expresso nas análises realizadas através dos valores atribuídos pelas crianças nas cartas do jogo Trunfo.

Selecionei essas fichas, pois considerei importante registrar as interpretações realizadas.

	Nome: MARIELLE FRANCO Habilidade: Vereadora Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>70%</u> Beleza: <u>60%</u> Simpatia: <u>40%</u> Grau de identificação: <u>100%</u>
	Nome: MARIELLE FRANCO Habilidade: Vereadora Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>20%</u> Beleza: <u>40%</u> Simpatia: <u>30%</u> Grau de identificação: <u>30%</u>
	Nome: THIAGUINHO Habilidade: Cantor Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>50%</u> Beleza: <u>10%</u> Simpatia: <u>70%</u> Grau de identificação: <u>20%</u>
	Nome: FILIPE COUTINHO Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>20%</u> Beleza: <u>50%</u> Simpatia: <u>10%</u> Grau de identificação: <u>30%</u>
	Nome: ANITA Habilidade: Cantora Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>50%</u> Beleza: <u>60%</u> Simpatia: <u>10%</u> Grau de identificação: <u>40%</u>
	Nome: ANITA Habilidade: Cantora Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>100%</u> Beleza: <u>50%</u> Simpatia: <u>80%</u> Grau de identificação: <u>30%</u>
	Nome: LUDMILA Habilidade: Cantora Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>90%</u> Beleza: <u>60%</u> Simpatia: <u>80%</u> Grau de identificação: <u>100%</u>
	Nome: LUDMILA Habilidade: Cantora Você conhece: <u>100%</u> Inteligência: <u>60%</u> Beleza: <u>50%</u> Simpatia: <u>70%</u> Grau de identificação: <u>10%</u>

Figura 26: Cartas para análise comparativa - pessoas negras.

Analizando o valor recebido pelo cantor Thiaguinho realizei a seguinte leitura: é o que tem a pele mais negra e recebeu o menor valor em relação a Beleza. E que as crianças não se deixaram se influenciar pelo fato de serem famosas como a Anitta e Ludmilla, também tiveram valores muito baixos deixando possível a interpretação de que as crianças não se identificaram com elas, mesmo cantando e dançando suas músicas. E o fato de conhecer ou não, não influenciou em relação ao critério de beleza.

Prosseguindo com mais análises:

Mesmo com pessoas com um pouco mais de idade os dados nos revelam padrões de falta de identidade e de representatividade da identidade negra.

	Nome: ALCIONE Habilidade: Cantora Você conhece: <u>Não</u> Inteligência: <u>10%</u> Beleza: <u>30%</u> Simpatia: <u>20%</u> Grau de identificação: <u>40%</u>
	Nome: MILTON NASCIMENTO Habilidade: Cantor Você conhece: <u>Não</u> Inteligência: <u>50%</u> Beleza: <u>40%</u> Simpatia: <u>20%</u> Grau de identificação: <u>20%</u>
	Nome: Barack Obama Habilidade: EX PRESIDENTE DOS EUA Você conhece: <u>Sim</u> Inteligência: <u>80%</u> Beleza: <u>30%</u> Simpatia: <u>10%</u> Grau de identificação: <u>20%</u>
	Nome: JOAQUIM BARBOSA Habilidade: Ex Ministro do STF Você conhece: <u>Não</u> Inteligência: <u>40%</u> Beleza: <u>20%</u> Simpatia: <u>10%</u> Grau de identificação: <u>10%</u>

Figura 27: Cartas com imagens de pessoas negras com mais idade para análise

Entre as imagens mostradas abaixo, temos uma mulher negra com nota máxima em beleza, porém, fica claro que as crianças ao atribuírem valores baixos coincidentemente, está atrelado em beleza e grau de identificação, com poucas exceções.

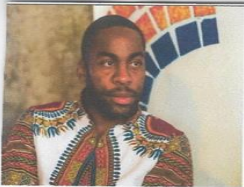
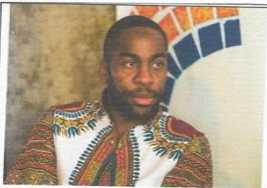
	Nome: LÁZARO RAMOS Habilidade: Ator e Apresentador Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>60%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>90%</i>		Nome: GABRIEL JESUS Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>100%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>
	Nome: LÁZARO RAMOS Habilidade: Ator e Apresentador Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>90%</i> Grau de identificação: <i>70%</i>		Nome: GABRIEL JESUS Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>70%</i> Beleza: <i>80%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>100%</i>
	Nome: THIAGUINHO Habilidade: Cantor Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>40%</i> Simpatia: <i>100%</i> Grau de identificação: <i>80%</i>		Nome: NEYMAR JR Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>40%</i> Beleza: <i>20%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de identificação: <i>10%</i>
	Nome: THIAGUINHO Habilidade: Cantor Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>100%</i> Grau de identificação: <i>10%</i>		Nome: THAÍS ARAÚJO Habilidade: Atriz Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>100%</i> Grau de identificação: <i>50%</i>

Figura 28: Análise comparativa com pessoas negras.

Vejamos como isso está estruturado nas próximas imagens.

- Duas criança negras avaliam pessoas negras desconhecidas. (nas fichas dos desconhecidos marquei algumas para identificar quem fez, pois, já tinha em mente essa reflexão aqui.)

Criança 1 – Menina - Idade: 10 anos

Criança 2 – Menina - Idade: 10 anos

	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: <i>sim</i> INTELIGÊNCIA: <i>100%</i> BELEZA: <i>90%</i> SIMPATIA: <i>80%</i> GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: <i>10%</i>		NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: <i>sim</i> INTELIGÊNCIA: <i>50%</i> BELEZA: <i>20%</i> SIMPATIA: <i>30%</i> GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: <i>0%</i>
	NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: <i>sim</i> INTELIGÊNCIA: <i>90%</i> BELEZA: <i>80%</i> SIMPATIA: <i>20%</i> GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: <i>30%</i>		NOME: _____ HABILIDADE: _____ VOCÊ CONHECE: <i>sim</i> INTELIGÊNCIA: <i>100%</i> BELEZA: <i>90%</i> SIMPATIA: <i>90%</i> GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: <i>0%</i>

Figura 29: Crianças negras - valores às pessoas negras desconhecidas.

Pode-se perceber que, ambas crianças negras, consideraram as pessoas negras bonitas, mas não se identificam com elas mesmo tendo características fenotípicas muito próximas das delas. Entra aí a importância da cultura do amor próprio e da aceitação de si antes do próximo, já que o racismo tem muitas formas de dizer o quanto a mulher negra e crespa é inadequada. Trabalhar a cultura africana em sala de aula é muito importante e uma forma de impactar na busca do reconhecimento e da valorização dos negros nos espaços sociais.

Ao tratar dos efeitos do racismo na construção da identidade do negro, compreende-se que ele está estabelecido desde a infância e no espaço escolar a qual pertence. Devemos atentar para seus efeitos negativos, principalmente, partindo do próprio reconhecimento e das dificuldades enfrentadas no sentido de construção de uma identidade étnica e racial.

O auto reconhecimento precisa ser prática desde a tenra idade apresentando os heróis e heroínas negras, a dança, a música, a origem de alimentos que estão em nossas mesas, as palavras, os poemas, as histórias... na prática pedagógica não pode se limitar ao Treze de Maio, ao Dia da Consciência Negra, ou, ler Histórias de Tia Nastácia sem propor um debate sobre as falas racistas da boneca Emília em relação a personagem.

Então, ao se pensar em beleza negra no Brasil contemporâneo significa quebrar uma série de estereótipos e anti valores sedimentados por muitos anos. Para Vieira (2015):

Não é novidade que a estética negra – expressão entendida como conceitos e juízos de beleza baseada nas características da população negra – não é valorizada em nossa sociedade, diga-se de passagem, uma sociedade extremamente racista, que tenta a todo custo dissipar qualquer manifestação de negritude contida na mesma.
portalintercom.org.br/ Beleza, Estética e Identidade na Visão de Crianças

A luz das informações recolhidas com a metodologia utilizada no jogo de cartas Trunfo visualizo a tese da importância da aplicabilidade da Lei 10.639/03 e sua proposta na prática escolar, como ação de reconhecimento da importância da temática que dialogue com a proposta de educar, aprender, conviver sem preconceito racial.

As próximas análises constituem reflexões baseadas em valores destinados a pessoas negras desconhecidas e crianças negras e não negras desconhecidas. Nosso interesse será o posicionamento de mais um grupo de crianças e quais representações sociais nos fornecerá para que possamos, novamente, analisar a presença do racismo com as pessoas negras através do não reconhecimento dos critérios determinados nas cartas do jogo trunfo.

Analisar os dados de identificação me remete aos pensamentos diários dessas crianças negras, pois, não temos a dimensão da dor causada pelo preconceito racial e pelo silenciamento

dessas crianças. Esse trabalho de pesquisa-ação me faz mais engajada com a temática racial a cada dia e, redimensiona uma prática que já existia de forma mais coesa e consistente

Nome:	Habilidade:	Você conhece:	Inteligência:	Beleza:	Simpatia:	Grau de identificação:
		Não	60%	80%	90%	1%
		Não	60%	40%	80%	20%
		Não	60%	50%	70%	10%
		Não	40%	60%	70%	10%
		Não	40%	30%	10%	20%
		Não	40%	30%	80%	90%

Figura 30: Análise de valores às pessoas negras desconhecidas.

Como se pode ver as crianças negras já sentem o peso do racismo, do preconceito. Somando seu tempo de escolaridade, entre Creche e Ensino Fundamental, as crianças que contribuíram com essa pesquisa, têm em média 8 anos de escolarização e, ainda assim, não demonstram ter passado por momentos em que pudessem descobrir a beleza nas pessoas negras.

A maneira como cada criança se vê, depende também, do modo como é interpretada pelos outros, e como ela enxerga o outro. É a qualidade desse olhar que contribui para o grau de sua autoestima e auto aceitação. A criança se vê da maneira como é vista pelo seu professor, seus colegas e demais funcionários da instituição, pela sociedade em geral.

Provocar uma modificação nesse cenário, arraigado de racismo e preconceito racial, necessário se faz em inserir, a escola com uma participação efetiva na desconstrução do ideário de homogeneização, baseado no padrão europeu de sujeito tão enraizado na sociedade brasileira. E assim, daremos continuidade propondo uma análise em relação aos valores atribuídos às pessoas brancas.

Figura 31: Imagens de pessoas não-negras para análise de valores.

	Nome: GISELE BUNDCHEM Habilidade: Modelo Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>30%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>80%</i> Grau de identificação: <i>100%</i>		Nome: XUXA Habilidade: Modelo e Apresentadora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>60%</i> Beleza: <i>50%</i> Simpatia: <i>60%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>
	Nome: GISELE BUNDCHEM Habilidade: Modelo Você conhece: <i>Não</i> Inteligência: <i>40%</i> Beleza: <i>70%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de Identificação: <i>10%</i>		Nome: XUXA Habilidade: Modelo e Apresentadora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>90%</i> Grau de Identificação: <i>50%</i>
	Nome: PAOLA OLIVEIRA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Não</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>60%</i> Grau de identificação: <i>90%</i>		Nome: PAOLA OLIVEIRA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>90%</i> Simpatia: <i>70%</i> Grau de identificação: <i>60%</i>
	Nome: MARINA RUY BARBOSA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>100%</i> Beleza: <i>70%</i> Simpatia: <i>100%</i> Grau de identificação: <i>80%</i>		Nome: CRISTIANO RONALDO Habilidade: Jogador de futebol Você conhece: <i>Não</i> Inteligência: <i>40%</i> Beleza: <i>20%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de identificação: <i>0%</i>

As imagens das pessoas brancas alcançaram índices bastante elevados pelas crianças. Observou-se uma tendência das crianças ao branqueamento e uma atribuição às imagens das pessoas não-negras como tendo características socialmente favoráveis (Inteligência, Beleza e Empatia) e, como símbolo de preferência racial. As imagens das pessoas negras, como tendo características desfavoráveis socialmente (Beleza e Grau de Identificação).

Para contextualizar e melhor apreender esses processos de exclusão racial discutidos acima, faz-se necessário discutir o fenômeno do branqueamento, que se refere, justamente, à

ideologia de valorização social do grupo dominante, que, nesse caso, é representado pelo grupo branco. Dessa formulação, surge a ideia de que, quanto mais clara a cor da pele do indivíduo maior a sua beleza, melhor o seu caráter e sua capacidade intelectual. (CARNEIRO, 1998; BENTO, 2002).

Figura 32: Imagem de pessoas não-negras para análise de valores.

	Nome: ANA HICKMAM Habilidade: Modelo e Apresentadora Você conhece: <i>Naô</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>90%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>
	Nome: TICIANE PINHEIRO Habilidade: Modelo e Apresentadora Você conhece: <i>Naô</i> Inteligência: <i>80</i> Beleza: <i>100</i> Simpatia: <i>90</i> Grau de identificação: <i>100</i>
	Nome: LARISSA MANOELA Habilidade: Atriz e Apresentadora Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>50%</i> Grau de identificação: <i>100</i>
	Nome: MARINA RUY BARBOSA Habilidade: Atriz Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>80%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>50%</i> Grau de identificação: <i>20%</i>
	Nome: LUAN SANTANA Habilidade: Cantor Você conhece: <i>Sim</i> Inteligência: <i>70%</i> Beleza: <i>100%</i> Simpatia: <i>90%</i> Grau de identificação: <i>Naô</i>
	Nome: MICHEL TELÓ Habilidade: Cantor Você conhece: <i>sim</i> Inteligência: <i>90%</i> Beleza: <i>90%</i> Simpatia: <i>30%</i> Grau de identificação: <i>40%</i>

Por meio desse estudo, observei em que medida a hierarquia dada pela cor da pele é representada no imaginário das crianças pesquisadas e vimos que a ideologia do branqueamento está presente no imaginário dessas crianças E, que interfere diretamente nas relações raciais, na construção da identidade das crianças e na postura destas mediante identificação com o seu grupo de pertença.

Fica a dedução de que a hierarquia pela cor da pele (branqueamento) se sobrepõe às identidades raciais, ou seja, a cor da pessoa avaliada se torna mais relevante para a escolha do que a própria cor da criança. Assim, independente dos traços raciais da criança e sua pertença atribuída, o que realmente conta nos diversos níveis de julgamento são os padrões de pensamento de que o branco é bonito, inteligente e comunicativo, e o negro é moralmente inferior.

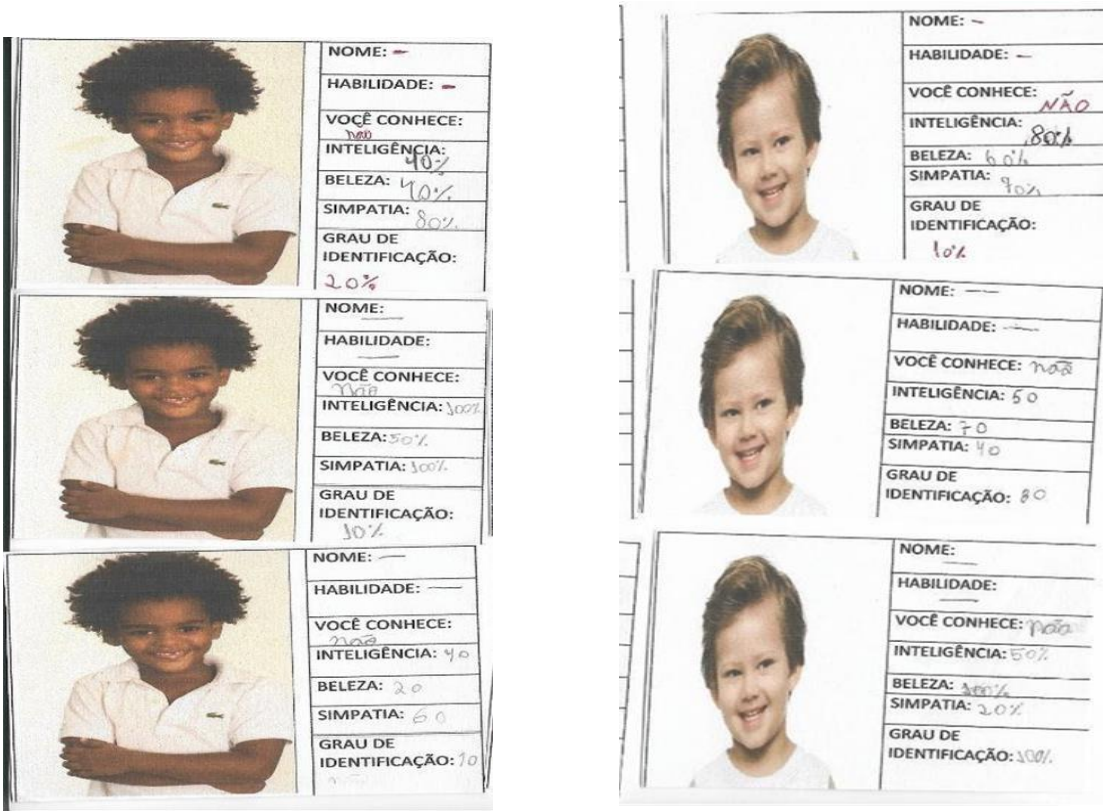
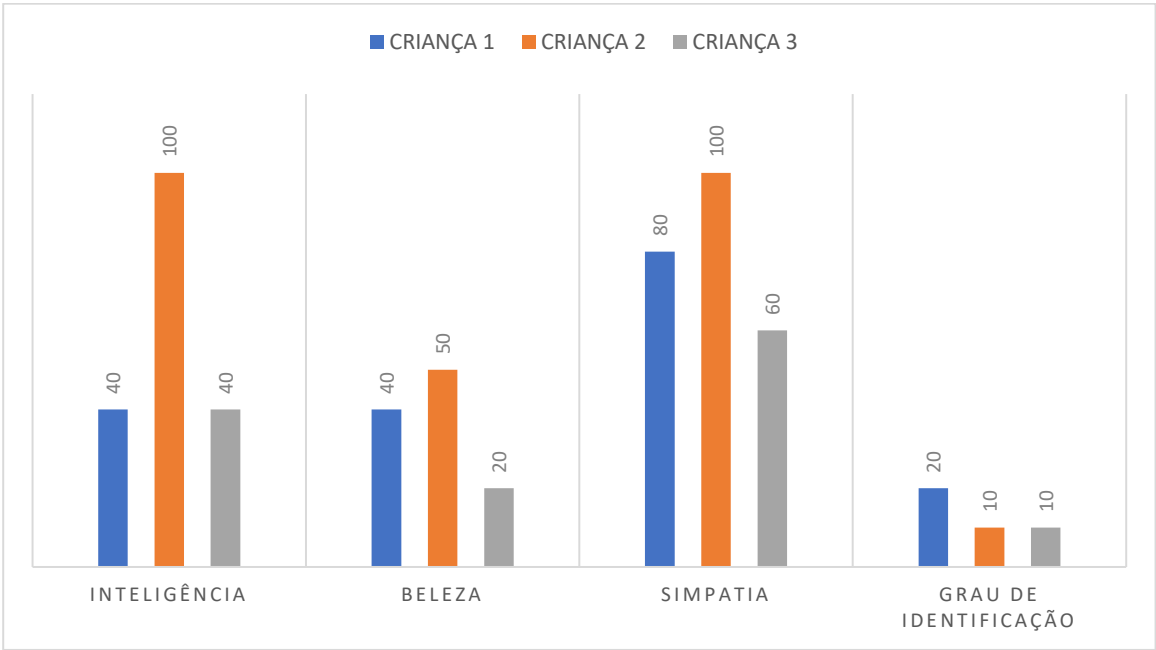
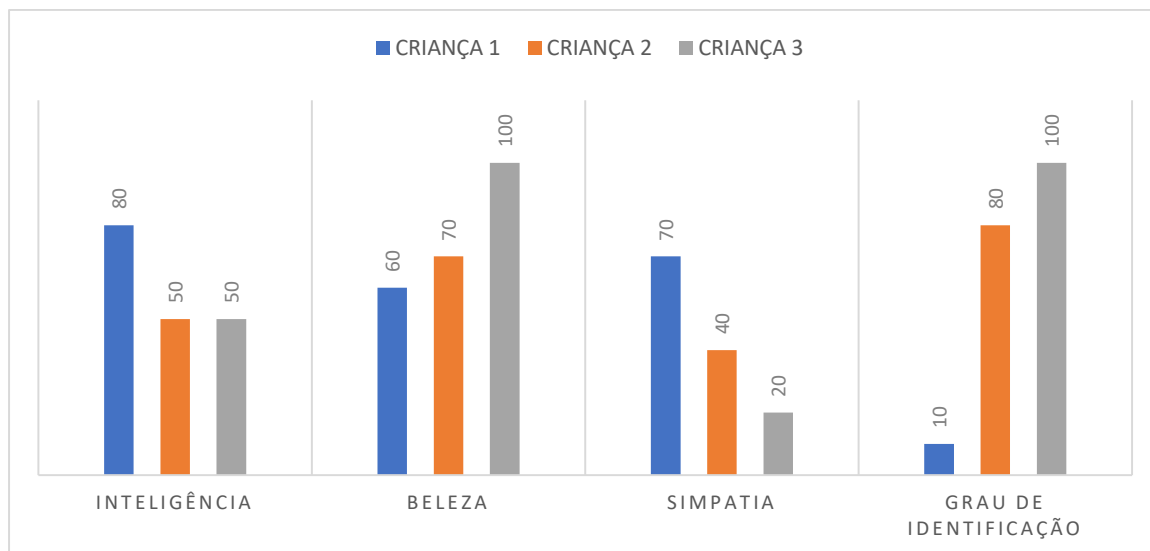


Figura 33: imagens de crianças negras e não-negras para análise comparativa.

Gráficos 16: Análise de valores atribuídos às crianças negras.



Gráficos 17: Análise de valores atribuído às crianças não-negras.



Quando inserimos uma criança branca podemos observar que começam a aumentar os valores atribuídos a beleza e grau de identificação. Tentar desconstruir o ideal de beleza que nos foi por tantos anos impostos, através da mídia e da sociedade em geral de que belo são somente aqueles que possuem características da “beleza europeia”¹⁹ não é tarefa fácil!

Para uma pessoa que desde a infância vive e convive com esses “ideais”, Cavalleiro (2006) diz que “a ideologia, ao promover o estereótipo, leva o estereotipado a internalizar sua imagem negativa, idealizada com o objetivo de inferiorizá-lo e oprimi-lo.” Para uma pessoa branca que nasce e cresce se reconhecendo em tudo, a ponto de formar sua personalidade tremendamente carregada de soberba e crença de realmente merece estar sempre no centro de tudo, é muito natural e espontâneo rejeitar tudo que não é espelho. E, para criança negra é muito difícil ver que sua negritude não é tão contemplada na sociedade, como merece ser.

Como principais resultados dessa pesquisa, observou-se que tanto as crianças negras, como as brancas apresentaram uma preferência para o branqueamento. Quando diante da seleção de valores às crianças brancas foram as que mais se demonstraram satisfeitas com a sua pertença. Porém, crianças negras e brancas não se identificaram com as pessoas negras.

Mas pessoas brancas têm a vantagem do privilégio social, blindando suas vidas de problemas que somente a cara e a pele negra definem. Porém, sem perder a memória, sem deixar

¹⁹Bento (2002) salienta que o embranquecimento é analisado comumente como um problema da população negra, em temas como ascensão social, casamentos inter-raciais ou até alterações corporais, estéticas. Entretanto, pode-se pensar que existe um desejo de “europeização” da elite branca, aspirando aproximar-se do europeu ou norte americano, o que consiste em uma busca por embranquecimento, e isso revela que não apenas as pessoas negras sentem-se desconfortáveis com sua condição racial.

de revisitar as tradições de seus ancestrais, esse povo soube se manter vivo, com força busca ressignificar sua história, todo seu legado cultural e de sobrevivência que hoje vem sendo recuperado e rememorado, conquistando, cada vez mais, a verdadeira história desse povo que é base da sociedade brasileira.

As reflexões aqui apresentadas exemplificam algumas das dificuldades enfrentadas pelas crianças dos grupos minoritários na construção de sua identidade, decorrentes do racismo, do preconceito ou discriminação raciais. Os valores nos apontaram a predominância da ideologia de valorização social da brancura da pele, dada pela forma generalizada como se tem apresentado e difundido socialmente.

O Ministério da Educação tem uma linha de construção do processo democrático de acesso à Educação com garantia de oportunidades para todos, mas sabe-se que diante dos chamados direitos há as falhas de deveres e o pertencimento étnico racial tem peso muito alto, haja vista, que para os negros a interdição sempre foi uma praxe.

A escola deverá traduzir essas construções a luz da perspectiva de que:

Considerando a Escola como o espaço no qual estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias são desconstruídas. Ela reúne instrumentos pedagógico que viabilizam esse propósito a partir da reflexão dos profissionais que a compõem. Docentes e técnicos podem “pôr abaixo” grande parte dos entraves interpostos às populações afrodescendentes que as impedem de viver plenamente a cidadania. A apresentação positiva da História e da cultura dessas populações é uma das estratégias a serem colocadas em prática de modo efetivo e consecutivo. Rocha (2008, p. 58)

Saber que é difícil, mas nunca impossível, construir subsídio de peso para que a escola possa desencadear um processo de superação do racismo. Por isso é que nos programamos a procurar meios de realizar essa pesquisa como um recurso de demonstração da presença do Racismo através da pesquisa-ação, com o intento de colaborar através da conscientização no combate ao racismo, a discriminação e ao preconceito.

Assim, de imediato se faz, a necessidade de ações pedagógicas mais bem estruturadas na dinâmica escolar com o intuito de proporcionar o reconhecimento da existência, da necessidade de valorização e do respeito ao afrodescendente e a sua cultura dentro da escola permitindo a interação de todos os envolvidos no contexto escolar para a desconstrução do racismo, preconceito e discriminação. As crianças merecem!

8. UMA NOVA ANÁLISE

Durante o ano de 2019, trabalhei o Projeto Ensinar e Aprender sem Preconceito Racial: XÔ RACISMO! e o projeto Conhecendo a África, citados no texto da pesquisa na escola. O primeiro projeto é mais focado na cultura afro-brasileira, em poemas, vídeos, músicas, e várias situações que oportunizam o diálogo com a temática do Racismo contra as pessoas negras, desenvolvido no 1º semestre. E o segundo projeto, estudamos a África dialogando com o 1º projeto, sendo realizado no 2º semestre, tendo a culminância no final do ano letivo com apresentações dos trabalhos realizados, feira de alimentação, desenhos, trabalhos de pesquisas, produção de textos etc.

Culminância do Projeto de Cultura Afro brasileira



Figura 34: Atividade para confecção de uma Capulana, um tecido carregado de história.



Figura 35: Slogan dos projetos realizados na turma pesquisada/2019.



Figura 36: Apresentação de Capoeira, movimentos aprendidos na internet.

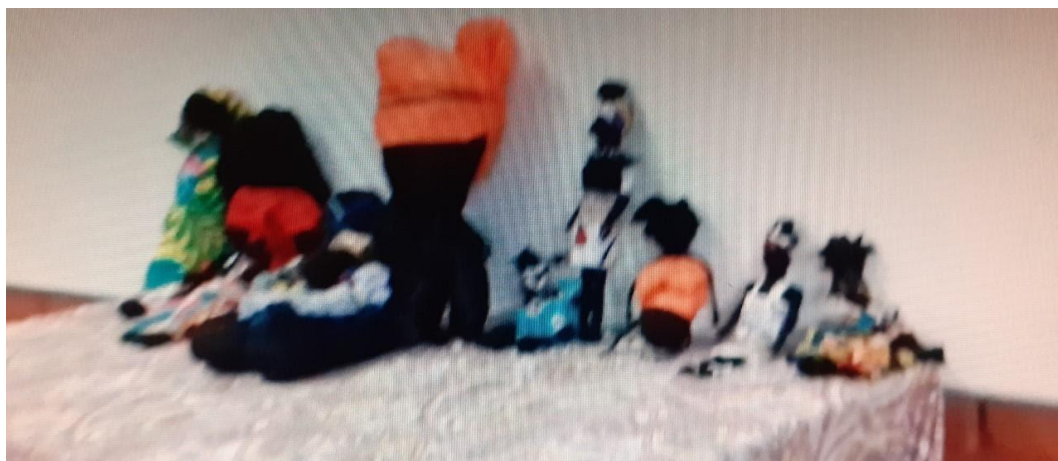


Figura 37: Bonecas Abayomi confeccionadas pelas alunas.(foto recuperada)



Figura 38: Desenho livre.



Figura 39: Mulheres Negras na Sociedade.

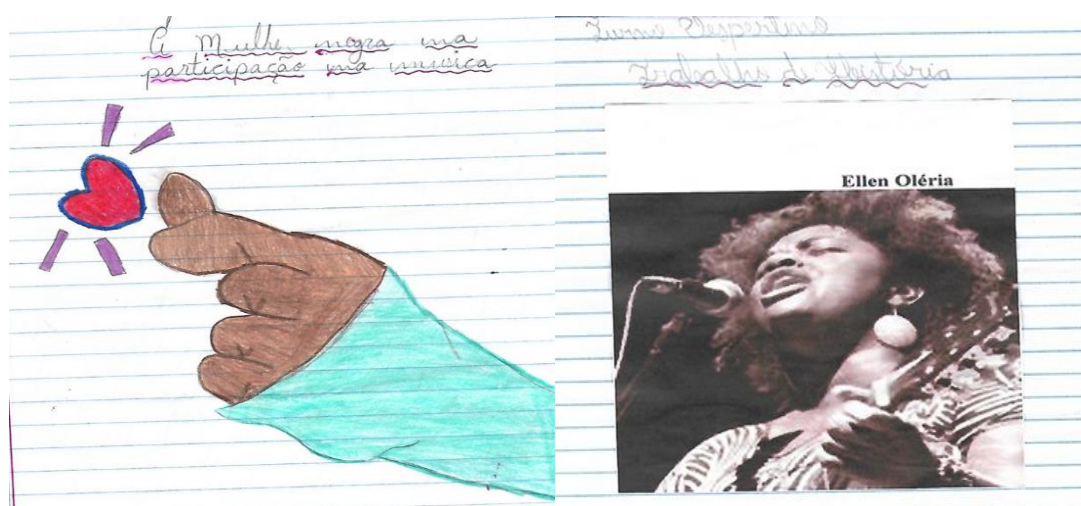


Figura 40: Mulheres Negras na Sociedade.

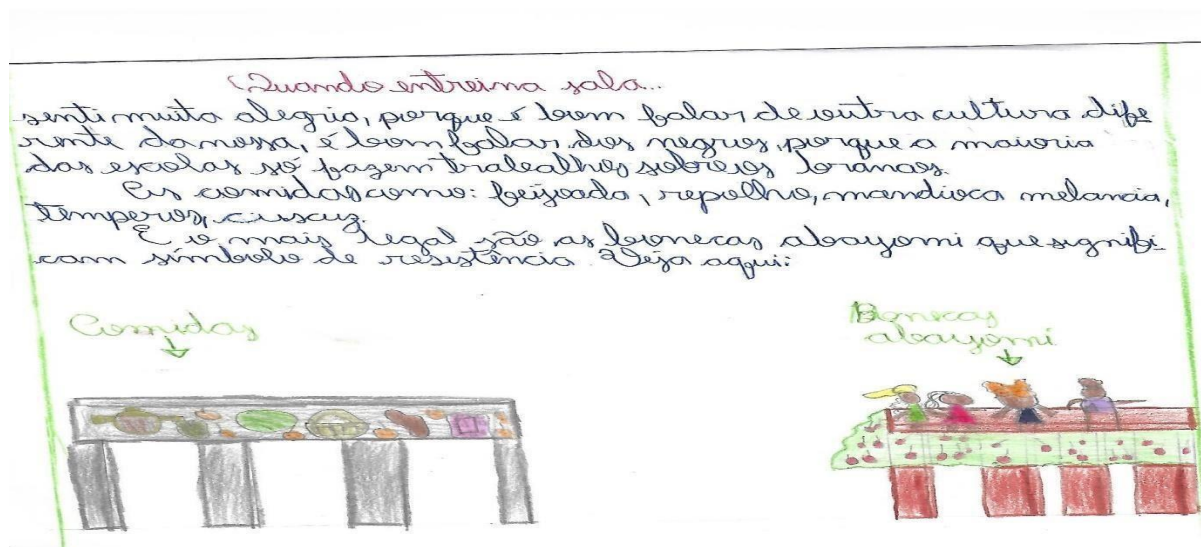


Figura 41: Ilustração e depoimento da Feira de alimentação da cultura Afro brasileira.

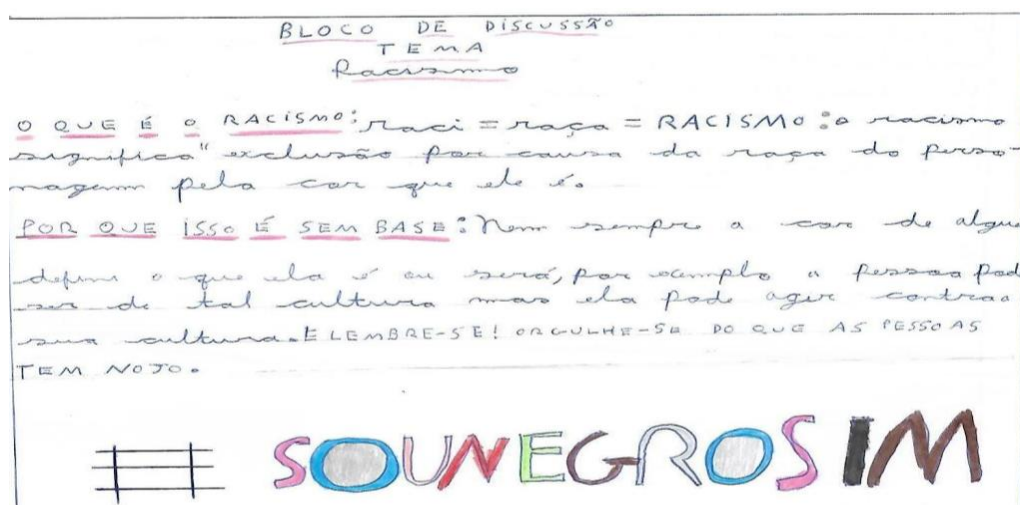


Figura 42: Criando hashtag contra o Racismo.

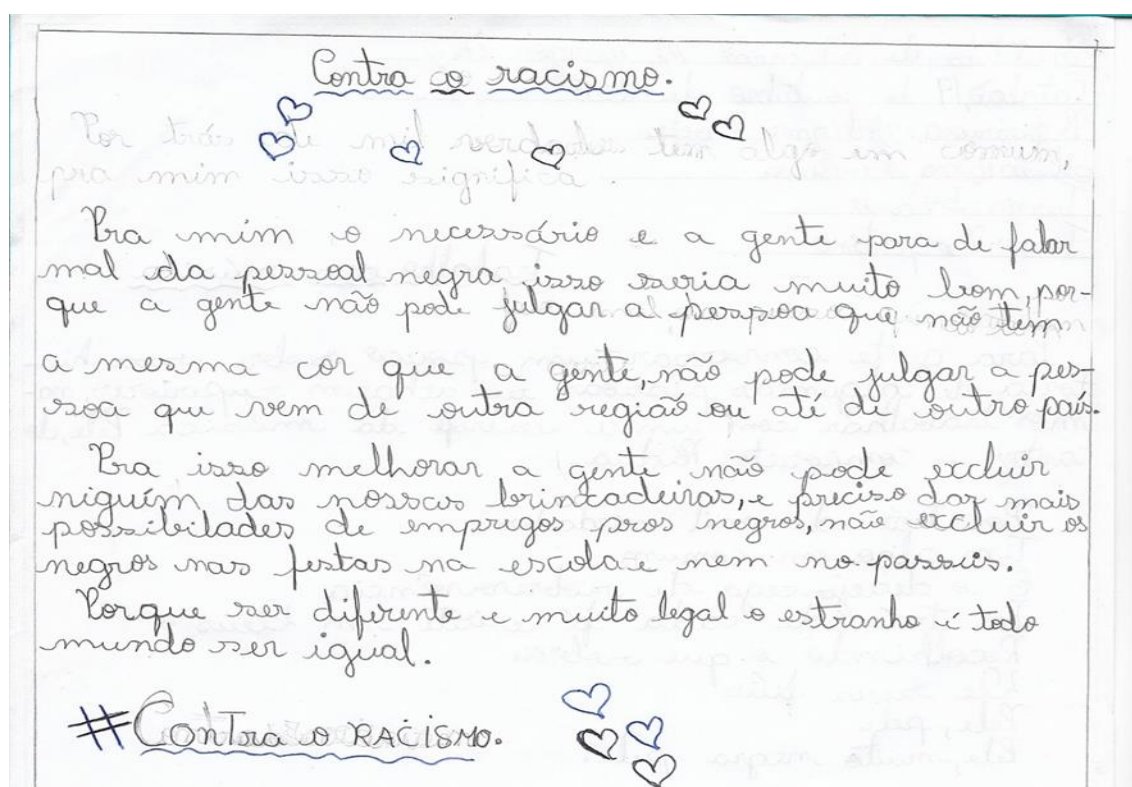


Figura 43: Criando hashtag contra o Racismo.

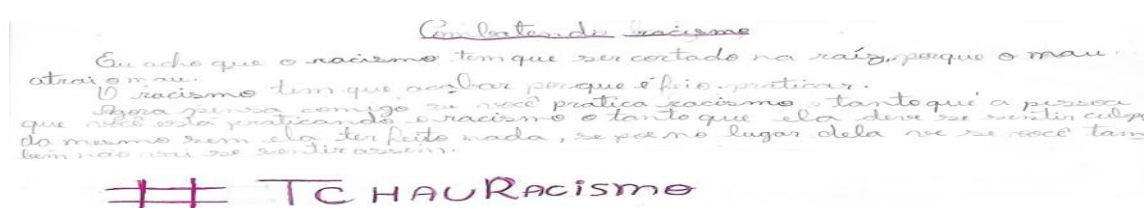


Figura 44: Criando hashtag contra o Racismo.



Figura 45: História em quadrinhos da Cultura Africana.

a. Gente criar uma hipótese para explicar por que a parte da população classificada como preta, formada por descendentes africanos, é a que apresenta o menor número de alfabetizados.

R= Porque as pessoas negras sofrem muito preconceito, e muitas pessoas desistem de estudar. Como na minha antiga escola eu sofria bullying por eu ser descendente de negro e índio, até a própria professora me maltratava mais eu consegui superar isso e hoje eu estou bem.

Figura 46: Análise de gráficos, situação escolar./Dados IBGE

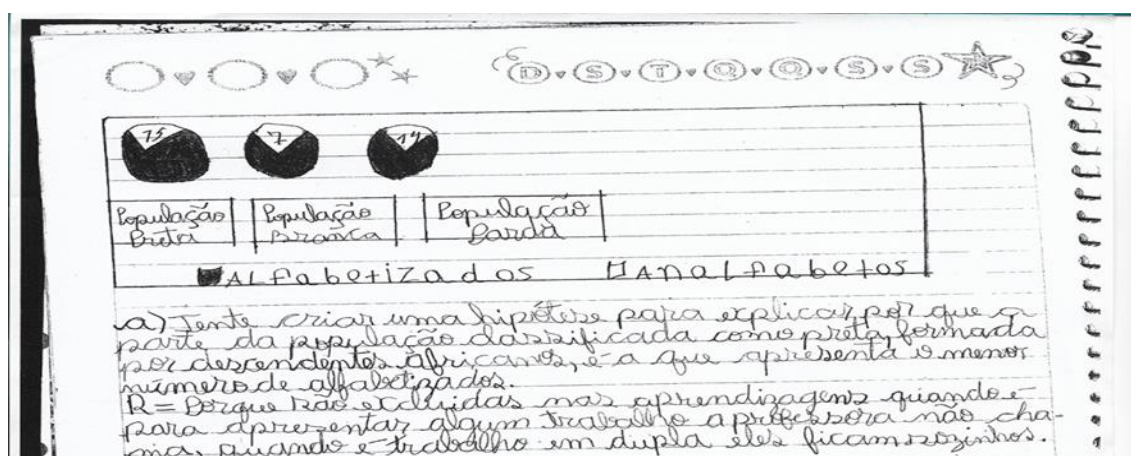


Figura 47: Análise de gráficos, situação escolar./Dados IBGE

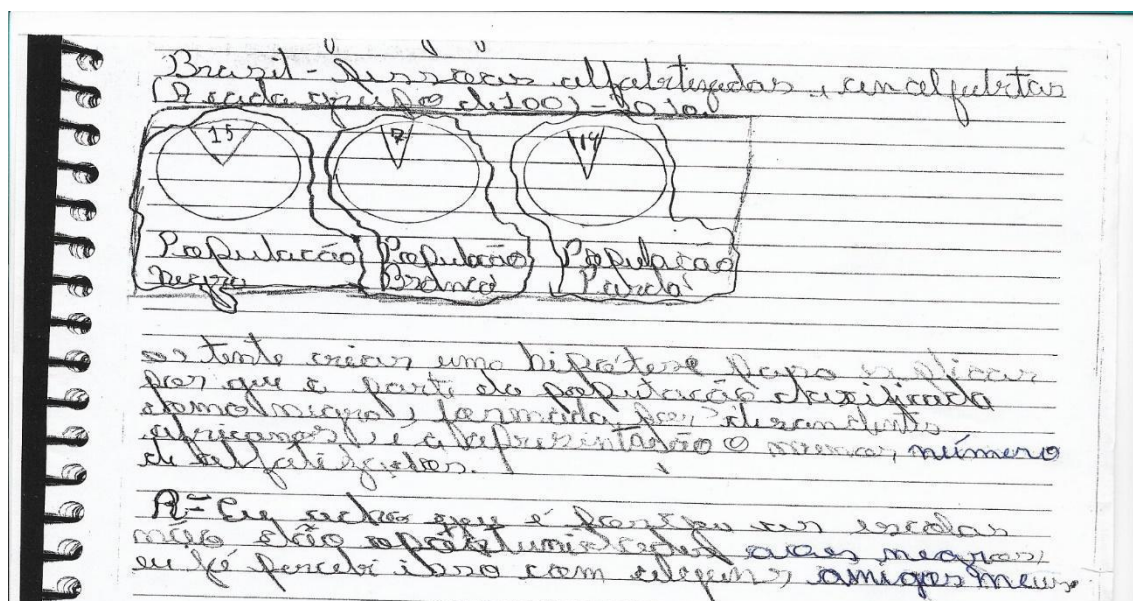


Figura 48: Análise de gráficos, situação escolar./Dados IBGE

Quando desenvolvo os projetos com a temática do Racismo na escola, é perceptível que com o tempo, acontece uma quebra de barreiras das crianças para se falar, se expor, escrever sobre o assunto. E, no percurso de propostas educativas as crianças nos abastecem de situações e dados de como o Racismo se configura entre os muros da escola. Nas produções das crianças podemos ver a predominância das palavras escola, amigos e professores como atores participativos em relação a situações de preconceito racial. E isso, parte de depoimento das crianças, é real, é verídico, é perceptível e a escola precisa ouvir suas crianças, recorro a Paulo Freire “Lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.”

As falas das crianças nas atividades, nos desenha muito bem que dentro da instituição escolar o Racismo é presente, prioriza os valores eurocêntricos e reforçam os estereótipos que fere com a alma da criança negra. Cabe aqui uma ressalva, conforme Almeida (2018), é oportuno dizer que racismo, preconceito e discriminação são distintos apesar de dialogarem um com o outro. Se o primeiro é um fenômeno sistêmico, o segundo externaliza-se como um julgamento prévio, enquanto que a discriminação é um tratamento diferenciado.

As instituições somente são racistas, porque a sociedade é. A partir do momento em que a escola se faz em um local de representação das pessoas brancas, dando-lhes privilégios e mais oportunidades de prosperar, ela é Racista, sim!

Que impacto isso pode gerar na vida das crianças negras? Desestimulados a estudar terão baixo rendimento de aprendizagem e, isso tendem a levá-los a reprovação e/ou evasão escolar, mesmo nos anos finais da 1ª Fase do Ensino Fundamental eles já sinalizam que não vão dar sequência aos estudos. Questões, estas, que foram elencadas no início dessa dissertação.

As discussões, aqui apresentadas, sinalizam que é necessário a escola considerar as questões étnico-raciais, discutir racismo, pois, a todo tempo acontecem situações racistas na escola. A pesquisa nos revela que padrões brancos são fortes na vida das crianças e, conseqüentemente, tem a presença de falta de representatividade e de orgulho da identidade negra. As escolas e a sociedade precisam valorizar a cultura e a beleza negra em seu processo de ensino e aprendizagem.

O ato educativo pela sua própria natureza constitui-se numa experiência de formação não só para os alunos, mas também para quem ensina. “Quem forma, se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p. 25).

Para não ficar, somente nas produções das crianças, não menosprezando o valor que os mesmos tem, pensei em criar uma relação com as cartas do jogo. Me interessei em saber como as crianças iriam atribuir valores às pessoas negras, durante a dinâmica de desenvolvimento de atividades escolares que estava retratando a temática.

Assim, no mês de agosto, elaborei mais cartinhas para agregar ao baralho. Meu intuito é saber se práticas pedagógicas, tem o poder de interferir num tema tão melindroso com as crianças que é o Racismo contra as pessoas negras.

As imagens utilizadas nas cartinhas, abaixo selecionadas, são de livre acesso no google, e algumas compõem o baralho inicial com 84 cartas. Iremos incluir, então, mais 30 cartas, cada criança ficou com uma cartinha para atribuir valores. Assim, finalizamos o jogo com 114 cartas, o que forma 04 baralhos de 28 cartas.

Figura 49: Cartas para o Jogo aplicadas ao final do mês de agosto/2019- 30 figuras.



	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: _____
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 70%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 10%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 70%
	BELEZA: 100%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 10%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 30%
	BELEZA: 60%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 0%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 50%
	BELEZA: 75%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 0%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 80%
	BELEZA: 70%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 0%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 10%
	BELEZA: 60%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 0%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 25%
	BELEZA: 100%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 65%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 60%
	BELEZA: 50%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 60%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 100%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 60%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 95%
	BELEZA: 95%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 65%

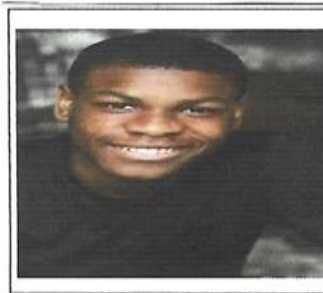
	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 30%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 50%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: Não
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 75%
	GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 60%

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: _____
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 40%
	SIMPATIA: 100%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 100%	

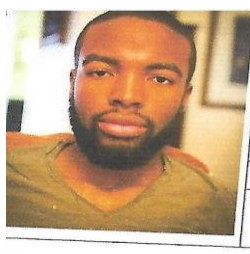
	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 100%
	SIMPATIA: 75%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 100%	

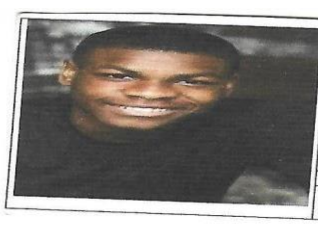
	NOME: —
	HABILIDADE: —
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 60%
	BELEZA: 80%
	SIMPATIA: 100%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 0%	

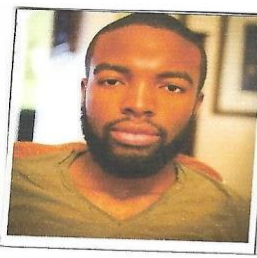
	NOME: —
	HABILIDADE: —
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 90%
	BELEZA: 75%
	SIMPATIA: 90%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 100%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 75%
	BELEZA: 60%
	SIMPATIA: 10%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 60%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 100%
	BELEZA: 100%
	SIMPATIA: 100%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 75%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 80%
	BELEZA: 80%
	SIMPATIA: 70%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 50%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 75%
	BELEZA: 60%
	SIMPATIA: 75%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 50%	

	NOME: —
	HABILIDADE: —
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 30%
	BELEZA: 40%
	SIMPATIA: 30%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 30%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 70%
	BELEZA: 60%
	SIMPATIA: 70%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 50%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 75%
	BELEZA: 100%
	SIMPATIA: 60%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 40%	

	NOME: _____
	HABILIDADE: _____
	VOCÊ CONHECE: não
	INTELIGÊNCIA: 65%
	BELEZA: 70%
	SIMPATIA: 55%
GRAU DE IDENTIFICAÇÃO: 35%	

No dia da aplicação do jogo, coincidentemente, como na primeira pesquisa haviam 30 alunos frequentes, distribui uma ficha para cada aluno. Me interessa saber como as crianças vão

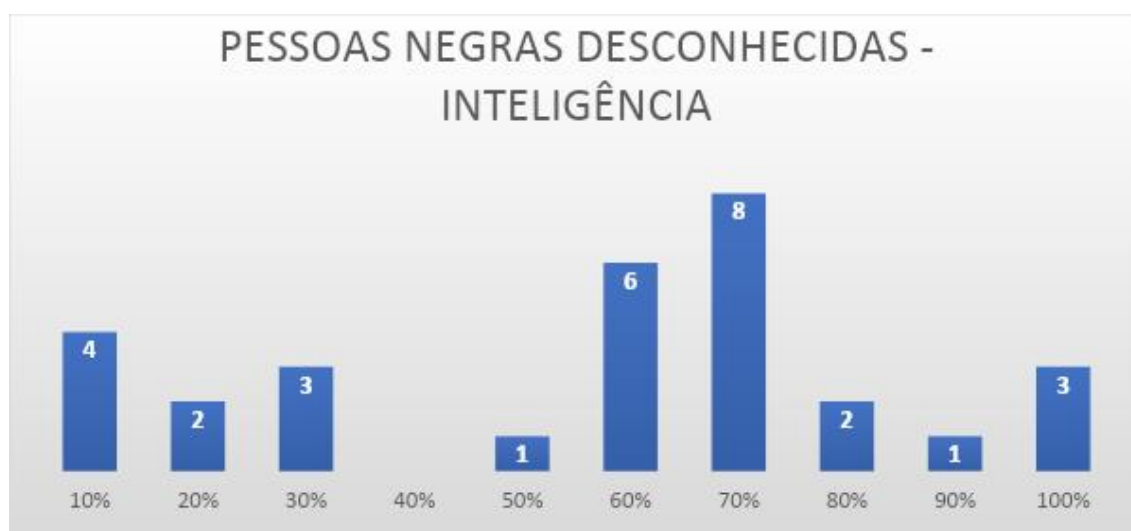
se posicionar diante das imagens de pessoas negras e quais valores serão atribuídos. Não foi necessário, fazer a pesquisa para formação de listas. Utilizei o critério de pessoas não conhecidas para que não houvesse nenhum tipo de interferência nas análises das crianças, como: Eu conheço ele/ela e gosto dele/dela.

Como podemos observar, trabalhamos o mesmo número de cartas de pessoas negras selecionadas pelas crianças. Porém, não com as mesmas crianças, pois, há uma rotatividade, mesmo que pequena de transferências de alunos.

Assim, temos:

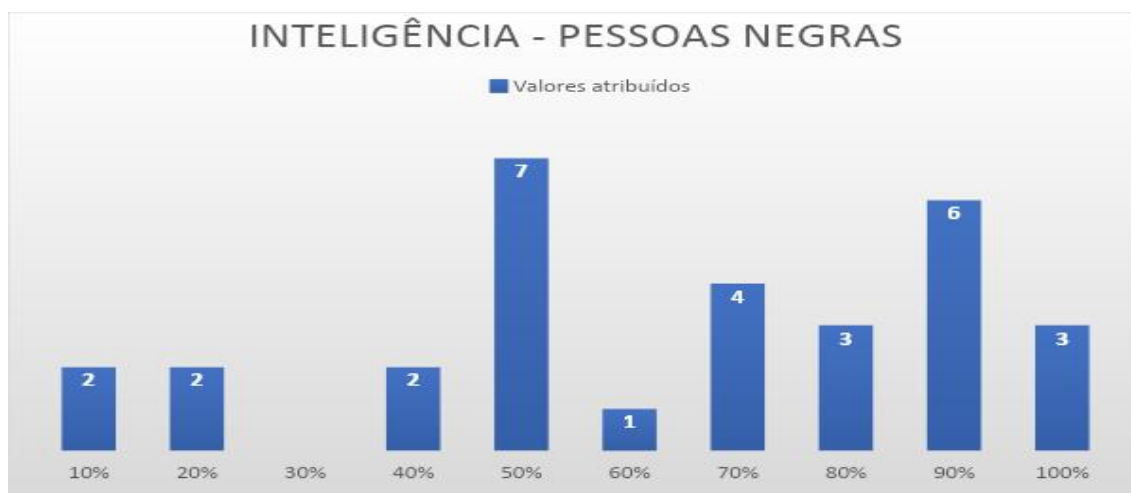
Mês de Agosto

Gráfico 18: Análise comparativa de valores de INTELIGÊNCIA.



Mês de Fevereiro

Gráficos 19: valores de INTELIGÊNCIA.



Analisamos que no quesito inteligência, houve um crescimento nos níveis de valores mais altos. Tomo como referência de 0 a 50% - baixo valor e, 60% a 100% - valor alto. Então, aqui trabalhar com projetos que enfatize a temática já surtiu efeito positivo.

No mês de fevereiro, partindo das fichas selecionadas pelas crianças, tínhamos 13 pessoas em níveis de 50% e abaixo. No mês de agosto isso cai para 10 pessoas desconhecidas. De 60% a 100% havia 17 pessoas negras nos valores mais altos, já em agosto temos 20 pessoas. O aumento de valores é considerado muito significativo, pois, quando inserimos pessoas desconhecidas os valores subiram e, temos dois projetos da temática sendo trabalhados em sala de aula.

Demonstra, também, que as crianças já atribuem um olhar com análises menos estereotipadas em relação às pessoas negras. Outro fator que reforça essa dedução é a de que as características fenotípicas das pessoas negras selecionadas, são bem mais expressivas do que algumas sugeridas pelas crianças, que inclusive, já passaram por plásticas ou vários procedimentos estéticos.

Vamos analisar de forma comparativa os valores em relação a Beleza:

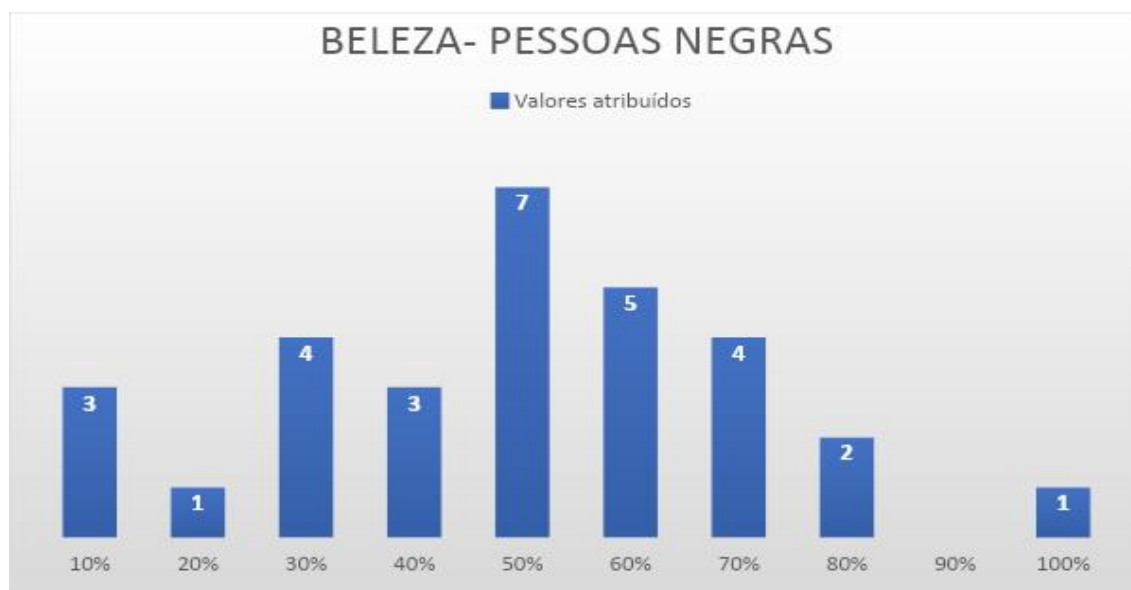
Mês de Agosto

Gráficos 20: Análise comparativa de valores de BELEZA.



Mês de Fevereiro

Gráficos 21: valores de BELEZA.



Importante ressaltar que todas as crianças que preencheram as fichas no mês de agosto, participaram do projeto. Aqui, já me sinto mais leve! Aqui tudo que foi dito pelos referenciais teóricos, e por mim se concretiza. Sim! A prática pedagógica, a escola têm influência determinante na formação da criança. Do início do ano, após desenvolver um projeto sobre o Racismo, realizar vários diálogos e pesquisas com as crianças, vejam como os valores de reconhecimento da beleza dos povos negros cresceram! De 10 % a 50% tínhamos 17 pessoas, isso caiu para 05 no mês de agosto. Ocupavam a parte mais alta do gráfico 12 pessoas negras, isso subiu para 25. É o dobro! Estamos no caminho do combate ao racismo!

Vamos aos valores de Simpatia:

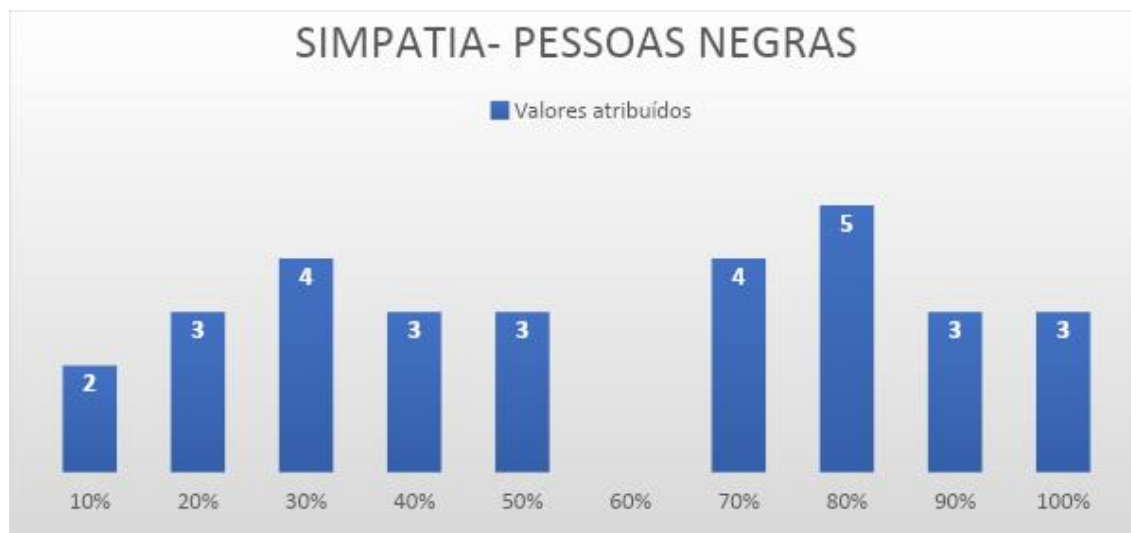
Mês de Agosto

Gráficos 22: Análise comparativa de valores de SIMPATIA.



Mês de Fevereiro

Gráficos 23: valores de SIMPATIA.



Novamente através da comparação dos gráficos podemos observar que se mantém uma evolução nos valores. Assim, podemos considerar que trazer a temática do racismo, frequentemente, na sala de aula conscientiza às crianças em relação a valores e reconhecimento das diferenças. Em fevereiro havia 16 pessoas negras de 60% a 100% em agosto esse número subiu para 19. Aumentou o valor mais baixo de 10% em agosto, mas como já havia comentado em outra análise, é difícil para criança atribuir valor de simpatia com pessoa que não conhece. Mas, os dados demonstra que quanto mais conhecimento, mais empatia!

Vamos a análise comparativa do último gráfico que é o Grau de Identificação:

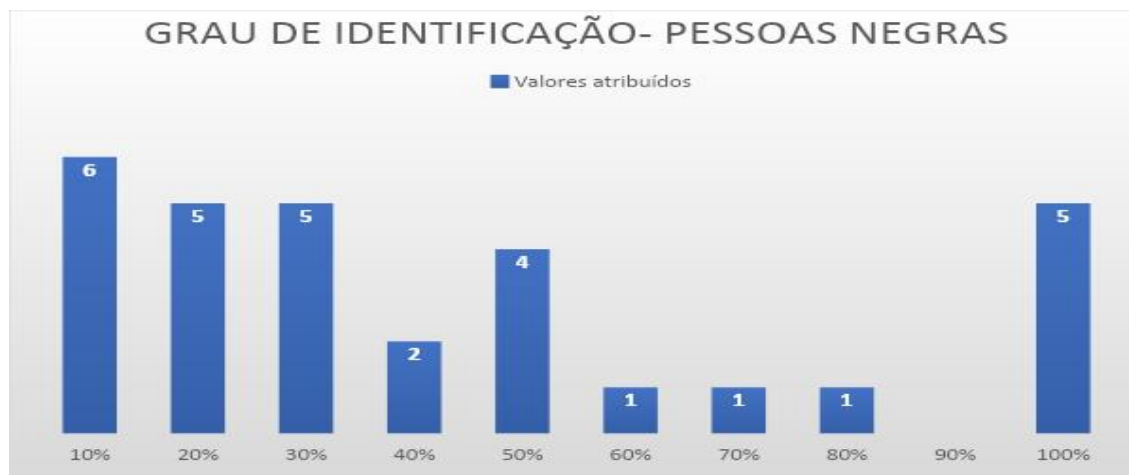
Mês de Agosto

Gráficos 24: Análise comparativa de valores de GRAU DE IDENTIFICAÇÃO.



Mês de Fevereiro

Gráficos 25: valores de GRAU DE IDENTIFICAÇÃO



Esse gráfico houve muita oscilação. Foi a única análise em que as crianças atribuíram 0% durante toda pesquisa. Mas, tivemos um aumento nos valores de 60% a 100%, de 08 pessoas passou para 11 pessoas. As crianças convivem, desde muito cedo, com os mecanismos de reprodução ideológico, em que o ideal é um corpo branco, e reproduzem isso para serem socialmente aceitas. É difícil para criança assumir, tão precocemente, a identificação com os corpos negros²⁰, com os corpos pretos. Pois, temem a rejeição, temem não ser aceito socialmente. A escola tem um importante papel a desempenhar, por que ela reproduz as normas dominantes, então é necessário, que desde o início da escolarização as crianças tenham acesso a um ensino engajado com a efetivação das lutas antirracistas.

Será que o viés inconsciente citado no início desta dissertação, apareceu aqui? A boa notícia isso têm cura e, o trabalho escolar é fundamental, pois, o Racismo existe. Não é porque ele não é manifestado que ele não está ali, em algum lugar do inconsciente.

A análise dos gráficos nos demonstra que o Racismo, está na cabecinha das crianças, ainda, mesmo que subentendido. Ainda é muito presente a ideia de que crianças não são racistas,

²⁰ O indivíduo, necessariamente, tem que vivificar seu corpo como fonte de vida e prazer para que possa construir uma identidade centrada em valores positivos, experimentando, assim, harmonia em sua estrutura psíquica. O expurgo da cor, por parte do indivíduo negro, portanto, se dá em uma dimensão muito mais nociva de auto rejeição quando atinge a esfera do corpo. O sujeito que não consegue oferecer absolvição ao próprio corpo pelos sofrimentos que este lhe impõe começa a ter no corpo um perseguidor implacável que traz uma gama de sentimentos relacionados à dor e à morte. Tal processo começa a se desenvolver desde a mais tenra idade. A criança assimila, em seu mundo simbólico, valores, crenças e padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais. Tais relações favorecem, segundo Goffman (1988), a formação de um grupo que ele denomina de desacreditados, aquele formado por pessoas possuidoras de características explícitas potencialmente desqualificadoras, no nosso caso, com as características fenotípicas negras. Em decorrência, a criança passa a conviver em uma sociedade para ela aversiva e excludente, e torna-se mais um indivíduo a legitimar a visão negativa das características de matrizes africanas. Artigo Ricardo Franklin Ferreira Psicologia: Ciência e Profissão, Scielo, Brasília, 2011.

que reproduzem atitudes dos adultos sem ter noção do que fazem, assim, são incapazes por si só de ter atos racistas e discriminatórios conscientemente. Problemático: Por que, então, as crianças, com muita frequência utiliza palavras ou atos racistas quando está em conflito com outra criança?

A criança sabe, sim, aplicar a ofensa racista. Nem sempre as crianças frequentam o espaço que lhes foi naturalizado de pureza e inocência. As crianças aprendem a ser racistas. Assim, Nelson Mandela já nos dizia, em 1993, “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

A escola tem uma importante função a desempenhar nessa caminhada de combate ao Racismo. Não tem como dissociar escola e combate ao Racismo. Assim, a escola, os educadores necessitam realizar uma análise ampla dos currículos e, se as questões étnico raciais não estiverem ali, inserir mesmo que de forma interdisciplinar ou através de projetos. E, assim, aplicar a Lei 10.639/2003 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Utilizar a estratégia e um objeto da pesquisa-ação, como aplicada nessa pesquisa é, comprovadamente, uma forma prática de encontrar o problema e agir sobre ele. Às vezes, o Racismo está onde menos esperamos, essa pesquisa demonstrou que está no pensamento, conseqüentemente, hora ou outra, será externado.

9. A APLICAÇÃO DO JOGO

O objetivo deste trabalho foi o de utilizar o Jogo de Cartas Trunfo para obter dados que nos revelariam se as crianças são Racistas. Todo o processo e resultados foram expressos e de muita importância para pensarmos a conjuntura escolar atrelada às questões reais da existência do Racismo no imaginário das crianças.

Em sala de aula e apresentei todas as regras para as crianças. Dividi em grupos e a atividade foi realizada.

JOGO DE CARTAS TRUNFO:	
NÚMERO DE CARTAS DO BARALHO:	28 Cartas
REGRAS	Participantes: 2 ou mais Idade: a partir de 7 anos
OBJETIVO: Como vencer?	Ficar com todas as cartas do baralho.
PREPARAÇÃO:	As cartas são distribuídas em número igual para cada um dos jogadores. Cada jogador forma seu monte e só vê a primeira carta da pilha. Os jogadores escolhem quem irá começar, por exemplo: zerinho ou um; par ou ímpar etc. As cartas possuem informações sobre pessoas como: Habilidade; Você conhece; Inteligência; Beleza; Simpatia; Destaque; Grau de identificação; Nível de confiabilidade;
COMO JOGAR:	Se você é o primeiro a jogar, escolha, entre as informações contidas em sua primeira carta, aquela que você julga ter o valor capaz de superar o valor da mesma informação que se encontra na carta que seus adversários têm em mãos. Por exemplo: você escolhe a informação INTELIGÊNCIA, menciona-a em voz alta e coloca a carta na mesa. Imediatamente todos os outros jogadores abaixam a primeira carta de suas pilhas e conferem o valor da informação. Quem tiver o valor mais alto ganha as cartas da mesa e as coloca embaixo de sua pilha. O próximo jogador será o que venceu a rodada. Assim prossegue o jogo até que um dos participantes fiquem com todas as cartas do baralho, vencendo a partida. Se dois ou mais jogadores abaixam cartas com o mesmo valor máximo, os demais participantes deixam suas cartas na mesa e a vitória é decidida entre os que empataram. O critério de desempate deve ser decidido no início do jogo entre todos participantes, entre tirar par ou ímpar o ganhador fica com as cartas; ou quem ganhar no par ou ímpar escolhe outra habilidade da carta que já está na mesa.

Tabela 12: Regras do Jogo de Cartas Trunfo.

Foi um momento ímpar em minha vida, as crianças se sentiram protagonistas, “donas” do jogo. Só queriam jogar e, os valores que estavam nas fichas em nenhum momento foi assunto nos grupos. Achei muito importante que assim fosse, pois não analisaram valores e imagem menosprezando ou exaltando esses dados. Foi de uma leveza e de simplicidade fenomenal. Jogar bastava!

Figuras 50: Imagens de crianças praticando o Jogo de Cartas Trunfo na escola.



Assim, criamos expectativas e consolidamos como fato que, o jogo é um ótimo aliado na contribuição como recurso pedagógico para as mais diversas temáticas. Em um jogo, mesmo que cada criança tenha suas diferenças, a partir de então começa-se a entender outros significados, como a construção do agir, do pensar, do criar, e isso só é possível com a interação de outras pessoas, aprender a viver em sociedade surgem também os conflitos de ideias.

Brotto (2001) caracteriza os jogos como um fenômeno antropológico e social, por refletirem em cada sociedade, os costumes e a história das diferenças culturais bem como as influências do contexto onde diferentes grupos de crianças brincam.

Durante o jogo algumas crianças disseram: “Que jogo massa!”; “Tia vamos criar outros jogos?”; “Tia você vai deixar o jogo aqui para a gente brincar mais?” Esse trabalho nos mostra que é consensual a ideia de que não existe um caminho que possa ser identificado como único e melhor para o ensino aprendizagem de qualquer disciplina. Utilizar as temáticas do Racismo com jogos é um passo para efetivação de ações pedagógicas que contemplem essas abordagens.

Penso que, o trabalho em sala de aula com as temáticas das africanidade advém de implementação de políticas da rede de ensino, mas em sala de aula abrange uma complexidade

de situações, mas é também uma escolha do educador que versa pela decisão e aceitação para desenvolver uma prática, realmente, voltada em atender a diversidade para educação antirracista.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de Mestrado procurou discutir aspectos imprescindíveis para identificação e combate do Racismo na 1ª Fase do Ensino Fundamental. Neste contexto busquei trazer uma discussão baseada na problemática de como as crianças estão se desenvolvendo sob a naturalização do racismo, que está presente, na dinâmica escolar. Lançamos mão da metodologia da pesquisa-ação, tendo como recurso o Jogo de Cartas Trunfo para que fosse realizada a dinâmica de reflexões e deduções.

Almejando elencar aspectos importantes que me levaram a interpretar, como pesquisadora, a dinâmica das referências de como a escola pode estar alinhada ou não, com a luta contra o racismo, sendo ela um espaço, muitas vezes, marcado por opressão em relação às pessoas negras.

Na pesquisa realizada na escola, observamos que na 1ª Fase do Ensino Fundamental, as ações voltadas para temática do Racismo são apenas os projetos que desenvolvo hora quando estou modulada no 4º ano, ora no 5º ano, desde 2014, salvo 2017 que atuei na Coordenação Pedagógica. Quanto a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o Ensino de História e da Cultura Afro-brasileira nos currículos, também, não são citadas no seguimento analisado. A nova BNCC rege a partir de 2020, então, esta pesquisa, ainda está fundamentada no currículo vigente de 2012. A nova BNCC traz um diálogo um pouco mais amplo em relação à diversidade, já a de 2012 esse diálogo é quase inexistente. Implantar uma pedagogia antirracista na 1ª Fase do Ensino Fundamental, ainda, parte, muito do interesse e da empatia do professor com a causa.

O Jogo de Cartas Trunfo, foi de extrema importância no processo de criação dessa pesquisa, mas, também, tornou o processo de análises extremamente, inovadora e complexa. As reflexões sobre a presença do Racismo no imaginário das crianças se fez através de dados revelados pelas próprias crianças. Tê-las como protagonistas, pois, os valores foram atribuídos pelas crianças nas cartinhas, trouxe questões simbólicas que nos fez perceber a dificuldade que as crianças tem em externar representações positivas em relação ao fenótipo negro.

A escola é um espaço integrador através de suas relações sociais, mas ela também, exclui. Nesta pesquisa, através dos valores que as crianças do 4º ano atribuíram nas cartinhas de Jogo Trunfo, logo no início do ano letivo de 2019, observamos que elas apresentam valores baixos

com às pessoas negras em relação às pessoas brancas. E, conseqüentemente, penso que, não é só no imaginário, mas essa questão está presente na forma como currículo é apresentado, no lugar de fala da criança negra na escola, nas relações entre as próprias crianças, nas relações entre as crianças negras e os professores.

Porém, já no mês de agosto, quando dois projetos referentes à temática já estavam sendo desenvolvidos na rotina escolar da turma, observamos alguma mudança de postura e, já ampliaram o reconhecimento em relação às pessoas negras, com mais empatia, com melhores valores. Isso foi analisado a partir, de uma nova aplicação de cartas, agora só com pessoas negras e desconhecidas.

Nesse sentido, as análises mostraram que trabalhar um recurso de pesquisa-ação sem implementar ações pedagógicas que tenham impacto nas questões de riscos ou negativas que se apresentaram, de nada adianta, É necessário, como o próprio nome nos diz fazer a PESQUISA e efetivar AÇÕES. Pois, o conhecimento traz consigo o empoderamento e, conseqüentemente, a apropriação de ser um sujeito de direitos.

Assim, constatei, que de acordo com os dados obtidos, as escolas necessitam promover projetos de trabalho tendo como pauta O Racismo na 1ª Fase do Ensino Fundamental. Pois a existência do Racismo, ainda é muito negada e pautada pelo mito da democracia racial, porém, as crianças nos mostraram que seus pensamentos estão confusos em relação às pessoas negras, movidas por rejeição devido a padrões sociais difundidos na sociedade, que inferiorizam as pessoas negras.

Trago essa reflexão, pois, penso a escola se transformando em um lugar onde os alunos aprendam a reconhecer a beleza do corpo negro, sua história, sua cultura, suas crenças, sua importância na formação de nossa sociedade. Por uma educação antirracista, pois, busco também, nessa sociedade brasileira marcada pelo branqueamento, alimentar a autoestima da criança negra fortalecê-la na luta de resistência contra essa sociedade Racista e preconceituosa. A escola tem uma importante influência nesse processo de formação e conscientização. É chegada a hora, mesmo que tardio, da escola de Ensino da 1ª Fase deixar de limitar as questões dos negros ao escravismo, à abolição da escravatura, ao 20 de novembro.

A pesquisa nos aponta que as crianças vivem e convivem com práticas discriminatórias na escola. A forma como as crianças falam nos mostra que o Racismo na escola fere seus direitos, provoca danos no desenvolvimento das vítimas, e claro, também, na formação dos discriminadores. Fato é, que essas “leituras” devem ser exploradas pelos educadores, sugiro que seja da forma como foi tratada aqui, com dados de pesquisas para orientar nas efetivação de ações pontuais a serem implantadas.

Fato é, também que o Racismo exercido nas escolas, ainda, não é denunciado como deveria ser. Pois, as vítimas principalmente as crianças, ainda, se encontram numa situação de silenciamento, existe todo um discurso na escola de democracia racial, e que Racismo é irreal.

A escola, ainda, está pautada no discurso das relações amistosas amparado pela fala de que os negros e brancos não vivem em desigualdades de oportunidades, está pautado na perspectiva de que isso é passado, é passado na História Escravista, não na História Contemporânea. Falsa ideia! Mas, isso tende a mudar, à medida que a sociedade está manifestando publicamente, assim vai chegar, também com mais força na escola.

Necessário, também se faz trazer a temática do Racismo para discussão das reuniões pedagógicas, como disponibilizar a discussão para o devido conhecimento e implementação da Lei 10.639/2003 nos projetos Pedagógicos da Escola, inserindo-a de forma ampla no fazer pedagógico. Tudo isso com o intuito de promover na escola a conscientização sobre as mazelas que o Racismo produz, desde, a tenra idade.

A Escola que almejo, busca desenvolver a palavra EMPODERAMENTO, por exemplo, fortalecendo as crianças negras para que tenham orgulho de ser quem ela é, através do conhecimento de sua ancestralidade e da potência da cultura negra. Consequentemente, as crianças brancas irão absorver de conhecimentos a respeito dos negros, que certamente, o espaço por onde transitam não lhes ensinam e, consequentemente impactar as ações Racistas através do conhecimento.

Há de se ter o cuidado de não negligenciar os direitos das crianças negras por atitudes passivas dos educadores, que pela falta de evidências imediatas ou visíveis, preferem deixá-las despercebidas. O Racismo causa graves danos à criança negra, pois, ainda, são vistas a partir de estereótipos, principalmente de beleza que é concebida, idealmente, a partir do modelo da criança branca.

Mas as crianças são Racistas? As crianças apresentam um inconsciente Racista? Nesta pesquisa, a resposta é sim. O jogo de Cartas Trunfo se mostrou um poderoso recurso de pesquisa - ação para as análises aqui apresentadas, através de resultados muito distante do senso comum, do achismo, as reflexões foram pautadas em dados, evidências, estatísticas, em teóricos.

Isso é unanimidade, ou seja, todas crianças são Racistas? Em outras escolas as crianças apresentam traços de comportamento ou pensamentos Racistas? Não sei. Pode ser que sim, pode ser que não. Mas, o Jogo de Cartas Trunfo e toda sua dinâmica está à disposição para análise e implementações de ações pedagógicas, em qualquer escola. O que não cabe à escola é alimentar o silenciamento diante de um tema tão urgente. Fato é que a sociedade brasileira é Racista e as

crianças fazem parte dela, são pessoas ativas dentro do sistema pensam, falam ou silenciam, consomem, estudam etc.

Enfim, a pesquisa realizada na Escola Estadual Instituto de Educação Matilde Margon Vaz ofereceu indícios e dados que apontam para necessidade de investir em educação pautada no enfrentamento da desigualdade e da discriminação racial, objetivando a igualdade étnico racial no cotidiano escolar.

Ressalto, também, a importância de efetivar a implementação da Lei 10.639/2003 e suas diretrizes na pauta da promoção de uma educação anti racista, visando direitos iguais no desenvolvimento, principalmente, das crianças negras.

As questões que giram em torno do Racismo não cabe, somente, em datas pré-estabelecidas, de comemorações no calendário escolar. O dia de combate ao Racismo é todo dia e o esclarecimento é o passo mais importante para desconstruí-lo.

É preciso, que nós educadores, trabalhemos para desconstruir o Racismo, pois ele é responsável pelas desigualdades e pela exclusão social dos nossos alunos, precisamos ter esse compromisso com a sociedade, é um compromisso profissional mas, também político, que visa a desconstrução de uma sociedade elitizada branca.

Esta pesquisa não se esgota aqui, pois o material gerado para pesquisa continuará disponível para outras aproximações, interpretações e leituras, não somente para o autor desta dissertação, mas está disponível para outros educadores que se interessarem em desenvolver um trabalho pautado na pesquisa-ação, para desenvolver uma prática contextualizada sobre o Racismo. Afinal, para combater o Racismo, que é uma proposta dessa dissertação, temos que conscientizar que é um trabalho constante que exige dedicação dos educadores.

Espero realmente que a nossa sociedade possa, "enxergar igualdades num mundo de diferenças", para fazermos agora um mundo melhor para cada uma das nossas crianças e adolescentes. Lázaro Ramos; Ator, escritor, diretor, apresentador e embaixador do UNICEF no Brasil.

Estas são, por hora, minhas Considerações...

11. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, S. L. D. **O que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BENTO, M. A. S. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. M. A. S. E Iray CARONE. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis. Ed. Vozes LTDA. 2002.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005/07.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394 de 1996.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1997.
- _____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm>
- _____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004a. <www.mec.gov.br/cne>.
- BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto Cooperação, 2001.
- BRUGGER, W. **Proibição ou proteção do discurso do ódio? Proibição ou proteção do discurso do ódio?**, Porto Alegre, Janeiro 2007. 117-136.
- CARNEIRO, M. L. T. **O racismo na História do Brasil: mito e realidade**. São Paulo: Ática, 1998.
- CARONE, M. A. S. B. / I. **Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAVALLEIRO, E. **Racismo e antirracismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Summus, 2001.
- _____. E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2006.

- _____. **E. Repercussões do Discurso Pedagógico sobre Relações Raciais nos PCNs.** São Paulo: Summus, 2001.
- CERRI, L. F. **Ensino de História e Consciência Histórica.** São Paulo: FGV, 2011.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CUNHA Jr., Henrique. **Metodologia Afrodescendente de Pesquisa. Texto de Trabalho na disciplina de Educação Gênero e Etnia na perspectiva dos Afrodescendentes,** 2006. Disponível em: <http://afrobrasileira.multiply.com/journal>.
- FAZZI, R. D. C. **O drama racial de crianças brasileiras.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FAZZI, R. E. C. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FENELON, D. R. **Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. Projeto História,** São Paulo, p. 73-90, 1994.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre a Alfabetização.** 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001
- FONSECA, Cláudio Luiz Abreu. **As práticas discursivas dos sujeitos da congada e da festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO.** 2000. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves de; FERNANDES, Alessandra Borges (Org.). **Relações étnico-raciais e Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011, 215p.
- FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. **P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. **P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- GOFFMAN, E. **Estigma: Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GOHN, M. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais.** Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, mai./ago. 2004.
- GOMES, N. Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** In: Sem perder a raiz, 2002.
- _____. **Cultura negra e educação.** In: Revista Brasileira de Educação, 2003.
- GUIMARÃES, A. S. **Racismo e Anti Racismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 1999.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Estatísticas de Gênero 2018.** Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em 27 mar. 2018.

IPEA- **POLÍTICAS SOCIAIS – ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE** – Edição especial, nº. 13 (1995-2005) IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2007. Disponível em <www.ipea.gov.br>.

JULIÃO, L. Google. **Justificando**, 31 jul. 2018. Disponível em: <<http://www.justificando.com>>. Acesso em: 02 mar. 2020.

JUSBRASIL. Google. **Justiça Federal**. Disponível em: <www.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2020.

KATTRIB Cairo Mohamad. **Batuques Entrecruzados: A (Re) Inauguração da Vida através da Festa em Louvor a Senhora do Rosário de Catalão-Go** OPSIS - Revista do NIESC, Vol. 4, 2004.

LIMA, Ivan Costa. **Uma Proposta Pedagógica do Movimento Negro no Brasil: pedagogia inter étnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

_____. **Nossas Persistências Históricas: caminhos das pedagogias do Movimento Negro no Brasil.** In: Saeculum – Revista de História, João Pessoa – Paraíba, nº 25, p. 141 – 159, jul./ dez. 2011.

LIMA, Márcia. **Desigualdades raciais e políticas públicas – ações afirmativas no governo Lula. Novos Estudos.** São Paulo, 87, julho 2010.

LIMA, Maria Manuel. **Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem.** Lisboa: Aveiro, 1996.

LOPES, M. C. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. **Exclusão: nas tramas da escola**, p. 11-33, 2007.

LOURO, G. L. **O corpo educado. Pedagogia da Sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARIMBONDO, S. Quilombo Spartacus. **Wordpress**, 29 maio 2017. Disponível em: <<http://>>. Acesso em: 26 maio 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MEC/SECAD. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SECAD.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SECAD.

_____. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico raciais.** Brasília: MEC/Secad, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

_____. K. (1990). **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades.** Revista De Antropologia, 33, 109-117. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1990>.

_____. (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2000.pag 32-33

_____. **A identidade negra no contexto da globalização.** IN: Ethnos Brasil, Ano I – nº 1, março de 2002, pp.11-20. – UNESP.

_____. K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Cadernos PENESB, p. 17-34, 2004.

_____. K. **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: MEC, 2005.

_____. K. (2016). **Desenvolvimento, construção da democracia e da nacionalidade nos países africanos: desafio para o milênio.** Cadernos CERU, 27(2), 45-56. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/125073>

_____. K. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania.** p. 1-13, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-eCidadania.pdf>>. Acessado em 08/04/2020.

_____. K. & N. L. GOMES **O Negro no Brasil de Hoje.** São Paulo: Global, 2006. NEGRÃO, Esmeralda V. **A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 63, p. 86-7, nov. 1987.

NOGUEIRA, Oracy. 1955. **"Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem".** In Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas. Vol. 1. São Paulo: Anhembi. pp. 409-434.

_____. Oracy. **Tanto Preto Quanto Branco: Estudos De Relações Raciais.** São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.1985.

_____.O. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil,** 2007.

- OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). *Gestão Democrática da Educação*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVA, Petronilha B. G. e. **Diversidade étnico-racial e currículos escolares – dilemas e possibilidades**. Cadernos CEDES, Campinas, n. 32, p. 25-34, 1993.
- PINTO, Regina Pahim. **Diferenças étnico-raciais e formação do professor**. Cadernos de Pesquisa, n. 108, p. 199-231, nov. 1999.
- PESAVENTO, S. J. **Escrita, linguagem, objetos**. Bauru: Educ. 2004.
- _____. Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: 2003.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- RODRIGUES, Ana Paula Costa; RATTTS, Alex. **CORPOREIDADE NEGRA E ESPAÇO PÚBLICO EM GOIÁS: a Congada de Catalão**. Espaço em Revista ISSN: 1519-7816 vol. 10 nº 1 jan./dez. 2008 pág. 177
- ROCHA, M. L. Inclusão ou Exclusão: produção de subjetividade nas prática de formação. **Psicologia em Estudo**, p. p. 477-484, 2008.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Discriminações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira**. Tempo Brasileiro, São Paulo, nº 63, 1980, p. 21-39.
- _____. Fúlvia e ROCHA, José Edmar (Org.). **Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos/as**. Cadernos de pesquisa, v.37, n.132, p. 759-799, set./dez. 2007.
- SANTOS, Â. M. D. Vozes e Silêncio no Cotidiano Escolar: as relações sociais entre alunos negros e não negros. **Coleção Educação e Relações Sociais**, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação: análise crítica da política do MEC**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.
- SCHWARCZ, L. K. M. **Retrato em Branco e Negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. Dermeval. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. Psicol. Soc. [online]. 2014, vol.26, n.1, pp.83-94. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>.
- _____. Lia Vainer. **Crianças negras entre a assimilação e a negritude. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2014.
- SCHWARCZ, L. K. MUNANGA. **O espetáculo das raças**. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Africanidades. Como valorizar as raízes afro nas propostas pedagógicas.** Revista do Professor, n. 44, out./dez. 1995

_____. Petronilha Beatriz Gonçalves e, BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. **O Pensamento Negro em Educação no Brasil.** São Carlos/ SP: Editora da UFSCar, 1997

_____. Luiz Alberto O.; SILVA, Petronilha B. G. e. **Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 109-123, jan./jun. 2003.

_____. **Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos.** In: BARBOSA, Lúcia M. de A. (Org.). De preto a afrodescendente; trajetórias da pesquisa sobre relações raciais no Brasil. São Carlos, EDUFSCar, 2003. p. 181- 197.

_____. Petronilha B. G. e; MAIGA, Hassimi; KING, Joyce E.; WEDDERBURN, Carlos, M.; SHUJAA, M. J.; BARBOSA, Lúcia Maria de A; OLIVEIRA, Rachel de. **Ensinar e aprender, na perspectiva de raízes africanas, em contextos multiculturais.** São Carlos: UFSCar, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, 2006. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, IV., Salvador, 2006.

_____. P. B. G. e. (2008). **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Educação, 30(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index>. v. 30 n. 3 (2007).

_____. P. B. G. e. (2015) **Crianças negras entre a assimilação e a negritude.** Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

_____. L. K. MUNANGA. **Lima Barreto: triste visionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, H. J. **Discriminação Racial nas Escolas: entre as leis e as práticas sociais.** Brasília: Edições UNESCO, 2002.

SILVA, T. D. IPEA. **Site do Governo Federal**, 27 jul. 2020. Disponível em: <[HTTP://www.ipea.gov.br/igualdaderacial](http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial)>.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha.** In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

SOUZA, M. L. E. **Empoderamento étnico-racial feminino através da apropriação do cabelo crespo** Geledés, 10 jan. 2014

TRINIDAD, Cristiane. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil.** 2011. 222f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. C. T. **Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil.** In: BENTO, M. A. S. **Educação Infantil, Igualdade Social e Diversidade:** aspectos políticos, jurídicos e conceituais. São Paulo: [s.n.], 2012. p. 119-135.

_____. Cristina Teodoro. **Formação docente para educação infantil: políticas e metodologias para promoção da igualdade racial.**

http://www.controlesocial.org.br/boletim/ebul21/fai_amarelo1.html. Acessado em 24/01/0

TRIPP, David. (2005) **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VALA, M. E. L. &. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, p. 401-411, 2004.

ZIVIANI, D. C. D. G. **A cor das palavras:** a alfabetização de crianças negras entre o estigma e a transformação. Belo Horizonte: Mazza, 20

Relação de Sítios:

www.acaoeducativa.org.br

www.almapreta.org.br

www.folha.blog.uol.com.br

www.brasildefato.com.br

www.casadasafricas.gov.br

www.ceert@uol.com.br

www.ceccip.com.br

www.controlesocial.org.br

www.culturanegra.htm

www.domaisgoias.com.br

www.geledes.org.br

www.ibge.gob.br

www.ipea.gov.br

www.justificando.com.br

www.literafrro.com.br

www.mec.gov.br

www.palmares.gov.br

www.penaafro.com.br

www.periodicos.capes.gov.br

www.pensareducacao.pensarbrasil.com.br

www.planalto.gov.br

www.quilombospartacus.wordpress.com

www.revistaafirmativa.com.br

www.revistas.usp.br/ceru/article/view

www.scielo.br

www.segredosdomundo.R7.com

www.spartacus.com.br